



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras (IL)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Programa de Mestrado em Linguística Aplicada

PELA LENTE DA LEGENDA:
um estudo de caso na recepção audiovisual

THAIS FRANCIS SILVA

Brasília – DF

2009

THAÍS FRANCIS SILVA

**PELA LENTE DA LEGENDA:
um estudo de caso na recepção audiovisual**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre pelo Programa em Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

Orientador:
Professor Doutor Mark David Ridd

Brasília - DF
2009

S586p

Silva, Thaís Francis.

Pela lente da legenda: um estudo de caso na recepção audiovisual. /
Thaís Francis Silva. – Brasília, 2009.
viii, 197f.; il.: 30 cm.

Orientador: Mark David Ridd

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília. Instituto de
Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2009.

1. Tradução audiovisual. 2. Legendagem. 3. Teoria da Recepção.
4. Receptor. I. Ridd, Mark David. II. Universidade de Brasília. III.
Título.

CDU 82.035

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mark David Ridd (UnB)
(Presidente da Banca e Orientador)

Profa. Dra. Eliana Paes Cardoso Franco (UFBA)
(Examinador Externo)

Profa. Dra. Sabine Gorovitz (UnB)
(Examinador Interno)

Profa. Dra. Cynthia Ann Bell dos Santos (UnB)
(Suplente)

Brasília, 28 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

Aos sete participantes desta pesquisa, pela generosidade, boa vontade e paciência.

Ao Professor Mark Ridd, pela confiança, pelas correções, pelos comentários sinceros e pelas conversas esclarecedoras.

Às Professoras Eliana Paes Cardoso Franco, Sabine Gorovitz e Cynthia dos Santos, por aceitar participar da banca examinadora e pelos comentários que contribuíram para a versão final deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, por dividirem as mesmas dúvidas e anseios.

DEDICO ESTE TRABALHO

Aos meus pais Argileu e Rosa, que, com sabedoria, me mostraram o caminho até aqui.

Aos meus irmãos Thiago e Felipe, que divertem os meus dias.

Ao meu namorado Eduardo Sales, amigo e companheiro.

À minha tia Rose, lutadora até o fim.

RESUMO

O presente trabalho estuda as questões relacionadas à recepção de conteúdos audiovisuais, mediada por legendas. Utilizando a abordagem de estudo de caso, foi escolhido o filme *O Caçador de Pipas*, de Marc Forster (2008), a fim de analisar a reação do telespectador ao encontrar-se totalmente ou parcialmente dependente das legendas. A característica decisiva para a escolha do filme ocorreu devido às línguas originais presentes (pashto e inglês). Os sete participantes foram submetidos a três questionários e uma entrevista: questionário prévio, que procurou obter opiniões gerais a respeito da necessidade, gostos e desgostos dos participantes em relação a filmes legendados; questionário geral sobre o filme, buscando captar o entendimento global do filme apresentado; questionário sobre partes específicas do filme, analisando questões pontuais quanto à legendagem e recepção do conteúdo audiovisual. A entrevista, por sua vez, serviu para a triangulação dos resultados. A análise dos dados permitiu verificar algumas necessidades e consequências das legendas para o espectador, como esclarecer as falas ou desfazer uma falha de som que, em alguns momentos, se torna barreira para a absorção dos detalhes do filme; ou como aperfeiçoamento lingüístico em uma segunda língua, seja na pronúncia, seja na ampliação de vocabulário; ou, ainda, como meio incentivador de uma leitura peculiar.

Palavras-chave: tradução audiovisual, legendagem, Teoria da Recepção, receptor.

ABSTRACT

The present study examines the reception of audiovisual contents mediated by subtitles for Brazilian viewers. Using the case study approach, the film *The Kite Runner*, by Marc Forster (2008), was chosen to analyze the reaction of the viewer when fully or partially dependent on subtitles. The film was chosen because it contained two original languages (Pashto and English). The seven participants were submitted to three questionnaires and an interview: a preliminary questionnaire, to obtain general opinions regarding needs, tastes and participants' displeasures in relation to subtitled films; a general questionnaire about the film, to ascertain the global understanding of the film presented; a questionnaire about specific parts of the film, analyzing points relating to the subtitling and reception of the audiovisual content. The interview served to triangulate the results. The analysis of the data collected allowed us to verify certain viewer needs and subtitling consequences, like explaining the speech or compensating for soundtrack flaws that, at some moments, were a barrier to comprehension of the film's details; or improving linguistic command in a second language, be it in terms of pronunciation, vocabulary enrichment; or to encourage further reading.

Keywords: audiovisual translation, subtitling, Reception Theory, viewer.

SUMÁRIO

Introdução	1
Pesquisas em Tradução Audiovisual: justificativa	1
Objetivos	5
Objetivos Específicos	5
Estrutura da Dissertação	6
Prévias Considerações Metodológicas	7
1. Fundamentação Teórica	8
1.1 Tradução Audiovisual	8
1.1.1 Panorama histórico	8
1.1.2 Modalidades	14
1.1.3 Relações no sistema de tradução audiovisual	15
1.2 Legendagem	22
1.2.1 Características e dificuldades do processo de legendagem	23
1.2.2 Tradução diagonal	28
1.2.3 Participantes dos processos	32
1.2.4 Processos	33
1.3 Recepção e Audiência	37
1.3.1 Surgimento e aspectos gerais	37
1.3.2 Teoria da Recepção e o receptor	42
1.3.3 Recepção audiovisual por meio da legenda	50
2. Metodologia	61
2.1 Pesquisa qualitativa	62
2.2 Pesquisa bibliográfica	63
2.3 Estudo de caso	65
2.4 Seleção do filme	67
2.5 Seleção dos participantes	68
2.6 Instrumentos de coleta de dados	70
2.6.1 Questionários	70
2.6.2 Entrevistas	71

2.6.3 Gravações	73
2.7 Questões de ética	73
3. Análise dos Dados	74
3.1 Levantamento dos dados	74
3.2 Tratamento dos dados	75
3.2.1 Preferência de modalidade	76
3.2.2 Legendas esclarecedoras	78
3.2.3 Escolha lexical	84
3.2.4 Legenda como meio incentivador da leitura	89
3.2.5 Legenda e suas interferências	90
3.2.6 Legenda – verificação de conhecimento em língua estrangeira e a sua influência na absorção do conteúdo cinematográfico	93
3.2.7 Conhecimento do idioma estrangeiro e a dependência da legenda	98
3.2.8 Ambientação linguística original	103
3.3 Conclusões	106
Considerações finais	109
Referências bibliográficas	111
Anexos	
Anexo I – Termo de Consentimento	117
Anexo II – Questionário prévio	119
Respostas – Questionário prévio	120
Anexo III – Questionário geral sobre o filme	134
Respostas – Questionário geral sobre o filme	135
Anexo IV – Questionário de partes específicas do filme	144
Respostas – Questionário de partes específicas do filme	145
Anexo V – Entrevistas	154

INTRODUÇÃO

Pesquisas em Tradução Audiovisual: justificativa

Ao iniciar esta pesquisa, procurei entender a prática, o papel da tradução audiovisual no mundo real e, ao mesmo tempo, basear meus estudos em pesquisas anteriores. Confesso que as dificuldades surgiram, pois o foco na tradução não está nos processos audiovisuais, e as pesquisas realizadas ainda são insuficientes. É bastante claro que, há muito, a tradução audiovisual tem tomado espaço e se ampliado em suas diversas técnicas, já que, principalmente, as produções cinematográficas aumentaram consideravelmente nas últimas décadas. No entanto, o que não se observa é a preocupação de instituições e de pesquisadores no estudo dessa vertente. À medida que o campo da tradução audiovisual se expande, as culturas de diversos povos se estreitam, tornando esse vértice da tradução muito rica. Agora, por que ainda há certo distanciamento e limitação nas pesquisas voltadas para o audiovisual?

Por uma questão até mesmo de tradição, pouco se estuda a respeito da tradução audiovisual. Talvez porque a escrita tenha surgido muito antes de se pensar em realizar produções midiáticas, as obras literárias ganharam anos a frente na prática tradutória. Contudo, em dias atuais, a tradução, nos meios audiovisuais, arrisco-me a dizer, é a prática mais expansiva nesse campo, devido ao seu amplo alcance na população e sua facilidade de recepção; e à imensa quantidade de produtos que hoje são transmitidos velozmente para diferentes culturas e intermediados pela tradução. Dessa forma, o leque de modalidades - que melhor trataremos adiante - é amplo, tornando seu estudo ainda mais detalhado. Ao dividir a tradução audiovisual em legendagem, dublagem, *voice over*, *closed caption*, para citar apenas os mais conhecidos, as pesquisas encontram grande carência em metodologias e teorias.

Com relação mais especificamente à legendagem – objeto deste trabalho –, os estudos estão um pouco mais ampliados. A maioria dos trabalhos desenvolvidos nessa área traz aspectos mais técnicos da prática e focam a problemática, na maioria das vezes, no papel do tradutor, que deve sempre manter um grau padronizado no seu trabalho, ou até mesmo em estudos de casos muito específicos de legendas em um conteúdo cinematográfico. O que

proponho, aqui, é uma mudança de foco do profissional tradutor e do canal da legenda para o receptor. Ou seja, a pergunta de pesquisa que procuro responder é:

Como o telespectador encara o produto traduzido, de que forma tal recepção ocorre e quais influências a legenda pode causar em quem assiste e, ao mesmo tempo, lê um conteúdo audiovisual?

Acredito que as respostas para essa pergunta ainda são escassas e, por isto, há grande necessidade de uma abordagem não apenas teórica, mas também prática.

Outro fator que merece estudo mais aprofundado são as crenças que rodeiam todo ato tradutório, bem como o tradutor e, conseqüentemente, o receptor. Tais crenças não são apenas de cunho lingüístico, mas também de impacto social e cultural. É lingüístico porque, talvez até de maneira secundária, envolvem aprendizagem e aperfeiçoamento de uma língua estrangeira, quando, por exemplo, expectadores utilizam filmes estrangeiros para praticar a pronúncia, ampliar seu vocabulário e revisar a gramática. A crença, portanto, realça o que o receptor busca de uma tradução, os papéis que ela traz junto com a mensagem traduzida. Esta, por sua vez, pode reafirmar ou contrapor o que a sociedade espera e aceita como correto e satisfatório. Por isso, fala-se de impactos social e cultural fortemente enraizados no processo de tradução. Conforme os autores Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano (2003, p. 11) explicitam:

(...) as crenças comprovadamente desempenham um papel social mais amplo e, portanto, mais crítico, uma vez que, além de influenciar a performance do tradutor, elas também determinam a forma como a sociedade em geral tende a avaliar a tradução como profissão e o tradutor como agente dessa atividade, com base nessas percepções mais divulgadas.

Buscando desmitificar um pouco essas crenças pré-estabelecidas de o que seria uma tradução boa ou ruim, é que também enfatizo minha pesquisa na recepção. A forma como o telespectador recebe, decodifica e absorve o conteúdo é que informará se a tradução foi satisfatória ou não, considerando, é claro, qual era a intenção inicial de todo o processo e a

familiaridade que o receptor tem com a linguagem utilizada. Por isso, não cabe falar aqui em “fidelidade” ou “literalidade” em relação ao original, pois o que enfatizamos é a compreensão do texto, já que a tradução por meio de legendas é limitada pelo dinamismo de cenas e velocidade das falas. Tradutora e autora consagrada, Mona Baker (1999), enfatiza que trabalhos “relativamente” recentes, desenvolvidos em parte da Europa, se preocupam com a adequação do texto traduzido segundo a cultura-alvo, e não com a fidelidade ao texto-fonte ou ao autor. Tal concepção está relacionada com os estudos culturais discutidos ultimamente e que, segundo Baker, deveriam ser somados à Lingüística:

(...) os estudos culturais, apesar de estarem muito em voga no momento, dificilmente substituirão a lingüística como a disciplina que mais informa os estudos da tradução. Todavia, podem, sem dúvida, complementá-la, de modo que as duas áreas devem ser integradas e, não colocadas em posições antagônicas.

Se até mesmo a legendagem é pouco abordada, estudos voltados para sua recepção então quase não são encontrados. Isto é um tanto quanto paradoxal, já que o objetivo maior de qualquer tradução, seja ela literária, audiovisual ou oral, é a de satisfazer o receptor. A principal atenção se volta à maneira como o receptor irá compreender o que o outro exprime; caso contrário, não há por que fazer tradução. Ao iniciar minha pesquisa, essa foi minha maior preocupação, e me surpreendi ao perceber que pouco é tratado nesta área. Não há teoria ou abordagem que trate especificamente do receptor de traduções audiovisuais. Por isso, achei essencial tomar emprestada a *Teoria da Recepção* dos comunicadores sociais de forma a enquadrar esta pesquisa em uma fase um pouco mais sólida. Claro que tal teoria trata a recepção de modo geral e não enfatiza os meios midiáticos. Segundo Graeme Turner (2006, p. 4), a vertente que ainda tem muito a oferecer para os estudos do cinema é a pesquisa da audiência, pois ela ensina muito sobre a “forma como lemos os textos televisivos e como integramos estas leituras com outros aspectos de nossa vida”. Para esta pesquisa, os “textos” serão não apenas os conteúdos visual e auditivo, como também as legendas que devem ser integradas a esses conteúdos em qualquer meio midiático.

A tradução audiovisual tornou-se tão significativa e expressiva que o pesquisador Henrik Gottlieb (1998) criou uma classificação de países conforme as

modalidades de tradução usadas. São elas: *source-language countries* - países de língua inglesa com poucas importações, quando existentes costumam ser legendadas; *dubbing countries* – países que utilizam a dublagem como principal tipo de tradução de seus filmes (Alemanha, Itália, Espanha e França); *voice-over countries* – países como a Rússia e Polônia que não podem financiar a dublagem; e *subtitling countries* – países que preferem a legendagem, como é o caso de diversos países da Europa e América do Sul.

Além das questões levantadas anteriormente, é valioso ressaltar a importância dos textos midiáticos na construção e formação do receptor – indivíduo. É o que também tentamos enfatizar nesta pesquisa. Como será mais bem detalhada no Capítulo 1, a produção midiática desenvolve um sistema de produção de sentidos e significados que envolve a linguagem. Ou seja, é por intermédio dessa linguagem que a sociedade constrói sua identidade e dissemina seus padrões culturais. Dessa forma, tudo que é absorvido no processo audiovisual ajuda na construção do receptor como indivíduo. Ao se tratar de produtos estrangeiros, essa absorção é intermediada pela tradução. Pode-se perceber, portanto, que o processo tradutório influencia e, até mesmo, define o conteúdo midiático capturado e, conseqüentemente, os padrões culturais e ideológicos do receptor.

Quando a tradução audiovisual faz a mediação cultural entre os povos, o espectador, ao mesmo tempo, desenvolve uma leitura múltipla dos conteúdos. A leitura aqui está bem definida por Wilke *et al* (2003, p. 3), citando Orlandi (1999):

em uma perspectiva mais ampla, leitura pode ser entendida como atribuição de sentidos, referindo-se tanto à produção escrita, oral ou a qualquer outro exemplar de linguagem, sob qualquer forma que se apresente. Mas, leitura pode também significar concepção, estando desta forma ligada à noção de ideologia. Tal noção pode ser entendida como visão de mundo (...).

Portanto, ao realizar a leitura de textos fílmicos, o receptor não apenas lê as imagens, o som e as legendas, como também realiza uma leitura de mundo sobre o que o texto quer passar, a forma como foi construído, as cargas culturais e ideológicas do “outro”, o contexto sócio-cultural inserido (do país onde o filme foi produzido) e, acima de tudo, confronta toda essa absorção com a sua própria cultura e suas concepções. É chamada

também de “leitura transcultural” (tradução própria).¹

São todas essas considerações brevemente expostas nesta introdução que buscamos aprofundar na presente pesquisa. Tentamos relacionar a tradução audiovisual e suas implicações na audiência receptora dos conteúdos legendados. Adiante, segue a estrutura organizada para melhor discorreremos sobre esses assuntos.

Objetivos

Esta pesquisa objetiva analisar o papel das legendas para a recepção de conteúdos audiovisuais, estudando como a legenda pode influenciar, facilitar ou dificultar a recepção de conteúdos audiovisuais para os espectadores.

Objetivos Específicos

1. Demonstrar como ocorre o processo de recepção, abordando aspectos da percepção, interpretação e compreensão do espectador em relação ao conteúdo audiovisual;
2. Evidenciar a importância da legenda como aspecto mediador da recepção audiovisual;
3. Analisar a dependência, total ou parcial, do espectador em relação à legenda;
4. Avaliar as influências positivas e negativas das legendas para o espectador quando da capturação de conteúdos audiovisuais.

¹ Termo utilizado em: DINIZ, Thaís F.N. de. A New Approach to the Study of Translation: from stage to screen. Disponível em <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/thais.pdf> . Acesso em 18/05/2007.

Estrutura da Dissertação

A presente dissertação foi dividida seguindo uma ordem de desenvolvimento de conceitos e idéias a fim de alcançar seu melhor entendimento global. São três capítulos que podem abranger aspectos, inicialmente, gerais e que se aprofundam nas suas seções e subseções posteriores.

O próximo capítulo, Capítulo 1, aborda questões teóricas da tradução audiovisual e da recepção. A seção 1.1 foca a Tradução Audiovisual e subdivide-se nas subseções: 1.1.1 Panorama Histórico, no qual reunimos desde o início do cinema e o acompanhamento da evolução da tradução até os dias atuais e algumas perspectivas para o futuro; 1.1.2 Modalidades de tradução audiovisual, que mostra as técnicas mais utilizadas hoje e suas principais características; e 1.1.3 Relações no sistema de tradução audiovisual, que definem as características peculiares dessa tradução. Na seção 1.2, detalhamos melhor o nosso objeto de estudo: a legenda. Abordamos algumas características e dificuldades do processo de legendagem (Subseção 1.2.1); definimos a legendagem como uma tradução diagonal (Subseção 1.2.2); enumeramos os participantes do processo (Subseção 1.2.3), enfatizando o receptor; e descrevemos como ocorrem os processos de legendagem (Subseção 1.2.4). A Seção 1.3 aborda a recepção e a audiência. Na falta de uma teoria específica, como já mencionado, para a tradução audiovisual, optamos por utilizar a *Teoria da Recepção*, reunindo, portanto, na subseção 1.3.1, o surgimento e os aspectos gerais da teoria; na subseção 1.3.2, abordamos a Teoria da Recepção, enfocando o receptor; e em 1.3.3, adaptamos a teoria à recepção audiovisual e discutimos a interação entre o receptor e o processo de legendagem, buscando avaliar reações mais específicas.

O Capítulo 2 discorre a metodologia utilizada nesta pesquisa. Expomos, portanto, as características da pesquisa qualitativa (Seção 2.1), a abordagem da pesquisa bibliográfica (2.2) e os mecanismos do estudo de caso (2.3). Expomos também a forma como ocorreu a escolha do filme (Seção 2.4) e a seleção dos participantes (Seção 2.5), bem como a utilização dos instrumentos para a coleta de dados (Seção 2.6) - questionários, entrevistas e gravações (subseções 2.6.1, 2.6.2 e 2.6.3). Na Seção 2.7, tratamos das questões de ética que regeram esta pesquisa.

Com o intuito de presenciar e analisar todas as observações feitas nos estudos teóricos e na pesquisa de campo, o Capítulo 3 dedica-se à análise dos dados levantados na pesquisa de campo realizada. Em 3.1, abordamos o tratamento dos dados levantados. A seção 3.2 analisa os resultados da pesquisa de campo, confrontando-os com as pesquisas bibliográficas realizadas até hoje. E, finalmente, em 3.3, apresentamos as conclusões da pesquisa de campo.

Prévias Considerações Metodológicas

Neste trabalho, a pesquisa se deu de maneira qualitativa, a fim de desenvolver conceitos, descrever realidades e estender a compreensão sobre fenômenos relacionados às questões da prática de legendagem na tradução audiovisual e sua recepção que está muito relacionada ao âmbito cultural de cada sociedade.

Para tal, foram apresentados a fundamentação teórica da pesquisa, conceitos básicos de pesquisa qualitativa - bem como os métodos de estudo de caso, enfocando a reação do receptor ao se encontrar dependente das legendas no filme *O caçador de pipas* e técnicas de coleta de dados relacionadas a ele, como o questionário, absorvendo questões de interesse para o tema, e a entrevista com uso de um gravador para os eventuais esclarecimentos por parte da pesquisadora em relação ao objeto de estudo.

Esta pesquisa é um estudo de caso e, portanto, não tem a pretensão de ser exaustiva, pois se acredita ser o tema muito amplo e complexo. O objetivo principal foi dar um passo rumo a futuras pesquisas na área de recepção de traduções audiovisuais, buscando sempre o aperfeiçoamento nas metodologias de pesquisa e alargando as teorias relacionadas. Fica, aqui, um convite aos pesquisadores para entrarem e aprofundarem este estudo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Tradução Audiovisual

O conceito de tradução vem se ampliando nos últimos tempos. A tradução não se limita a um campo específico, mas inclui diversas modalidades como a tradução audiovisual, tradução simultânea, tradução de revista em quadrinhos, desenhos, etc. O desenvolvimento da tecnologia foi uma das responsáveis por essa ampliação, pois aumentou a quantidade e a qualidade dos trabalhos traduzidos. Os estudos também ganharam certo espaço entre os teóricos. Já não dava mais para ignorar a imensidão da comunicação em massa e o seu alcance frente à mídia. Apesar dessa aparente necessidade de se estudar e desenvolver a tradução audiovisual, o seu lugar ainda está defasado se compararmos com a tradução literária. Esta se encontra bastante consolidada pela tradição. A tradução audiovisual, no entanto, não possui essa antiguidade em estudos, até mesmo por não ser considerada, algumas vezes, como tradução. Henrik Gottlieb (1997, p. 86) aponta essa preocupação: “Na expansão rápida da literatura de legendagem, muitos autores - praticantes ou teóricos – preocupavam-se em definir legendagem como um tipo de tradução”² [tradução própria].

Dessa forma, cabe fazermos um retrocesso no surgimento de filmes e, conseqüentemente, das legendas para entendermos melhor todo o seu processo, suas modalidades, seus participantes e todas as suas peculiaridades.

1.1.1 Panorama histórico

² In the rapidly expanding literature on subtitling, many authors – be they practitioners or theorists – refrain from defining subtitling as a type of translation.

A tradução para filmes consiste em uma prática bastante recente se considerarmos que os primeiros vestígios de tradução literária se iniciaram anos antes da era cristã. No entanto, não poderia ser diferente já que o próprio cinema só teve início no final do século XIX. Em 1895, na França, os irmãos Lumière deram início a primeira exibição de cinema: uma série de dez filmes, com duração de 40 a 50 segundos cada, pois os rolos de película possuíam quinze metros de comprimento. Há registros de projeções anteriores, mas essa exibição dos irmãos franceses é considerada pela maioria dos estudiosos como marco inicial da “sétima arte”. A partir daí, o cinema se expandiu por toda a Europa, alcançando, posteriormente, os Estados Unidos e o restante do mundo. Assim, em um curto período de tempo, testemunhou-se uma grande evolução nos meios de comunicação audiovisual e, junto com eles, a globalização e a necessidade de se interrelacionar com o mundo e suas diferentes culturas e línguas. Assim como o cinema, a prática de tradução também evoluiu e se expandiu.

A idéia de combinar imagens e sons gravados é quase tão antiga quanto o cinema. No início dos anos 1920, contudo, a maior parte dos filmes eram mudos devido à inexistência de tecnologia para tornar isso possível. Tem-se, portanto a “era muda”. Não podendo se aproveitar do som sincronizado para os diálogos, intertítulos eram introduzidos para clarificar as situações ou fornecer diálogo crítico aos espectadores. Portanto, neste período, a legendagem era relativamente fácil para os tradutores, os quais apenas se substituíam as seqüências das falas e dos acontecimentos dos filmes originais³ na língua de chegada. Se a prática parecia ser menos complexa para os tradutores, para os técnicos, responsáveis pela inserção e edição das legendas, as coisas não eram tão simples. Sem a tecnologia avançada dos dias de hoje, os profissionais trabalhavam muito para retirar parte de um filme já pronto, recriar e inserir seqüências novas sem causar prejuízo ao filme. A arte cinematográfica atingiu sua maturidade na substituição dos filmes mudos por “filmes sonoros”, mas há os que pensam que a qualidade dos filmes baixou durante alguns anos até que o novo meio sonoro estivesse totalmente adaptado ao cinema.

Com a introdução do som e, conseqüentemente, da fala, no final dos anos de 1920, a idéia de comercialização das obras cinematográficas começaram a ampliar. Para atingir um número cada vez maior de público, a tradução passou a ser essencial nesse meio.

³ Entende-se aqui como “originais” os filmes da cultura de origem e não, em sentido mais conotativo, como o do inovador e diferente. Acredito ser o produto final da tradução bem original.

No entanto, a prática tradutória tornou-se um pouco mais complicada nesse momento, pois não se sabia ainda como adaptar as legendas ou, ainda, dublar as falas das personagens nos filmes. Na busca de tentar resolver tal impasse, companhias de filmes buscaram uma solução inovadora: produzir o mesmo filme do original em novas versões em diferentes línguas. Estúdios imensos eram construídos com este propósito, como, por exemplo, em Joinville, na França. Assim, o filme era reconstruído com o mesmo cenário, mas com diferentes autores e diretores. Certas vezes, o número de versões de um mesmo filme chegava a quinze. O resultado não foi nada satisfatório, pois não era viável economicamente e a qualidade dos filmes decaía muito, não atingindo o público. A partir de então, os filmes deveriam ser dublados ou legendados.

Foi a partir dos anos 30, e até os 50 aproximadamente, que um *boom* no que concerne ao cinema, principalmente o americano, já que a Europa estava economicamente abalada por causa da Segunda Guerra Mundial, o transformou em uma prática bastante exportada entre os países do mundo. Para tentar evitar o contínuo monopólio americano, os países europeus, após a guerra, adotaram certas medidas de proteção. “Os países europeus mais desenvolvidos tentaram se proteger contra a dominação da indústria cinematográfica americana. Eles delimitaram quotas de importação, buscando proteger a indústria local da competição estrangeira” (Danan, 1991, p. 608). Foi dessa forma que, na França, os filmes nacionais cresceram muito em 1938. Uma outra medida de proteção e de valorização dos filmes não-estrangeiros foi o encorajamento de se mostrar imagens com fortes identidades nacionais. Países como França, Itália, Alemanha e Espanha adotaram essa medida. Observando os limites de importação, os governos de cada região estabeleciam também regras a respeito das versões de filmes estrangeiros. A dublagem era, algumas vezes, imposta sob forma de lei. Segundo a pesquisadora Martine Danan (1991, p. 611), “Mussolini proibia qualquer versão não-dublada de entrar em seu país. [...] Segundo um acordo em 1955, distribuidoras americanas poderiam trazer apenas 80 filmes por ano à Espanha. Desses 80 filmes, 68 tinham de ser dublados e os outros 12, legendados”. Originalmente, portanto, a dublagem era resultado de uma política governamental em busca da construção do nacionalismo.

Nesse sistema fechado de nacionalismo, a tradução foi colocada em segundo plano e moldada de acordo com normas pré-estabelecidas. A tradução, neste caso a dublagem mais especificamente, em um meio nacionalista, deve ser orientada com intuito de entrar em

conformidade com os padrões locais. A dublagem esconde o estrangeiro, criando a ilusão de que os atores estão falando a mesma língua do espectador, sendo forma de supremacia da língua nacional e efetivando o poder político, econômico e cultural dos países. A legendagem, por outro lado, leva o espectador à cultura do filme de origem. De qualquer forma, havia o contato com o estrangeiro, mesmo que indiretamente em alguns momentos, o que poderia, em longo prazo, levar a uma “estrangeirização” cultural e a uma competição entre o nacional, situação nada agradável para os países ricos do momento. Tem-se, aqui, outro aspecto bastante interessante em relação à escolha da prática tradutória: poder econômico. Países mais ricos, como observado, tendiam a utilizar a dublagem como forma de tradução por ser uma prática mais cara. Já os países mais pobres buscavam uma forma mais barata de tradução, além de admirarem os atores estrangeiros, preferiam legendar os filmes importados.

Em torno dos anos 40, mesmo com a exportação de filmes em baixa, a legendagem não parou de se desenvolver e até se dava de maneira bastante interessante. Segundo Mary Carroll⁴, nesta época, produtores perceberam que as legendas não se encaixavam na transmissão por serem muito pequenas de ler. Várias técnicas foram utilizadas para se resolver o problema. Os tradutores escreviam as legendas em papel, os técnicos filmavam cada legenda em uma única cena e colocavam os negativos na câmera onde o filme seria rodado. Uma outra forma era que os tradutores inseriam as legendas manualmente enquanto o filme era encenado ou gravado. Atrasos eram inevitáveis, dependendo da atenção e do reflexo do tradutor. Todas essas formas foram utilizadas por muito tempo, sendo aperfeiçoadas conforme a tecnologia ia se evoluindo. A partir dos anos de 1960, ficou mais fácil inserir legendas diretamente no vídeo com o desenvolvimento dos *caption generators* (CARROLL, 2004, p. 1), mas ainda não sendo uma solução final para o problema. O papel do tradutor ainda continuava restrito, já que os técnicos eram responsáveis por editar, temporizar e colocar as legendas na tela. O tradutor permanecia ainda com recursos escassos e muitas vezes não tinha o contato direto com o resultado final do filme legendado.

No que tange a dublagem, vale destacar que foi neste período que o Brasil começou a desenvolver a técnica. Primeiramente, os desenhos animados começaram a ser dublados para o cinema, o que permitiu ao público infantil entender e se deliciar com as grandes obras do cinema de animação. No Brasil, em 1938, no Rio de Janeiro, o filme “Branca de Neve e os Sete Anões” marcou o início da dublagem brasileira, seguido por outras

criações dos Estúdios de Walt Disney como “Pinóquio”, “Dumbo”, “Bambi”. Com o sucesso da televisão, a dublagem se tornou uma necessidade, já que a taxa de analfabetismo, no Brasil, era alta e a melhor maneira de alcançar a maior parte da população era por meio dessa modalidade de tradução.

Ao final da década de 70, a legenda toma um rumo bastante importante na busca em tornar acessíveis os programas de televisão a um número ainda maior de espectadores. Surge em 1978, o primeiro serviço televisivo de legendagem para deficientes auditivos, *closed captions*, na Grã-Bretanha pela *UK Independent Television*. Após dois anos, o sistema foi lançado oficialmente em toda região e nos Estados Unidos. Contudo, as coisas não aconteceram tão rápidas em outros lugares. Aqui no Brasil, a Comissão de Educação do Senado Federal emitiu, em 2000, um parecer sobre o Projeto de Lei no. 69/2000, que “determina a obrigatoriedade do uso do sistema de legendamento oculto na veiculação de mensagens do Poder Público pelas emissoras de televisão”, e sobre o Projeto de Lei no. 286/1999, que “dispõe sobre a inclusão de legenda oculta na programação das emissoras de televisão”. Foi um grande avanço não só para os tradutores, como para uma parte da sociedade que vinha sendo esquecida e colocada de lado. Foi a partir daí que técnicas mais modernas de legendagem - como softwares de legendagem - começaram a tomar maiores proporções.

A tecnologia tomou conta do mundo. Nasce, aqui, esta nova era que transforma todas as atividades globais. Hoje, não se pode pensar em cinema sem ligá-lo à modernidade computadorizada que muito auxilia, melhora e agiliza o trabalho humano. Na tradução não é diferente. Tradutores, que antes utilizavam papel, caneta e sentiam-se desamparados, se entregam e aprendem mecanismos modernos desse período digital: com poucos “cliques” já se consegue encontrar e ter acesso a todos os tipos de informação, incluindo dicionários, bancos terminológicos e arquivos de diversas áreas. Um tradutor se sentiria perdido sem a Internet de hoje, a qual pode solucionar dúvidas de aspectos linguístico e cultural tanto da língua de saída quanto de chegada. Uma das áreas da tradução mais atingidas por esta onda digitalizada é a audiovisual, com a legendagem e dublagem.

Com a chegada do DVD, torna-se possível armazenar uma grande quantidade de dados, bem como filmes de grande duração e resolução. No entanto, os

⁴ Co-autora de *Subtitling* (1998) e diretora do *Titelbild Subtitling and Translation GmbH* (Berlim).

benefícios não se restringiram apenas à qualidade das imagens e à habilidade de se poder assistir a vários ângulos de filmagem. Para os tradutores, o grande salto foi o DVD permitir armazenar mais de 32 línguas na forma de legenda, não apenas no filme em si, mas também em seus créditos adicionais como: informações bibliográficas dos autores, produtores e diretores; acesso ao *making-of*; *trailers* de outros filmes relacionados. Se o DVD já impressiona, tecnologia mais recente parece coisa do futuro. DVB (*Digital Video Broadcasting*) é uma transmissão de sinais digitais, envolvendo, dessa forma, grande quantidade de informação. Segundo Fotios Karamitroglou (1999)⁵, “DVB é o aspecto de comunicação em massa do DVD. Transmissão de informação audiovisual para fins de comunicação em massa, que nós conhecemos como TV digital”. O DVB traz novos cenários para o futuro da legendagem com a idéia de se poder fazer desta uma tradução ao vivo e simultânea. Trata-se de uma legendagem de interlíngua ao vivo, um projeto que deve ser levado bem a sério com a chegada da TV digital. O impacto dessa nova face tecnológica televisiva trará grandes oportunidades para tradutores e espectadores, já que seus canais contarão com uma solução eficiente para monolíngües ou portadores de deficiência auditiva.

No que concerne à dublagem, o futuro parece prometer ainda mais, pois, com a digitalização, dificuldades ganharam ajuda. Primeiro: a qualidade do som melhorou. Fazendo uma análise e uma ressíntese da voz do dublador, atores podem alcançar um padrão de entonação, timbre e tom bem aproximados aos dos atores do filme original. E segundo porque, hoje em dia, pode-se separar o filme das vozes dos atores, mantendo, dessa forma, o original das músicas, efeitos e gerando um resultado muito mais real ao filme dublado. A prática de dublagem também já permite a habilidade de interferir na imagem original. Karamitroglou declara ser esse o método que os “animadores japoneses seguem para mudar os movimentos dos lábios de seus desenhos com o intuito de sincronizá-los ao (mais freqüente) *script* francês”. Essa nova técnica tem chamado muita atenção das produtoras de filme, as quais estão sempre em busca de maneiras de ultrapassarem o desconforto causado ao se assistir a um filme com não-sincronia entre a fala e o movimento labial.

⁵ Fotios Karamitroglou, nascido na Grécia, é Ph.D em Tradução Audiovisual pela IKY (*The Greek State Scholarship Foundation*) e membro da *European Association for Studies in Screen Translation* (ESIST) e do *British Institute of Translation and Interpreting* (ITI).

1.1.2 Modalidades

Conforme o panorama elaborado na seção anterior, pode-se verificar que a tradução audiovisual é bastante ampla nos modos como ocorre, podendo ser principalmente:

- a) dublagem;
- b) *voice-over*;
- c) legendagem;
- d) *closed-captions*;

Dublagem é a modalidade de tradução audiovisual em que o texto visual permanece inalterado e se substitui o texto oral original por outro texto oral em diferente língua. As principais preocupações nesse tipo de tradução giram em torno da sincronia labial ou sincronia fonética⁶, pois encontram nela maiores dificuldades de adaptação.

Voice-over se dá de maneira que o texto oral original não é apagado, apenas transmitido em volume mais baixo para que o texto oral traduzido seja sobreposto. Essa modalidade é comumente utilizada em documentários.

Legendagem ocorre quando o texto audiovisual original não é alterado e utiliza-se o texto escrito, que é transmitido simultaneamente à fala, em língua alvo. Os maiores cuidados a serem observados são na sincronização da fala com o texto respectivo e no conteúdo reduzido que a legenda comporta.

Os *closed-captions* são uma modalidade de grande ênfase para alguns

⁶ Termos utilizados por CHAUME (2004a).

estudiosos devido a sua capacidade de inserção de uma parte da população deixada de lado. Não deixa de ser uma forma de legendagem, já que seu texto oral também se dá por meio de texto escrito. Isso significa que o *closed-caption* não apenas ocorre na tradução, mas também na língua nativa, focando seu público nos portadores de algum grau de deficiência auditiva.

1.1.3 Relações no sistema de tradução audiovisual

Quando falamos em tradução audiovisual, devemos levar em conta vários aspectos que definem essa prática e também os códigos que a constroem. Um filme é composto por diversos significados que deverão ser decodificados pelo espectador para que se tenha uma satisfatória compreensão do conteúdo e, posteriormente, serem comparados e reestruturados com os significados pré-estabelecidos pela sociedade. Observando tais aspectos, todo processo tradutório se desenvolve dentro de questões não apenas técnicas, como também cognitivas e semióticas. Henrik Gottlieb (1997) salienta que textos audiovisuais são de aspectos polissemióticos – diferentemente, por exemplo, de livros não-ilustrativos que são monossemióticos - e, portanto, exigem que, nas traduções, sejam considerados quatro canais simultâneos (p. 89):

- 1) O canal auditivo verbal: diálogo, vozes de fundo, letras de músicas.
- 2) O canal auditivo não-verbal: música e efeitos sonoros.
- 3) O canal visual verbal: legendas e sinais escritos na imagem.
- 4) O canal visual não-verbal: composição e fluxo da imagem. ⁷ [Tradução própria]

No caso da dublagem, os quatro canais semióticos são mantidos conforme sua versão original. Já na legendagem, o equilíbrio é alterado quando as legendas inseridas modificam o canal verbal visual. Dessa forma, a atenção voltada para o diálogo falado - canal verbal auditivo - dos espectadores da língua original é substituída pelo fato de haver necessidade de leitura das falas na língua de chegada. Para tradução, devem-se considerar

⁷ 1) The verbal audio channel: dialog, background voices, sometimes lyrics. 2) The non-verbal audio channel: music and sound effects. 3) The verbal visual channel: captions and written signs in the image. 4) The non-verbal visual channel: picture composition and flow.

também três fatores definitivos: *tempo, duração e composição semiótica*. O fator tempo pode ser subdividido em tempo de produção do original, tempo de apresentação do original e tempo de apresentação da tradução.

Else Vieira (1996) também expõe claramente a visão sistemática de Even-Zohar, quem propõe uma abordagem funcional e relacional desses fenômenos semióticos. Ele acredita que tais fenômenos devam ser vistos como um sistema heterogêneo, múltiplo, onde os elementos se “interceptam e se sobrepõem, utilizando simultaneamente diferentes opções”. Esse sistema heterogêneo é o chamado polissistema: “uma rede fechada de relações na qual os seus membros assumem um determinado valor através de seus respectivos opostos. Mas ele é também uma estrutura aberta composta de várias redes simultâneas de relações”. Essas observações são muito bem aplicadas à tradução audiovisual, que interage, criando “relações”, com cada sistema – por exemplo, o filme, o tradutor, o receptor, o momento histórico e a cultura em que a sociedade está inserida interferem na maneira como o conteúdo é absorvido. São relações indissociáveis. Bem como afirma a autora Sabine Gorovitz (2006, p.17): “o filme não é um objeto que exista por si só, oferecendo uma mensagem cristalizada. Ele é, como toda obra, um ponto de partida para uma nova leitura, uma nova compreensão e uma atualização”.

Dessa forma, observa-se como a informação é potencializada nos produtos audiovisuais. Temos de assimilar imagem e som (falas e outros efeitos sonoros), e ainda algumas vezes acrescentar mais um elemento cognitivo estranho ao conteúdo – a legenda. São pontos cognitivos que exigem muito do receptor, mas que devem ser processados e integrados ao mesmo tempo, caso contrário, o sentido e entendimento são perdidos.

Na tradução audiovisual, alguns autores afirmam que essa interação é constituída por níveis e fatores. Conforme F. Karamitroglou (*apud* CHAUME, 2004a) entende, os níveis representam três subsistemas, formando um polissistema geral. São eles: o sistema de tradução da língua-alvo; o sistema de tradução audiovisual da língua-alvo; e o(s) texto(s) audiovisual(is) traduzido(s). Já os fatores são definidos segundo os níveis, sendo: os agentes humanos participantes na tradução audiovisual; os produtos; os receptores; métodos audiovisuais; costumes (contextos) que definem pré-opiniões de uma sociedade ou de uma instituição; e o mercado (rede de consumo). F. Chaume (2004a, p. 16) defende um novo método de análise de textos audiovisuais, sendo, estes, construções semióticas que

compreendem vários “códigos de significados que operam simultaneamente na produção de sentido” (tradução própria). Tais códigos são de diferentes ordens e complementares entre si, que, ao serem decodificados pelo espectador, dão significado ao texto. Dessa forma, cabe enumerar os códigos salientados por Chaume e que devem ser observados no processo tradutório. São eles:

1. *Código linguístico* – é a linguagem oral ou escrita utilizada, é um código compartilhado com todos os textos traduzíveis, portanto sua análise não é específica de um texto audiovisual. Contudo, a oralidade está mais presente no audiovisual, sendo assim mais espontâneo que o texto escrito e exigindo, talvez, mais cautela no momento da tradução.
2. *Códigos paralinguísticos* – são elementos externos ao texto a ser traduzido e que dão suporte aos tradutores e editores. São certas convenções de símbolos inseridos no *script* para facilitar na sincronia das traduções. Por exemplo, pausas nas falas (*/*), risadas (*R*), etc.
3. *Código musical e código de efeitos especiais* – músicas e alguns efeitos são fundamentais em alguns filmes, cabendo a elaboração de suas versões na tradução audiovisual para que haja consonância com os ritmos das canções originais. É muito comum observarmos, nas traduções por legendagem, legendas em itálico que indicam músicas.
4. *Código de organização/plano sonoro* – no plano audiovisual, o som pode ocorrer de duas maneiras: *on-screen* quando o som está inserido no enredo, por exemplo as falas dos personagens; ou *off-screen* quando o som não é parte efetiva do texto, como o narrador por exemplo. Na legendagem, o som *off-screen* também é marcado por legendas em itálico.
5. *Código iconográfico* – é a representação de ícones, índices e símbolos na tradução. Geralmente, opta-se por não traduzi-los, a não ser quando considerados essenciais para o entendimento do texto ou quando acompanhados de uma explicação.

6. *Códigos fotográficos* – referem-se aos aspectos fotográficos do conteúdo visual, como as cores. Chaume indica que certas cores também geram impactos na cultura de chegada. “Uma cor que tem certas associações em uma cultura pode não ter essas mesmas associações em outra cultura” (tradução própria).
7. *Código de planejamento* – está diretamente relacionado à sincronização das falas. Na dublagem, esse código é mais significativo e perceptível já que a tradução deve ter sincronia com a abertura e fechamento da boca do ator. Na legendagem, esse aspecto não existe, a preocupação aqui é com a sincronia do momento da legenda com o da fala.
8. *Códigos de mobilidade* – envolvem aspectos como a distância dos personagens entre si, bem como entre as câmeras, o que determina na legendagem, por exemplo, qual fala será traduzida; as falas e os gestos devem ser bem articulados e complementares, dessa forma, um gesto de negação com a cabeça, por exemplo, não pode vir acompanhada de uma fala afirmativa; e a sincronização da fala traduzida com os movimentos labiais originais, ou ainda a legenda com o momento da fala da personagem no original.
9. *Códigos gráficos* – são normas e códigos que representam a linguagem escrita na tela. Esses códigos acontecem sob a forma de títulos, intertítulos, textos e legendas que influenciam diretamente na tradução e na recepção dos conteúdos.
10. *Códigos sintáticos* – ocorrem quando da edição das traduções em seus respectivos filmes. Aqui, os tradutores devem ficar atentos com a seqüência das cenas, de forma que uma não venha a contradizer a outra. Deve-se atentar para termos onde cabem mais de uma tradução, pois uma pode não ser adequada à cena ou ainda confundir o espectador. Assim é de fundamental importância que o tradutor tenha acesso ao filme no momento da tradução e não apenas ao *script*.

Gottlieb (1997), em seu estudo, busca demonstrar que, na tradução, também ocorrem “transferências de parâmetros” do texto original. Cabe salientar que utilizamos, nesta

dissertação, “textos” como qualquer conteúdo verbal escrito ou falado, bem como foi definido pelo próprio autor (p.27): “definirei o termo ‘texto’ como sendo qualquer mensagem que contenha material verbal” (tradução própria). Sendo assim, tanto nosso material original, o filme, quanto a tradução aqui estudada, a legenda, são englobados como “textos”. Retornando às transferências que ocorrem no processo tradutório, cada tipo de texto exige um tipo de tradução. Contudo, H. Gottlieb (p. 37) afirma que “todos os parâmetros de transferência se aplicam a todos os tipos de textos”, sendo considerados, portanto, também para os textos audiovisuais. São eles:

1. *Motivo da tradução* – esse parâmetro aborda a intenção da tradução. Seja ela idêntica ou alterada em relação ao texto original. Em princípio, a intenção permanece a mesma na tradução, contudo alguns textos podem ter sua função modificada, como é o caso de textos persuasivos.
2. *Direção da tradução* – as traduções deveriam ser feitas de uma língua estrangeira para a língua materna do tradutor. Em alguns momentos, o tradutor trabalha de forma inversa, o que, para Gottlieb, pode causar problemas no texto final traduzido.
3. *Transferência direta* – o tradutor pode trabalhar diretamente com o texto original a ser traduzido, ou sua tradução pode se dar de maneira indireta, tendo como texto “original” uma prévia tradução em outra língua.
4. *Base de trabalho* – é a experiência do tradutor repassada para os textos por ele traduzidos. Aqui, observa-se seu perfil tradutório: há uma tendência a ser o primeiro a traduzir novas obras? Ou há um hábito de fazer retraduições de textos já anteriormente traduzidos?
5. *Escopo de funções do tradutor* – esse parâmetro aborda as funções que o tradutor assume ao realizar um trabalho, que podem ir de transferência apenas verbal até participação na criação estética final de um produto, por exemplo. Essa ampliação nas funções do tradutor em muito contribuem para um melhor resultado de seu trabalho, já que a tradução não está apenas inserida nos aspectos lingüísticos do texto.

6. *Preparação* – o tempo disponível para a preparação da tradução também é um aspecto que é transferido para o produto final. Muitos tradutores contam com tempo extremamente reduzido para a elaboração de seu trabalho. No que concerne à tradução audiovisual, a preparação se dá muito rapidamente, devido ao prazo de divulgação dos filmes. Na interpretação simultânea e na legendagem simultânea (*closed captions*), por exemplo, a preparação não ocorre, já que elas são feitas em tempo real e dificultam assim a sincronia da tradução com as falas.
7. *Quantidade verbal na tradução* – esse parâmetro refere-se ao conteúdo lingüístico transferido do original para a tradução. Isso quer dizer: a quantidade de informação verbal do texto original que é mantida, acrescentada ou reduzida ao se elaborar sua tradução. Em textos escritos, como nos livros, várias vezes observamos informações paratextuais que acrescentam a quantidade verbal, por exemplo, as notas de rodapé. Em casos como na legendagem, é nítida a redução desse conteúdo, pois a tradução por meio de legendas é muito condensada devido à velocidade da oralidade, o limite de caracteres, etc.
8. *Equilíbrio entre os canais semióticos* – Gottlieb defende que tal equilíbrio encontra-se no seguinte “par binário” (p. 40): *tradução isossemiótica X tradução diassemiótica*. Na tradução isossemiótica, o canal semiótico permanece o mesmo tanto no texto original quanto na tradução. É o caso, por exemplo, da dublagem, cujo canal oral é mantido. Já na diassemiótica, há mudança, como na legendagem, cujo canal semiótico passa a ser escrito quando no original o canal era oral. Claro que essa alteração no canal e elementos adicionais – a legenda, por exemplo – alteram as estratégias de recepção, que estudaremos mais adiante.
9. *Co-ocorrência do original* – nesse parâmetro, leva-se em conta a presença do original na tradução. Explicando um pouco melhor, são traços do original mantidos na tradução, seja uma palavra ou uma música não-traduzidas. Em alguns momentos, os tradutores utilizam esses recursos a fim de manter maior originalidade do texto-fonte no texto-alvo.
10. *Status na tradução* – refere-se aos créditos dados ao tradutor. Assim como autores são mencionados em seus trabalhos, os tradutores, paralelamente, deveriam receber

créditos por suas traduções. É de fundamental importância que os profissionais sejam reconhecidos, de forma a assumirem também responsabilidade pelo seu trabalho.

11. *Comunicação verbal entre tradutor-audiência* – seria o “feedback” para o tradutor. Seria a resposta da audiência ao trabalho do tradutor. Muitas vezes esse retorno imediato não é plausível, já que nem sempre o tradutor tem contato direto com seu público. Tal fato é mais bem observado, por exemplo, em casos como a interpretação simultânea cuja audiência encontra-se em contato real com o tradutor. Esse parâmetro possibilita tanto ao tradutor quanto ao receptor identificar qualquer falha na comunicação mais facilmente.

12. *Diversificação* – segundo Gottlieb, esse último parâmetro refere-se à possibilidade de proporcionar para cada receptor uma maneira diversificada de tradução, suprimindo qualquer que seja sua necessidade lingüística. Os *closed captions* exemplificam muito bem essa diversificação de audiência e conseqüentemente sua adequação na tradução. Por ser muito ampla, tal diversificação me parece um pouco ilusória, já que cada receptor tem seu perfil de absorção, compreensão e dificuldades. Não há como restringir uma tradução a esse ponto, não há como dar conta de cada peculiaridade. O que ocorre são agrupamentos de receptores em comum como: filmes didáticos para o público infantil, ou com deficiência auditiva. Qualquer tentativa de individualização é mera pretensão.

Observadas as relações que o sistema de tradução audiovisual mantém com o externo e até mesmo entre si, verifica-se a complexidade que tal modalidade está inserida. Não falamos em apenas papéis lingüísticos de entendimento do produto final – a tradução –, mas também como ele interfere no receptor e vice-versa. Ao se produzir tradução, têm de se levar em conta todos os códigos envolvidos e a maneira como estes determinam a linha a ser seguida pelo tradutor e todas as etapas do processo tradutório. Veja que, hoje, não cabe mais falar em processos isolados já que a interação autor-obra/original-leitor; tradutor-obra/traduzida-leitor é indissociável e cada elemento, indispensável.

A repercussão de uma tradução audiovisual atinge níveis grandiosos quando

a autora Agnieszka Szarkowska⁸ (2005), no seu artigo *The Power of Film Translation*, relaciona a dublagem e a legendagem, por exemplo, com dois termos utilizados no âmbito da tradução: “domesticação” e “estrangeirização”, respectivamente. Lawrence Venuti (*apud* BAKER, 1998) já lançava mão desses termos para explicar a relação da tradução com a cultura de chegada. De maneira geral, já que não cabe aqui abordar profundamente estas questões, as estratégias de “domesticação” vêm sendo utilizadas desde a Roma Antiga como forma de conquistar povos. Na tradução audiovisual, a denominação está bem relacionada com a dublagem, pois pressupõe a idéia de dominação, não havendo interferências e não deixando brechas para comparações, por parte do receptor, de falas e culturas no original e no filme dublado. O outro termo é chamado de “estrangeirização”, primeiramente utilizado pela cultura germânica durante o período romano, e se preocupava em não se desfazer do “outro” (estrangeiro). Ao relacionar o termo com a legendagem, espera, portanto, que o espectador entre em contato com um mundo estrangeiro. Segundo Szarkowska (2005), “estrangeirização privilegia a cultura de origem, e evoca o “outro”, enfatizando a natureza estrangeira do filme”.

Se falar em tradução audiovisual, abrangendo todos esses aspectos, parece desafiador, quando afunilamos nosso estudo para a legendagem, o trabalho tende a ser quase que desanimador. A legenda exige de seus tradutores, técnicos e receptores um esforço ainda maior. Aos tradutores, cabe conhecimento adicionado à criatividade. Aos técnicos, precisão. E aos receptores, habilidade e rapidez cognitivas. Para melhor entendermos as minúcias desse processo em particular, detalharemos um pouco mais alguns aspectos da legendagem.

1.2 Legendagem

Vivemos na era fílmica. Esta foi uma das grandes mudanças ocorridas no começo do século passado. Com o surgimento e difusão das artes de massa, o cinema passou a influenciar no modo como as pessoas percebem o mundo. As pessoas já não estão mais imunes aos inúmeros produtos que chegam às suas telas todos os dias. Uma das grandes

⁸ Professora e doutoranda em Tradução - Inglês/Polonês da *Warsaw University*.

preocupações no que concerne essa comunicação em massa está o fato de como o cinema é recepcionado e até que ponto ele expressa a realidade. Após discussões e diversificados posicionamentos a esse respeito no início da década de 90, cabe ressaltar que hoje não se admite a imagem como reprodução fiel do real, ela apenas reconstrói a realidade a partir de uma linguagem própria dentro de um contexto histórico momentâneo. Como afirma a autora Mônica A. Kornis (1992, p. 239) em seu artigo:

o filme [...] passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. Os vários elementos da confecção de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor – são elementos estéticos que formam linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real.

Portanto, não se pode negar que há manipulação das imagens e que o filme interpreta uma face da realidade de acordo com sua produção e realização. Contudo, o filme não se basta em si, ele deve ser analisado enquanto linguagem e agente social. Ou seja, o filme articula todos os elementos de sua construção com os contextos histórico e social em que foi produzido. Alguns historiadores consideram o filme como documento histórico. Dessa forma, o filme torna-se fonte para o entendimento de certos comportamentos, visões de mundo, valores e identidade de uma sociedade em determinado momento. Nessa divergência entre o que realmente o cinema representa, o que ainda podemos afirmar é que ele possui sim uma maneira própria de comunicação e linguagem. É uma linguagem criada pela montagem fílmica que pode nos levar a uma análise do funcionamento da sociedade em alguns aspectos culturais e sociais, mesmo não sendo o filme cópia fiel da realidade.

1.2.1 Características e dificuldades do processo de legendagem

O cinema privilegia também o imaginário humano, tentando demonstrar como a imaginação é desenvolvida e interferida pelo filme e como se estabelece a relação

entre o autor, o texto e o espectador. O filme revela o que não é visível, como aspectos que ultrapassam as imagens e expressam a ideologia da sociedade ou ainda que ajam como forma de conscientização dessa sociedade. Pode-se dizer, portanto, que as imagens cinematográficas são “uma reflexão em torno do mundo que as cerca, ao mesmo tempo em que recriam uma possível porém imaginária visão de alguns aspectos da sociedade, que é apenas *uma* entre as várias visões possíveis” (Kornis, 1992, p. 249). A importância do papel do filme interpõe uma série de variáveis, dentre as quais a legenda é uma delas e pode interferir de maneira significativa em como o conteúdo é percebido e construído pelo espectador.

No resultado dessa construção, as legendas podem ser alvos de críticas algumas vezes injustas e superficiais, geralmente focadas na supressão de informações, na “infidelidade” com as falas do filme, no uso de expressões estranhas à língua de chegada. Em sua maioria, essas críticas não consideram as peculiaridades do ambiente audiovisual e do processo de legendagem por não serem de conhecimento dos críticos (estes sendo, em grande parte, o público com certo grau de conhecimento da língua original). Isto ocorre devido ao espectador ainda acreditar que a boa tradução é aquela literal (como veremos mais adiante), no entanto abordagens mais modernas consideram a tradução descritiva a mais adequada. Esses estudos abrangem a tradução em todo seu processo, seu produto e sua função dentro do contexto em que foi desenvolvida para, então, entender na prática como ela é recepcionada e quais efeitos são ocasionados. Dessa forma, não podem os críticos apenas analisar as legendas em contexto único, devem verificar todo o seu ambiente audiovisual (ambientes de produção, distribuição e exibição dos materiais audiovisuais, as características técnicas de elaboração das legendas, a atuação dos profissionais e suas condições de trabalho, o público a que se destina a tradução, etc.) para uma crítica mais precisa.

Por serem meios de comunicação, os produtos audiovisuais acabam por transmitir informações, mensagens, conceitos, opiniões e até mesmo ajudam a formá-las, ou apenas divertem. Entretanto, para conseguir atingir seus objetivos comunicativos, eles devem, acima de tudo, ser aceitos e muito bem assimilados pelos espectadores. Assim, imagine ainda adicionar um elemento a mais em todo esse processo de percepção. Destarte, a tradução de filmes por meio da legenda pode se tornar, para o receptor, a modalidade mais exigente cognitivamente. A transformação de texto oral por texto escrito obriga o receptor a se exigir um pouco mais, isso porque sua atenção será dividida para funções distintas: escutar o som, assistir às imagens e ler as falas dos personagens. Entende-se, então, porque os filmes

legendados exigem tanto dos seus espectadores e muitas vezes tornam-se tarefa quase impossível para alguns.

A primeira dificuldade encontrada aqui vem com a necessidade de contato com dois conteúdos: verbais e não-verbais. Verbais no que tange a língua falada e a escrita, e não-verbais, as imagens. Associa-se a isso a demanda do receptor em ler a legenda quase ao mesmo tempo em que vê as imagens e escuta os sons. Essa troca de assimilação de códigos não ocorre de forma natural, o que demanda um esforço ainda maior. Porém, o espectador busca por essa naturalidade de forma que ele tenha a impressão de que “está escutando o que realmente está lendo”. Outro aspecto ligado a esse é a utilização da escrita para representar um discurso oral. Não há dúvida de que a perda linguística ocorre nesses processos, devido ao espaço que a legenda ocupa e à velocidade de leitura. Contudo não só a fala fica prejudicada, a imagem também sofre perdas. O filme não é produzido para conter legendas, sendo a imagem invadida por esse elemento adicional. Toda essa comunicação audiovisual (som, imagem e fala) orienta o receptor ao entendimento do filme, mas pode ser um empecilho para a tradução.

Todas essas peculiaridades tornam a legendagem uma forma singular de tradução. Henrik Gottlieb, no seu já referido trabalho, aponta cinco características básicas desse processo tradutório. A legendagem é, primeiramente, de natureza *escrita*, o que a difere das outras modalidades de tradução audiovisual. Uma segunda característica é pela legenda ser *adicionada* ao texto original, mantendo assim a língua fonte no discurso. Pode-se dizer também que ela é *imediata*, já que as traduções são apresentadas ao receptor sem que este possa interferir na sua fluidez, seguindo a necessidade de serem *sincronizadas* com os diálogos do original. Um último aspecto abordado por Gottlieb trata do uso de pelo menos dois canais paralelos para a total transmissão do original.

O autor Patrick Zabalbeascoa (*apud* GIMBERT, 2005) defende um modelo ao se produzir traduções – *P-R Model*. Esse modelo se baseia na idéia de que sempre haverá “prioridades” e “restrições” – chaves para as soluções e técnicas na tradução – a serem respeitadas. Para os tradutores, prioridades são as características formais e funcionais que a tradução terá. Já para os receptores, são as características interpretativas, os aspectos explícitos e implícitos da tradução. As restrições são todas as dificuldades enfrentadas, tanto interna como externamente ao texto, e acabam por hierarquizar as prioridades do tradutor.

Dessa forma, são selecionados os diálogos ou partes dos textos que serão mantidos na tradução.

Para maior detalhamento, utilizaremos as diferenciações de Gottlieb para algumas restrições na legendagem. O autor chama de restrições formais aquelas que englobam aspectos quantitativos como o fator espacial da legenda, ou seja, o limite máximo de caracteres pré-estabelecido pelo tamanho da tela, e o fator tempo – a leitura exige mais tempo. Outras restrições são as textuais que atentam para a qualidade das legendas. Quando introduzidas nas imagens do filme, este pode ficar prejudicado devido ao posicionamento e à duração das legendas que devem coincidir com a dinâmica das cenas. Cabe ao tradutor, muitas vezes como solução, reduzir as legendas. Outra preocupação com qualidade é a de refletir o estilo, a espontaneidade, o tempo das falas, a sintaxe e a ordem dos elementos principais nos diálogos. Nas palavras do autor (GOTTLIEB, 1997, p.74): “A recepção dos espectadores de um programa de televisão legendado está baseada na interação legenda-imagem, com o diálogo fazendo o papel principal”⁹ [tradução própria]. As atenções devem estar focadas nos valores estilísticos e semânticos para preservar a qualidade da tradução.

Outra barreira que a legendagem encontra é a não-familiaridade do espectador com o tema abordado no filme, seja por motivos sociais, étnicos, geográficos, históricos, de religião, de sexo, de idade, etc. Muitas vezes, o que determina o conteúdo da legenda é o grau de intimidade que o espectador tem com o assunto abordado. Isso ocorre também de acordo com a bagagem linguística de cada indivíduo, ou seja, seus padrões de linguagem e sua capacidade de identificação com o outro. Cabe ressaltar que o “outro”, manifestado no processo de legendagem, é a cultura do texto original. De acordo com esse grau de familiaridade, o espectador responde positiva ou negativamente ao que foi assistido intermediado pela legenda. Para Gottlieb (1997, p. 74), essa resposta negativa pode ser percebida tanto pelo tradutor quanto pelo espectador quando: “programas satíricos apresentam trocadilhos que se referem a fenômenos verbais, como homônimos específicos da língua-fonte e piadas, que pressupõem um conhecimento detalhado de pessoas e lugares na cultura-fonte”¹⁰ [tradução própria].

⁹ The viewers’ reception of a subtitled television program is based on the interaction subtitles-picture, with the dialog playing a pivotal role.

¹⁰ Satirical programs present puns referring to verbal phenomena such as source-language specific homonyms, and jokes presupposing a detailed knowledge of people and places in source culture.

Na tentativa de “fidelizar” o texto ao seu original, o espectador depara-se com dificuldades definidoras para o entendimento. Dessa forma, estudiosos buscam novas formas de tradução que abarquem também elementos extralingüísticos, até porque nenhuma tradução é cópia fiel de seu original já que línguas diferentes possuem estruturas lingüísticas diferentes. Gottlieb (1997, p. 88) assegura:

Todas as linguagens humanas expressam nada mais que sua própria cultura: diferentes idiomas possuem diferentes campos semânticos e diferentes regras de coerência e coesão entre elementos. E não apenas os idiomas diferem em termos do que pode ser dito; eles também diferem em termos do que provavelmente será dito em situações específicas ¹¹ [tradução própria].

Ainda para o autor, a “noção de tradução equivalente é um ideal ilusório para diálogos de filmes e TV” (tradução própria). Curioso Gottlieb se referir à tradução equivalente como se esta fosse literal, ou ainda tradução palavra-por-palavra. Barbosa (2004) difere um pouco dessa classificação e levanta alguns modelos de procedimentos de tradução que, de maneira mais objetiva, auxiliam o tradutor em seu trabalho. Apesar de não serem diretamente voltados para tradução audiovisual, vários desses procedimentos são muito utilizados na legendagem. A autora faz uma diferenciação entre tradução palavra-por-palavra, tradução literal e equivalência. Na primeira, conserva-se a mesma ordem sintática da frase e vocábulos com “semântica idêntica” ao original. A tradução literal procura manter fidelidade semântica, ajustando a morfossintaxe às regras gramaticais da língua de chegada. Certos autores condenam esse procedimento por ser o responsável por diversos erros na tradução. A tradução equivalente consiste em substituir um segmento do texto original por outro na língua de chegada que seja funcionalmente equivalente. É um recurso muito utilizado, por exemplo, na tradução de clichês e expressões idiomáticas. Como se pode notar, a tradução equivalente é uma solução muito utilizada na legendagem, até mesmo como forma de adaptação cultural que o tradutor procura realizar para facilitar o entendimento do público receptor.

¹¹All human languages express nothing but their own culture: different languages have different semantic fields and different usage-governed rules for collocation and cohesion between elements. And not only do languages differ in terms of what can be said; they also differ in terms of what is likely to be said in specific situations.

Como dito anteriormente, a legenda não ocorre de maneira única. Por conseguinte, o processo em si também não. Podemos dividir a legendagem seguindo seu objetivo lingüístico e suas versões. Linguisticamente, a legendagem pode ser *intra lingual*, quando feita dentro de uma mesma língua e cultura. A legendagem *interlingual* é a tradução feita de uma língua para outra. Nesse caso, o tradutor ultrapassa a questão da língua e busca apresentar a cultura do texto original na legenda. Tecnicamente, distinguimos a legenda em *aberta* ou *fechada*. A primeira ocorre quando a tradução é apresentada junto com a versão no original, sem opção para o receptor. É o caso da legendagem de filmes que podem ser mostrados com ou sem as legendas. A legenda fechada é adicionada optativamente ao original, conforme preferência do espectador. É o que ocorre em alguns programas de televisão via satélite cuja legenda é transmitida por diferente sinal.

Após de apresentadas todas essas características peculiares, observamos que a legendagem se dá de maneira muito especializada, envolvendo diferentes canais semióticos e sendo definida por certas limitações espaciais e temporais. Para entendermos melhor a complexidade da legendagem, iremos abordar, na seção seguinte, o conceito de tradução diagonal de H. Gottlieb.

1.2.2 Tradução Diagonal

O termo *tradução diagonal* foi, primeiramente, cunhado por Henrik Gottlieb, por consequência da sincronia entre o receptor e o original. Tal sincronia se dá de maneira graduada com o espectador realizando a absorção do filme em intervalos de leituras, diferentemente da dublagem na qual a sincronia se dá obrigatoriamente. O texto (filme) é lido, portanto, em fragmentos, totalizando-se em uma visão geral do conteúdo. Ocorre, dessa forma, uma sincronia relativa, dependendo da capacidade de leitura de cada espectador. Sem querer me estender, já que esse assunto será mais bem detalhado adiante, se o espectador possuir facilidade e velocidade em decifrar as legendas, poderá ocorrer antecipação das falas. Caso contrário, o espectador com leitura um pouco mais lenta pode sentir defasagem na captura do conteúdo audiovisual.

A legendagem é um tipo de tradução que podemos dizer ser aparente, já que mantém a versão original, mesmo que para isto tenha de lidar com maior número de críticas. Segundo H. Gottlieb (1997, p. 108), ao mesmo tempo em que recebe críticas, a legendagem é “fragmentária, já que representa apenas o léxico e as características sintáticas do diálogo. As características prosódicas não são representadas nas legendas (pontos de exclamação, itálicos, etc.), são apenas vestígios que a entonação dá às palavras do diálogo”¹² [tradução própria]. Ou seja, o espectador tem de voltar às imagens e ao som da versão original para captar o sentido e contexto das falas (legendas). Comparando com a dublagem, esta oferece uma tradução oculta, pois o espectador não tem contato com a versão original, substituindo todo o diálogo e, algumas vezes, músicas na sua tradução. Gottlieb (1994, p. 108), mais uma vez, acrescenta: “Esta tradução integral proporciona para as pessoas uma única representação do diálogo, não forçando sua audiência a acrescentar um terceiro esforço cognitivo (leitura) aos dois esforços básicos: assistir e escutar”¹³ [tradução própria]. Para alguns, essa versão passa a ser a original.

O processo tradutório de legendagem deixa transparecer a autenticidade do produto audiovisual, mas também não se pode esquecer que a legenda é um elemento adicional na imagem e, conseqüentemente, causa algum tipo de intervenção na audiência. É pouco provável que o espectador, mesmo tendo algum conhecimento do idioma da versão original, não leia as legendas quando estas aparecem. Por essa razão, quando as imagens ocupam uma posição prioritária no filme, utilizam-se os processos de dublagem ou de *voice over* para que o receptor permaneça com sua atenção voltada para o visual. Caso o foco se dê além das imagens e passe a atuar nos gêneros que enfocam o ser humano, convém utilizar a legendagem para, além de manter a autenticidade do original, evitar redundâncias entre imagens e diálogos. Até porque os códigos oral e escrito (imagem e diálogo legendado) se complementam, as legendas estão vinculadas às imagens e ao som. Como expõe Carvalho (2005):

Ainda que não sejamos capazes de compreender o que é dito na língua original, o ritmo, a entonação, a expressão, o gesto, a atitude – tão difíceis de serem captados por escrito – se justapõem ao texto sincronizado das legendas formando uma espécie de simbiose.

¹² fragmentary in that it only represents the lexical and the syntactic features of the dialog. The prosodic features are not truly represented in subtitles: exclamation marks, italics, etc., are only faint echoes of the certain ring that intonation gives the wording of the dialog.

¹³ This integral translation gives people an all-in-one representation of the dialog, not forcing its audience to add a third cognitive effort (reading) to the two basic efforts: watching and listening.

Na busca em representar o homem e seus pensamentos, não há solução única em tradução audiovisual. Percebe-se que mídias e tipos de discursos diferentes exigem diferentes modalidades de tradução e, conseqüentemente, trazem diferentes obstáculos e soluções. Existe sempre mais de uma solução possível para a legendagem, mas também existem soluções inadequadas que não conseguem atingir o público-alvo. Esta é uma das principais considerações que devem sempre ser observadas a cada legenda: o receptor. Além, é claro, dos significados lingüísticos, estéticos e técnicos dos diálogos e do conteúdo total do filme. Gottlieb (1994, p. 110) afirma que, na legendagem, “o ato da fala está em foco; intenções verbais e efeitos visuais são mais importantes que os elementos léxicos”¹⁴ [tradução própria]. Essas características demonstram que a legendagem é uma forma de tradução peculiar – *bidimensional* (Gottlieb, 1994).

Se compararmos com a dublagem ou com a interpretação simultânea - modalidades de tradução com apenas uma dimensão verbal de transmissão (*tradução horizontal ou unidimensional*) -, a legendagem exige mais do espectador porque acrescenta mais um conteúdo verbal ao conteúdo audiovisual – a legenda. Na tradução horizontal, as mensagens transferidas permanecem com o mesmo código do original. Isto significa que, se na versão original ocorre a fala, a tradução também será falada, ou ainda, se é em formato escrito, a tradução também será escrita. Por exemplo, na interpretação simultânea, na dublagem ou na tradução de livros. Quanto à bidimensional, a tradução pode ser *vertical* ou *diagonal*. Vertical quando há mudança no código (oral para o escrito), mas dentro de uma mesma língua – intralingual. É o caso, por exemplo, dos *closed captions*. A tradução diagonal – que é a que nos interessa neste estudo – ocorre quando, além da mudança de diálogo falado para o diálogo escrito, a tradução dá de uma língua para outra – interlingual. Abaixo, para facilitar o entendimento, reproduzimos o quadro explicativo apresentado por Carvalho (2005), com algumas adaptações:

¹⁴ the speech act is in focus; verbal intentions and visual effects are more important than atomized lexical

a) Tradução horizontal:

Código	Língua-fonte	Língua-alvo
Oral	Fala → Fala	
Escrito	Escrita → Escrita	

b) Tradução vertical e diagonal:

Código	Língua-fonte	Língua-alvo
Oral	Fala	Fala
Escrito	Escrita	Escrita

Como já foi discutido, o problema maior se encontra na harmonização entre o falado e o escrito. Concorde-se que a legendação total dos diálogos orais de um filme é impossível devido à incompatibilidade de velocidade entre escuta e leitura. As principais características, além das já mencionadas até aqui, que distinguem o código oral do escrito, e que podem causar algum desconforto tanto para o tradutor quanto para o receptor, em geral envolvem também:

- 1) A linguagem falada possui normas, estilos e menos formalidade que a linguagem escrita;
- 2) A fala é mais espontânea, com pausas, exclamações, entonações, frases incompletas e algumas vezes, consideradas pela escrita, incorretas, ambigüidades.
- 3) A linguagem oral apresenta dialetos e características sociais e culturais que a escrita nem sempre consegue representar.
- 4) A pronúncia de certas palavras às vezes é incompreensível e,

assim, não identificável pelo tradutor.

Na legendagem, tem de ocorrer transferência satisfatória, mesmo que não seja de forma absoluta, dos conteúdos orais para o código escrito. Caso isso não ocorra, a audiência poderá se deparar com peculiaridades do discurso oral da versão original de difícil compreensão. Como nos filmes legendados lidamos com três canais semióticos (imagem, diálogo e legenda) inseparáveis, nenhum deles alcançará o significado total do conteúdo fílmico se considerado isoladamente.

1.2.3 Participantes dos processos

Como em qualquer tradução, o processo não é limitado ao tradutor. Na legendagem mais especificamente, vários participantes contribuem e até alteram o resultado final. O processo de legendagem se inicia quando o filme chega ao país onde será exibido e termina quando o espectador entra em contato com o resultado final. No entanto, o processo apresentado, a seguir, é considerado ideal e nem sempre todas as etapas descritas são respeitadas.

Pode-se dizer que o primeiro participante do processo é a *distribuidora (cliente)*, que compra os direitos de exploração do filme e é responsável por distribuir o produto nos diversos meios de comunicação. Normalmente, o cliente recebe uma cópia do filme matriz, juntamente com o roteiro na língua original. O *marcador* fica responsável por marcar as entradas e saídas de cada legenda, utilizando o *time code*, e converte a transcrição com os tempos para um arquivo de texto. A distribuidora, então, contrata um laboratório de legendagem e o tradutor que fará a tradução de todos os elementos verbais orais e, algumas vezes, escritos do filme.

O papel do *tradutor* inicia efetivamente quando este recebe o material a ser

traduzido e um exemplar do roteiro na língua original ou a transcrição dos diálogos com o *timing*. Caso tais marcações ou a transcrição não tenham sido feitas, caberá ao tradutor fazê-las. Vale lembrar que os textos audiovisuais estão inseparavelmente ligados ao conteúdo visual, o que pode gerar dúvidas ao tradutor caso não tenha consigo cópia do filme. Por esse motivo, a palavra aqui é subordinada à imagem, ou seja, o trabalho do tradutor mediado pelas imagens do filme. Conclui-se, portanto, que as traduções devam ser feitas a partir das imagens dos filmes e não pelo roteiro escrito apenas. O tradutor, ao iniciar o seu processo de tradução, compara se o que está no roteiro é o que o realmente aparece no filme, dessa forma há como identificar possíveis omissões, acréscimos e alterações dos diálogos. É de responsabilidade de o tradutor entregar inclusive os fragmentos que não aparecem no roteiro. Cabe ao tradutor também reunir o maior número de informações para solucionar, na tradução, eventuais problemas de ambigüidade, terminologia, gírias, variedades estilísticas e lingüísticas, etc. O tradutor, então, após observar todos esses cuidados, elabora as legendas, adequando-as às normas de legendagem (número e tamanho de caracteres, cor da legenda, etc.), em um editor de textos para então ser devolvido ao cliente (distribuidora). Alvarenga (*apud* FORNER e GAZETA, 2007) caracteriza o tradutor como sendo “legendista” e afirma também que ele deve ter habilidade nas línguas portuguesa e estrangeira, domínio cultural e percepção para articular os conteúdos fundamentais e inseri-los à legenda.

O *revisor* compara as traduções com os conteúdos dos filmes e repassa para o *legendador* – termo também utilizado por Alvarenga (2000) – quem irá inserir as legendas ao filme e concluir o processo de legendagem para ser encaminhado ao mercado e seu *receptor*.

1.2.4 Processos

Os processos de legendagem exercem grande influência no resultado final do filme traduzido devido também ao número de pessoas envolvidas. Cabe lembrar que esses processos não são uniformizados e nem iguais, mas, como dito, em condições ideais, deveriam seguir basicamente o mesmo percurso até chegar ao espectador. Carvalho (2005)

relembra, citando Catrysse (2001), que o processo de produção de um conteúdo audiovisual pode ser dividido em três estágios: a) pré-produção (planejamento); b) produção (execução); c) pós-produção (finalização). A tradução, e no caso que enfocamos aqui a legendagem, ocorre no momento de pós-produção quando o filme, cujos direitos de exploração foram adquiridos por uma distribuidora cinematográfica ou cadeia televisiva (*cliente*), alcança, por algum meio de comunicação (cinema, canal aberto televisivo, canal fechado – TV por assinatura, DVD), o país em que será exibido.

Adentrando no processo de legendagem propriamente dito, suas principais etapas podem ser divididas, mesclando aqui Nobre (2002) e Forner¹⁵, em:

- a) comparação do roteiro escrito com a fita matriz;
- b) gravação de cópia do filme com TCR (*Time Code Reader*);
- c) marcação;
- d) tradução;
- e) revisão;
- f) aprovação pelo cliente;
- g) inserção das legendas;
- h) transmissão.

Na primeira etapa, o tradutor *compara* o roteiro escrito com a fita matriz e, se necessário, corrigido. Caso o roteiro não seja disponibilizado, todo o conteúdo do filme deverá de ser transcrito, exigindo muito mais habilidade auditiva e máximo entendimento por

¹⁵ Ano não disponível.

parte do tradutor, pois ele provavelmente se deparará com problemas no áudio, velocidade das falas, termos técnicos, nomes próprios, falas com má dicção ou até mesmo sotaques que dificultam, algumas vezes, o entendimento de imediato. Após essa etapa de comparação, é feita a *gravação* do filme em uma fita com *Time Code Reader* (TCR), um marcador de minutos e segundos que facilitará a inserção das legendas nos momentos exatos de entrada e saída. É nesse momento que ocorre a etapa seguinte – *marcação* - segundo Nobre (2002). Para Forner, esta só ocorre após a etapa de tradução, quando o marcador converte o arquivo traduzido para um *software* de legendagem. Ele divide ainda esse momento em duas etapas: indicação do tempo de entrada e saída de cada legenda, respeitando sempre o sincronismo com as falas do original; verificação do filme para assegurar a qualidade das marcações.

Na fase de *tradução*, segundo Nobre (2002) e influenciada por Luyken *et al* (1991), ocorrem três procedimentos simultâneos e distintos:

- a) a tradução do texto do audiovisual de uma língua para outra, levando em conta o contexto e demais elementos normalmente considerados em uma tradução literária convencional;
- b) a conversão do texto do modo oral para o escrito; e
- c) a composição das legendas, levando-se em conta a necessidade da redução textual decorrente das restrições de tempo, espaço na tela e número de caracteres permitidos, a conveniência de supressão ou acréscimo de informações, definições quanto ao alinhamento, fonte e local de cada legenda na tela, etc.

Após a tradução e a marcação, os conteúdos são levados para a *revisão* para análise e possíveis correções. Em seguida, o filme é apresentado para o cliente para sua *aprovação* e encaminhado para o centro de masterização, onde são feitas a *inserção* das legendas e a gravação final da nova fita matriz. Seguindo, são feitas cópias para a comercialização legal do filme e sua *transmissão*.

A cada nova distribuição, quando há alteração no meio de comunicação

vinculado ou no público receptor, novas traduções deverão ser feitas, respeitando as diversas finalidades e normas que cada meio e modalidade de tradução exigem. Curiosamente, há ainda uma prática mais recente conhecida como *pivot translation* definida como traduções produzidas não do original, mas de traduções pré-existentes em outras línguas. Utilizam-se as mesmas marcações do primeiro processo de legendagem, substituindo-se apenas a língua das legendas. Como compara Gottlieb (1994, p. 127):

As legendas, nestes idiomas, são criadas, então, escrevendo elaboradamente as falas principais, ou [...] simplesmente apagando essas falas e acrescentando “vinho novo em garrafas velhas”, ajustando falas ‘estrangeiras’ na segmentação de diálogo e no tempo de marcação.¹⁶ [tradução própria]

Normalmente, esse tipo de tradução é muito utilizado em filmes passados em canais por assinatura com mais de uma opção de idiomas em tradução, pois o custo de se produzir diversas versões de um mesmo filme é muito elevado, principalmente se considerarmos a prática de dublagem. Contudo, para que haja utilização dessa moderna vertente de legendagem, temos de contar com alta tecnologia digital – denominada de teletexto (*teletext*). Com essa tecnologia o espectador opta por diferentes idiomas e por estilos e níveis de legendagem, ou seja, poderá assistir a um filme ou programa de televisão sem legendas, legendas com velocidade rápida ou lenta, *closed captions* para aqueles com deficiências auditivas ou aprendizes de uma língua estrangeira, etc. Testemunhamos um momento de avanço no que concerne à transferência de linguagem e esperamos que essa tecnologia também se encontre em breve disponível em canais abertos no Brasil.

Retornando ao processo de legendagem, este não se dá apenas pelo trabalho do tradutor. Como vimos acima nas etapas descritas, contamos com o trabalho de profissionais que participam da construção do conteúdo audiovisual traduzido que será transmitido para o espectador.

¹⁶The subtitles in these languages are then created by simply overwriting the pivot subtitles, or [...] by deleting the pivot subtitles and then putting new wine into old bottles, by fitting ‘local’ titles into ‘foreign’ dialog segmentation and time cuing.

1.3 Recepção e Audiência

1.3.1 Surgimento e aspectos gerais

A Teoria da Recepção é relativamente recente e é resultado de um conglomerado de teorias e influências que tomam forma a partir da metade do século passado. Contudo, essa teoria enfrentou diversas dificuldades, principalmente em relação aos seus preceitos conceituais, sem conseguir unanimidade em determinar “recepção”. Um dos principais impasses, para o estudioso Robert C. Holub (1984), é a diferenciação entre “recepção” e “efeito ou resposta”. Para ele, ambos se relacionam com o “impacto do trabalho em alguém” e ainda acredita que a distinção entre eles não está bem definida. Comumente se sugere que o termo “recepção” está relacionado com o leitor, enquanto que “efeito” lida com os aspectos textuais.

Nas últimas décadas, os estudos têm focado consideravelmente também na distinção entre a “história da recepção” e a “estética da recepção”. Holub (1984, prefácio, p. xii) esclarece que, para facilitar o entendimento no seu livro, adota a seguinte regra:

"teoria da recepção" refere-se a uma mudança geral na preocupação voltada ao autor e à obra para o texto e o leitor. É usada como um termo amplo e engloba tanto os projetos de Jauss e Iser como também a pesquisa empírica e a ocupação tradicional com influências. A "estética da recepção", em contraste, é usada apenas em relação ao recente trabalho teórico de Jauss.¹⁷ [tradução própria]

Dessa forma, percebe-se que há uma separação entre “resposta” e

¹⁷ “reception theory” refers throughout to a general shift in concern from the author and the work to the text and the reader. It is used, therefore, as an umbrella term and encompasses both Jauss’s and Iser’s projects as well as empirical research and the traditional occupation with influences. The “aesthetics of reception”, in contrast, is used only in connection with Jauss’s early theoretical work.

“recepção”. E começam assim perguntas sobre como a teoria da recepção deveria ser vista. Deve ser entendida de modo coesivo, consciente e englobando o coletivo. De maneira geral, é a reação ao desenvolvimento intelectual, social e literário alemão na década de 1960. Para melhor entender a evolução da teoria da recepção, Holub expõe, em um capítulo inteiro, as mudanças de paradigmas sofridos, no início do século passado, e toda a função histórico-social envolvida neles. O autor afirma que um paradigma que, em algum momento, conduziu a investigação literária é descartado quando não mais atende aos requisitos para os estudos literários. Um novo paradigma, desvinculado do modelo antigo, é abraçado até o momento em que também passa a não se adequar às exigências presentes. Para Holub (1984, p. 2), “um dado paradigma cria tanto as técnicas para interpretação como os objetos a serem interpretados”.

Após a Segunda Guerra Mundial, sentiu-se a necessidade de um novo paradigma que abarcasse todas as exigências da nova mentalidade emergente. A primeira questão a se considerar, conforme Jauss (*apud* HOLUB, 1984), é o desenvolvimento de categorias e procedimentos pela lingüística na análise das obras literárias. Em um segundo momento, não esquecer que todo paradigma tem de satisfazer a interpretação, a mediação e a atualização do passado. Além disso, qualquer novo paradigma esbarra no desafio de uma sociedade contemporânea, com características atuais nunca antes ponderadas. Jauss (*apud* HOLUB, 1984, p. 4) defende três exigências metodológicas para esse novo paradigma:

1. A mediação da análise estética/formal e histórica/receptiva, como também arte, história e realidade social;
2. A ligação dos métodos estruturais e hermenêuticos (que apenas se referem aos procedimentos e resultados, respectivamente);
3. A experimentação de uma estética (já não relacionada somente à descrição) de efeito e uma nova retórica, que trata tanto da literatura "de classe" como também da literatura popular e dos fenômenos dos meios de comunicação de massa¹⁸ [tradução própria]

¹⁸ 1. The mediation of aesthetic/formal and historical/reception-related analysis, as well as art, history, and social reality;
 2. The linking of structural and hermeneutical methods (which hardly take note of their respective procedures and results);
 3. The probing of an aesthetics (no longer related solely to description) of effect and a new rhetoric, which can equally well account for “high-class” literature as well as popular literature and phenomena of the mass media.

Holub enfatiza que Jauss não se refere à Teoria da Recepção, mas que a considera uma boa “candidata” a um novo paradigma. Apenas essa teoria é capaz de preencher as três exigências metodológicas acima citadas. A discussão sobre um possível novo paradigma foi de fundamental importância, pois potencializou o surgimento da própria teoria da recepção. Conseqüentemente, a teoria também contribuiu para uma reviravolta na interpretação da literatura e da arte em geral.

A exaustão de métodos antigos e a necessidade de algo que melhor se adaptasse as preocupações da época podem ter causado a rápida aceitação de uma nova teoria, mas junto com ela surgiram também novas perguntas sem respostas. Holub afirma que é impossível tentarmos explicar todo o delicado desenvolvimento da teoria em poucas palavras, mas se considerarmos seu aparecimento como uma resposta à crise metodológica nos estudos literários da década de 1960, talvez conseguíssemos entender “pelos menos uma faceta da interface entre a teoria literária e a esfera social” (1984, p. 7).

Uma das maiores transformações observadas, nessa época, foi a mudança nos preceitos acadêmicos nos campos da linguagem e da literatura. Não é por acaso que os fundadores da teoria da recepção estavam intimamente envolvidos na reestruturação institucional e metodológica dos estudos literários. Essa crise, na metodologia literária, é considerada o aspecto mais importante na mudança de paradigma. A maioria das discussões metodológicas na academia seguia duas funções principais: primeiramente, alertar os iniciantes sobre as controvérsias em torno dos antigos métodos, e, em um segundo momento, sugerir alternativas para esses métodos. Holub (1984, p. 9) complementa:

Neste clima de reconsideração de antigas práticas e de procura por novos horizontes, nesta atmosfera de tumulto e revolta metodológicos, é fácil entender não só porque a teoria de recepção atraiu fortes sucessores, mas também porque a declaração de uma “revolução científica” era um meio oportuno e apropriado de proclamar uma oposição ao *status quo*.¹⁹ [tradução própria]

¹⁹ In this climate of reconsidering past practices and searching for new avenues, in this atmosphere of methodological turmoil and revolt, it is easy to understand not only why reception theory attracted such a strong following, but also why the declaration of a “scientific revolution” was a timely and apposite means of proclaiming an opposition to the status quo.

A Teoria da Recepção, pois, muda a atenção, antes focada na obra e no autor, para o leitor e o leitorado e sua resposta às obras.

Antes de adentrarmos a Teoria da Recepção propriamente dita, cabe tratarmos das influências e de alguns precursores que interferiram na construção da teorização. Seguem aqui os aspectos apontados como importantes por Robert Holub.

O *Formalismo Russo* foi um dos contribuidores para o início da teorização da recepção. Holub enfoca o Formalismo Russo em Viktor Shklovskii, cuja teoria diz que a percepção comum tende para o automático ou habitual. No entanto, a função da arte é de “desfamiliarizar” a percepção para que o objeto passe a ter qualidade. O receptor tem função primordial nesse processo, já que é ele quem determina a qualidade das obras. Por isso, não podemos desassociar o receptor e a obra absorvida. Assim, os elementos de arte, para os formalistas russos, são a percepção e a recepção. São destacadas duas observações no processo de “desfamiliarização”: a elucidação das convenções lingüísticas e sociais, forçando o leitor a enxergar uma perspectiva nova e crítica; e o leitor (receptor) passa a valorizar a forma do objeto em si, ignorando, por alguns momentos, as ramificações sociais e atentando para o processo de “desfamiliarização” como sendo um componente da arte. Holub afirma que esse processo, apesar de ser intencionado pelo autor para manipulação ou para atingir algum propósito de percepção, estabelece a relação entre o leitor e o texto (aqui, eu diria receptor e obra).

Outra influência se deu pelo teórico Roman Ingarden, que concentrou seus estudos mais na teorização dos problemas da obra de arte literária, afirmando que essa deveria ser o ponto central da investigação. Contudo, foi com estudos dos processos de leitura e da cognição de trabalhos literários que ele se consagrou, preocupando-se sempre com a relação entre texto e leitor. Um dos pontos mais interessantes de Ingarden é a concepção de obra de arte literária. Segundo o autor, essa obra se dá intencionalmente, ou seja, ela depende de um ato de consciência que é a somatória de aspectos com valores estéticos e valores estruturais bem definidos. Tais características formam apenas o “esqueleto” das obras literárias que deverão ser completadas pelo leitor. Essas lacunas que devem ser preenchidas pelo leitor/receptor são chamadas de “estruturas de indeterminação”. Assim, cada obra literária

contém um número infinito de estruturas de indeterminação, já que cada leitor interage de maneira peculiar com a obra. Quando o leitor entra em contato com o texto, há o que Ingarden chama de “concretização”, sendo ela o preenchimento da indeterminação abordada acima.

Já que cada leitor interage de modo único com o texto, Ingarden não acredita na coletividade quando se trata de “indeterminação” ou “concretização”. Este seria, para Holub, o ponto fraco de sua teoria: desconsideração dos meios externos ao indivíduo na absorção textual, focando apenas na obra de arte e no receptor em si.

Uma terceira influência veio da Escola Estruturalista de Praga com o teórico Jan Mukarovsky. Ao rebater o formalismo de 1930, Mukarovsky enfatiza sua concepção de arte como um sistema dinâmico de significação. Para ele, cada obra de arte é uma estrutura que não se separa da história e é construída por uma série de aspectos diacrônicos. Diferentemente de Ingarden, Mukarovsky afirma que as estruturas não podem ser consideradas independentemente e que a obra de arte é um “fato semiótico” que faz a ponte entre o artista e o receptor. Esse receptor é, segundo o autor, produto das relações sociais e, portanto, as normas artísticas não podem ser consideradas estáticas.

Observa-se, neste momento, que o contato do receptor com a obra não é mais visto de maneira isolada; pelo contrário, levam-se em conta aspectos externos ao texto, ampliando o leque de interpretação e entendimento. Preocupado com as questões de interpretação, encontramos Hans-Georg Gadamer. Ele apoia-se na hermenêutica como modo mais confiável de se estudar a literatura e os textos. A hermenêutica nasce da necessidade de descobrir o sentido “correto” dos textos. A hermenêutica pode ser definida como a “ciência do entendimento e da interpretação” e está ligada à maneira como o ser humano enxerga e se relaciona, historicamente, com o mundo. Assim, ao abordarmos a hermenêutica, referimo-nos ao entendimento influenciado pela história de cada leitor/receptor. Seria o que Gadamer chama de horizonte histórico e horizonte pessoal, que se mesclam para gerar o entendimento. Contudo, segundo Holub, a maior contribuição para a hermenêutica é a insistência de Gadamer em relacionar a interpretação com a *aplicação*. Aplicação não no sentido de colocar em prática alguma teoria, mas como a mediação entre o passado e o futuro ou, como bem colocou Lawrence Venuti (*apud* BAKER, 1998, p. 242) anos mais tarde, o “outro” e o “eu” a fim de interpretar a obra.

Buscando preencher a lacuna deixada pelo pensamento hermenêutico de Gadamer, surge a quinta influência na teorização da recepção: a Sociologia da Literatura. Tal ciência desbravou o caminho para a sociologia da recepção investigar a relação entre a obra e o receptor. Dessa forma, o estudo da recepção não apenas investiga a obra de arte, mas também a contribuição da sociedade para sua percepção. Se juntarmos as influências acima expostas, podemos perceber que a teoria que buscamos aqui engloba aspectos que se interligam e se complementam: a história, o social e o psicológico. Dessa junção, surge a teoria de Julian Hirsch, valorizando efetivamente o sujeito em relação à obra e afirmando ser a massa popular quem define o sentido de “fama” (*status*).

Outra contribuição, nesse período, veio de Levin Schücking, ao afirmar que, para se entender a história literária, era necessária uma investigação sobre o “gosto”. A ideia de gosto está ligada à relação do homem com a arte e não se dá de maneira estável, variando de acordo com o tempo e com a cultura em que está inserida. A relação da sociologia da literatura com a teoria da recepção não se dá, contudo, de maneira simplificada, mas o crescimento das investigações nessa área contribuiu muito para o aperfeiçoamento de estudos mais reais e atuais.

1.3.2 Teoria da Recepção e o receptor

Na década de 1970, dois grandes estudiosos entraram em cena para tentar entender mais precisamente a relação entre texto e leitor: Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Como mostrado anteriormente, o foco já começava a migrar para o receptor, não ficando apenas no autor.

A contribuição de Jauss se deu mais na relação entre literatura e história. A intenção era trazer a história de volta para o centro dos estudos literários, ou seja, inserir as obras dentro de uma análise do passado com o presente. Ele acreditava que faltava à literatura uma relação entre obras contemporâneas e as antigas. Consequentemente, a proposta da nova teorização da literatura se concretizaria por meio de uma teoria da história que não se tornasse apenas uma exposição cronológica de trabalhos. Jauss propõe, então, que tal teoria englobe

também a relação dinâmica entre produção, recepção e as relações entre autor, obra e público.

Jauss afirma que a experiência estética não começa pela compreensão e interpretação do significado e nem pela reformulação da intenção do autor. A experiência começa na sintonia do receptor com o efeito estético da obra. Isso leva a dois modos de recepção distintos (JAUSS, 1979, p. 46): “[...] de um lado, aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o progresso histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente por leitores de tempos diversos”. Assim, Jauss passa a ver a literatura da perspectiva do leitor/consumidor – denominada a “estética da recepção”. Holub (1984, p. 57) resume adequadamente essa idéia:

A "estética da recepção" [...] sustenta que a essência histórica de uma arte não pode ser elucidada, examinando-se sua produção ou a descrevendo simplesmente. Ao contrário, a literatura deveria ser tratada como um processo dialético de produção e recepção. [...] Jauss busca conhecer a teoria marxista para mediações históricas, situando literatura no processo de eventos; ele retém as realizações formalistas, colocando o assunto ao centro de suas preocupações.²⁰ [tradução própria]

A estética implica na recepção realizada pelo leitor, cujo processo ocorre na comparação de uma obra com outras lidas previamente. A história, por sua vez, monta uma cadeia, no leitor, sustentada e enriquecida pela recepção de distintas obras em diversos momentos do passado e do presente. Assim, o leitor não permanece passivo às obras, comparando, acrescentando ou até divergindo de cânones previamente impostos, formando então o “horizonte de expectativas”. Gadamer, como visto, já utilizava a palavra “horizonte” para referir-se à visão que tínhamos sobre circunstâncias em um determinado momento (horizonte pessoal e horizonte histórico). Contudo, Jauss define “horizonte de expectativas” como sendo um “sistema de referências” individuais que o leitor traz consigo ao ler um texto, ou seja, pode ser visto como um conjunto de informações que o leitor espera adquirir da leitura de uma obra. Tal horizonte pode mudar e ser reconstruído no decorrer da leitura do texto.

²⁰ The “aesthetics of reception” [...] maintains that the historical essence of an artwork cannot be elucidated by examining its production or by simply describing it. Rather, literature should be treated as a dialectical process of production and reception. [...] Jauss seeks to meet the Marxist demand for historical mediations by situating literature in the larger process of events; he retains the Formalist achievements by placing the perceiving subject at the center of his concerns.

Em outra contribuição, Jauss relaciona a literatura com a linguagem. Isso quer dizer que, para ele, a literatura é formada por estruturas fixas, como na gramática, por exemplo. Isto é um pouco contraditório, diríamos, pois equivale a afirmar que o texto em si definiria um padrão de recepção, sem levar muito em conta o receptor.

Partiremos para, talvez, a maior contribuição de Jauss na teorização da recepção. O autor insere a literatura em uma função formadora do social. Holub (1984, p. 68) resume essa idéia:

Neste contexto, o “horizonte de expectativas” assume um novo significado. Como construção social, o termo não só aborda normas e valores literários, mas também desejos, demandas e aspirações. O trabalho literário, então, é recebido e avaliado “de acordo com o *background* em outros tipos de arte, como também com a experiência cotidiana.” Nesta capacidade, um trabalho, então, tem a possibilidade de representar um papel ativo em sua recepção, questionando e alterando convenções sociais por meio do conteúdo e da forma.²¹ [tradução própria]

Nessa reformulação da estética da recepção, Jauss reafirma que a essência da obra está na sua historicidade, ou seja, no resultado do seu contínuo diálogo e na relação com o público. Jauss retira dessa forma o “horizonte de expectativas” do centro da estética, pois a expectativa não é a chave da recepção, apenas serve para guiá-la. Em seus estudos mais recentes, Jauss procura entender a “experiência estética”, ocasionada pela idéia de prazer e não mais de expectativa.

Jauss nomeia três categorias para o prazer estético, lembrando Aristóteles: *poiesis*, *aisthesis* e *catharsis*. A primeira – *poiesis* – refere-se à produtividade da experiência estética, o prazer que vem da habilidade criativa. A *aisthesis*, por sua vez, é definida como o prazer da percepção, isto é, é o lado receptivo da experiência estética. Claro que se nota aqui uma aproximação da *poiesis* e da *aisthesis*, já que a produção não se separa mais da recepção. Jauss se interessa pela reunião da sociedade com as experiências estéticas geradas pela

²¹ In this context the horizon of expectations assumes a new significance. As social construct it contains not only literary norms and values, but also desires, demands, and aspirations. The literary work, then, is received and evaluated “against the background of other art forms as well as against the background of the everyday experience of life”. In this capacity a work, then, has the possibility of playing an active role in its reception, of calling into question and altering social conventions through both content and form.

aisthesis. A terceira categoria é a *catharsis* que é o componente comunicativo entre a arte e o receptor. Esse processo comunicativo não se dá, no entanto, de maneira passiva. O receptor está sempre realizando trocas com o objeto na experiência estética, isso quer dizer que o receptor está sempre interagindo com a obra, quebrando as possíveis barreiras existentes entre eles. Segundo Jauss (1979, p. 80-81):

Designa-se por *katharsis*, unindo-se a determinação de Górgias com a de Aristóteles, aquele prazer dos afetos provocado pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o expectador tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique. Como experiência estética comunicativa básica, a *katharsis* corresponde tanto à tarefa prática das artes como função social [...] quanto à determinação ideal de toda arte autônoma: libertar o expectador dos interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, a fim de levá-lo, através do prazer de si no prazer no outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar.

Essa interação leva o receptor a projetar-se e identificar-se com a obra, deixando transparecer sua emoção e seu contato com o texto:

o expectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*) (Jauss, 1979, p. 65)

Nessa análise da experiência do leitor de um determinado tempo histórico, o autor é preciso ao afirmar ser necessária a diferenciação da comunicação entre dois lados da relação texto e leitor. Aqui, Jauss levanta uma preocupação dos tempos contemporâneos em relação aos meios de comunicação de massa e sua intervenção na estética da recepção. Deve-se considerar que esses meios de comunicação podem ser um meio de disseminar a obra de arte.

O outro teórico de destaque para a recepção é Wolfgang Iser, que concentrou seus estudos também em fatores culturais. Enquanto Jauss baseou sua reformulação da teoria literária na história literária e assim construiu a relação do texto com o leitor, Iser centralizou-se seus estudos nas orientações interpretativas e na teoria da narrativa, preocupando-se inicialmente em como e sob que condições o texto gera significado para o

leitor e inclui secundariamente as considerações históricas da literatura. Holub (1984, p. 83) declara que a intenção de Iser é ver o “significado como o resultado de uma interação entre o texto e o leitor, como ‘um efeito a ser experimentado’, não um ‘objeto a ser definido’”. Assim, para Iser, a obra literária não é composta só de texto e nem só de subjetividade, é a integração de ambos. Deve-se considerar que essa interação se dá imprevisivelmente, isto é, cada indivíduo interpreta de forma única os significados expostos no texto. Por isso, Iser afirma que o leitor jamais terá a certeza de que sua compreensão é compatível com a intenção do autor. Em resumo, Iser apresenta três pontos, fundamentais para a interpretação, a serem explorados: o primeiro seria o potencial do texto que permite e manipula a produção do significado; o segundo trataria do processo do texto na leitura (as imagens formadas); e o terceiro seria a estrutura comunicativa da literatura que conduz e afeta a interação texto e leitor – chamado de “ponto de vista móvel”²².

O “ponto de vista móvel” leva o leitor a navegar pelo texto de forma a estar sempre repensando e avaliando suas expectativas em relação ao futuro e suas experiências do passado. Como vimos em Jauss, quando as expectativas não correspondem ao que é retransmitido pelo texto, somos obrigados a reformular nossas idéias e os significados. Ou seja, a interação entre o texto e o leitor sempre trará pontos de vista que nos farão questionar os significados previamente formulados. Não apenas significados são formulados, reformulados ou criados, as imagens também são construídas pelo leitor, já que o objeto é inexistente. Isso quer dizer que, na leitura de um texto, o leitor está constante e inconscientemente formulando imagens, em um processo complexo e de várias fases (as imagens são construídas no decorrer da leitura, conforme informações expostas no texto). Tal procedimento conduz a auto-atenção, ou seja, o leitor atenta para suas próprias experiências e significados. Dessa forma, ao se deparar com alguma coisa estranha para ele, o leitor é obrigado a analisar suas experiências prévias.

A principal abordagem de Iser é sua visão em relação ao texto e ao leitor. Ingarden, como foi abordado, já tratava da produção do significado como consequência de um preenchimento (concretização), por parte do leitor, de lacunas (pontos de indeterminação) encontradas no texto. Iser denomina tais lacunas de “vazios” que derivam da indeterminação e, conseqüentemente, geram a comunicação entre texto e leitor. Contudo, não apenas os vazios geram a comunicação, as “negações” também são responsáveis pela interação. Iser

²² Tradução própria para “wandering viewpoint”

(1979, p. 91-92) resume a idéia de Virginia Woolf:

Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los; o que é suprimido, contudo, permanece à vista e assim provoca modificações na atitude do leitor quanto a seu valor negado. As negações, portanto, provocam o leitor a situar-se perante o texto. Através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de constituição decorrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada, que controla o processo de interação.

Apesar de parecer confuso, o autor explica que, ao buscar o preenchimento dos vazios, o leitor “impulsiona o ato de constituição”. É essa constituição que forma as imagens no processo de leitura do texto. Para ele, essa comunicação ocorre de forma irregular, ou seja, não há como definir um padrão de ligação entre os leitores e os textos. Primeiro porque o leitor não tem como verificar se o seu entendimento está correto ou não, e segundo porque o contexto é construído de acordo com as pistas que o texto dá ao leitor.

Os vazios referem-se, portanto, segundo Iser, à “conectividade suspensa no texto” e estão intimamente ligados ao “ponto de vista móvel” para serem preenchidos. Conforme Ingarden, os vazios indicam a relação possível entre o leitor e o texto, ou seja, formam as “articulações do texto”. Iser (1979, p. 132) afirma:

A função do vazio consiste em provocar no leitor operações estruturadas. Sua realização transmite à consciência a interação recíproca das posições textuais. A mudança de lugar do vazio é responsável por uma sequência de imagens conflitantes, que mutuamente se condicionam no fluxo temporal da leitura.

Nos textos ficcionais, como nos informa Iser, há maior variedade de vazios, cujas possibilidades de combinação são decididas pelo leitor. Uma das formas consideradas principais para que haja a formação de vazios é, como visto, a negação. Ela ocorre quando, na tentativa de se completar os vazios, normas previamente aceitas adquirem novas perspectivas e se tornam inválidas ou obsoletas, isto é, o significado passa por uma reformulação pelo leitor. Essa característica é de suma importância e Iser a considera o fator determinante de

uma boa literatura. Holub (1984, p. 96) resume a relação entre a negação e a recepção da seguinte forma:

[...] do ponto de vista da recepção, negatividade é 'a não-formulação do desconhecido'. É a estrutura que permite o leitor a transcender o mundo a fim de 'formular a causa do que está além das questões de mundo'. Ajudando-nos a desvincular, temporariamente, de nossas próprias vidas, a negatividade nos permite a assimilar outras visões e, por isso, é o componente mais fundamental da comunicação.²³ [tradução própria]

Dessa forma, as estruturas centrais de indeterminação do texto, vazios e negações, são condições para a comunicação, pois acionam a interação entre texto e leitor. Quando se trata do leitor mais especificamente, Iser alega que, se o leitor não estiver disposto a repensar seus valores previamente concebidos, ele, provavelmente, rejeitará qualquer texto que for de encontro ao seu modo de pensar. Isto que dizer que um comprometimento ideológico por parte do leitor pode levar a um entendimento pouco apropriado do texto. Contudo, para que o leitor não perca o interesse em relação ao texto, os elementos não devem ser tão óbvios. Surge aqui um impasse entre objetividade e subjetivismo. Enquanto a objetividade defende que há apenas uma maneira correta e determinada de significado para cada obra, o subjetivismo afirma que o significado é produto da mente do leitor. Iser mantém uma posição intermediária, afirmando que o texto fornece diferentes, porém restritos, significados que são construídos pelo leitor de maneira livre. Seria uma forma de liberdade condicionada e guiada pelas instruções do texto. Iser (1979, p. 109) argumenta que “o fato de que as perspectivas do texto sejam dadas ao ponto de vista do leitor por segmentos, mostra que a coerência do texto se cumpre pelos atos de representação do leitor”.

Quando os vazios rompem as conexões entre os segmentos do texto, a conexão se dá pela imaginação do leitor, aumentando sua atividade ideativa. Assim, quanto

²³ [...] from the point of view of the reception, negativity is 'the nonformulation of the not-yet-comprehended'. It is the structure the enables the reader to transcend the world in order 'to formulate the cause underlying the question of the world'. In assisting us to disengage ourselves temporarily from our own lives, negativity enables us to assimilate others' views and thus is the most fundamental component of communication.

maior for o número de vazios no texto, tanto maior será o número de imagens construídas pelo leitor. Iser (1979, p. 130) resume: “o vazio no texto ficcional induz e guia a atividade do leitor”. No processo de leitura, as imagens não são formadas de uma única vez e a cada imagem adicionada, a anterior é apagada, exigindo do leitor, portanto, maior intimidade com o texto. O campo focalizado pelo ponto de vista do leitor torna-se o “tema”, deixando os outros segmentos em condição secundária – chamada de “horizonte”. Contudo, não se pode desligar tema de horizonte, já que um não existe sem o outro. O tema e o horizonte estão constantemente em mudança, gerando assim a comunicação. Enfocando, uma vez mais, a importância do vazio para a formação e continuidade dos significados, Iser (1979, p. 128) afirma que

as transformações provocadas pela interação entre tema e horizonte estão intimamente ligadas com a mudança de posição do vazio dentro do campo de referência. Quando uma posição se torna temática, condicionada pela posição marginal da outra, não pode deixar de ocorrer um efeito *feed-back* do tema concebido sobre o vazio, que retroativamente modifica a influência modeladora do ponto de vista do leitor.

Holub, lembrando Iser, brevemente aborda a questão da recepção de versões de filmes baseadas em livros. Normalmente, afirma o teórico, o receptor cria uma sensação de desapontamento se o contato com o filme tiver sido antes do livro. Enquanto que, no livro, a imagem é formada gradualmente, no filme, a imagem é fornecida de uma só vez. Isso gera uma forma diferenciada de formação e determinação do significado. Iser (1979, p. 122) cita Balázs para resumir o processo de formação de imagens no cinema:

Mesmo a tomada mais relevante não é suficiente para dar à imagem toda a sua significação. Esta, em última análise, é decidida pela posição da imagem entre outras imagens. (...) Em cada caso e inevitavelmente, a imagem recebe sua significação por efeito de sua colocação na série de associações (...), as imagens são por assim dizer carregadas de uma tendência para a significação, que se cumpre no momento em que entram em contato com outra imagem.

1.3.3 Recepção audiovisual por meio da legenda

Não caberia, aqui, falar em tradução, e no caso mais especificamente em tradução audiovisual, se não houvesse um público que fizesse uso de tal prática, ou utilizasse uma prática mal desenvolvida que não suprisse as necessidades do receptor. A autora e tradutora Else Vieira (1996, p. 132) aborda questões da tradução centrada no receptor e cita Toury (1980) como defensor de uma abordagem que “focaliza traduções realmente existentes: o produto e não o processo da tradução. Assim, a discussão volta-se para o pólo receptor”. Portanto, após a construção da Teoria da Recepção, estudos mais recentes, principalmente na área da comunicação, também procuraram associar o receptor e sua resposta aos meios de comunicação diversos – audiência. Audiência, segundo Antônio Carlos Ruótolo (1998, p. 151), é “um conjunto de pessoas anônimas, heterogêneas, distribuídas com ampla dispersão geográfica e sem contacto entre si ou com o comunicador”. Dessa forma, os estudos realizados sobre a audiência não podem considerar apenas o número de receptores que a compõem, mas principalmente as suas respostas frente à comunicação, que ocorrem isoladamente e envolvem aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. O autor classifica, ainda, as respostas da audiência em quatro grupos sequenciais na recepção: respostas de exposição; respostas de recepção; respostas atitudinais; e respostas comportamentais.

O primeiro tipo de resposta, a de exposição, focaliza o ato do indivíduo em decidir consumir o conteúdo/produto dos meios de comunicação e os fatores que o levaram a escolher determinados meio e produto.

As respostas de recepção, e aqui entra o objetivo desta pesquisa, tratam de entender as respostas dadas pela audiência após o contato com o conteúdo. Conforme exposto, “o foco das perspectivas de recepção é a construção subjetiva de significados a partir dos conteúdos da comunicação” (RUÓTOLO, 1998, p.154). Como vimos anteriormente na Teoria da Recepção, para que os significados sejam formados, o receptor precisa, primeiramente, perceber, compreender e interpretar os conteúdos, preenchendo, posteriormente, os vazios deixados ao longo da comunicação conforme sua realidade individual. Essas respostas de recepção são, segundo Ruótolo, alcançadas de três maneiras:

pelos *estudos críticos* – que “ênfatizam as estratégias do receptor em resistir, reinterpretar e, ocasionalmente, aceitar a visão de mundo trazida nos conteúdos dos meios de comunicação”; pelo *interacionismo simbólico* – interação entre o conteúdo e os receptores, formando uma realidade social que será a base para o entendimento de outras experiências e comportamentos; e pela *construção cultural* – é o resultado do interacionismo simbólico e é a “força central que modela e influencia o ser humano”, gerando linguagens e concepções de mundo. Uma questão importante levantada por Ruótolu diz respeito às “mediações” como elemento primordial do processo de construção de significados. A mediação é o confronto de todos os participantes desse processo, incluindo a legenda, que contribuem de alguma maneira para a formação do significado do conteúdo.

O terceiro grupo de respostas – as atitudinais – aborda as atitudes da audiência determinadas pelo contato com os meios de comunicação, ou seja, é a maneira como estes influenciam ou não naquelas. Ruótolu (1998, p. 158-159) resume duas abordagens em relação às atitudes: as *perspectivas de persuasão* – das quais acreditavam, inicialmente, ter os meios de comunicação domínio em definir diretamente as opiniões dos receptores, e, nos anos 50, trouxeram concepções de que os efeitos dos meios de comunicação eram indiretos; e a *teoria da pauta* – que afirma que

as opiniões não são mudadas pelos meios de comunicação. O papel dos meios de comunicação é o de colocar na pauta das preocupações do indivíduo ou na pauta da discussão pública determinados temas e assuntos. A influência dos meios de comunicação ocorre na medida em que os temas da pauta fazem aflorar determinadas opiniões que já existem no repertório atitudinal do receptor. A influência dos meios de comunicação seria, portanto, através da estimulação de certas opiniões e da supressão de outras; mas não através da mudança de opinião.

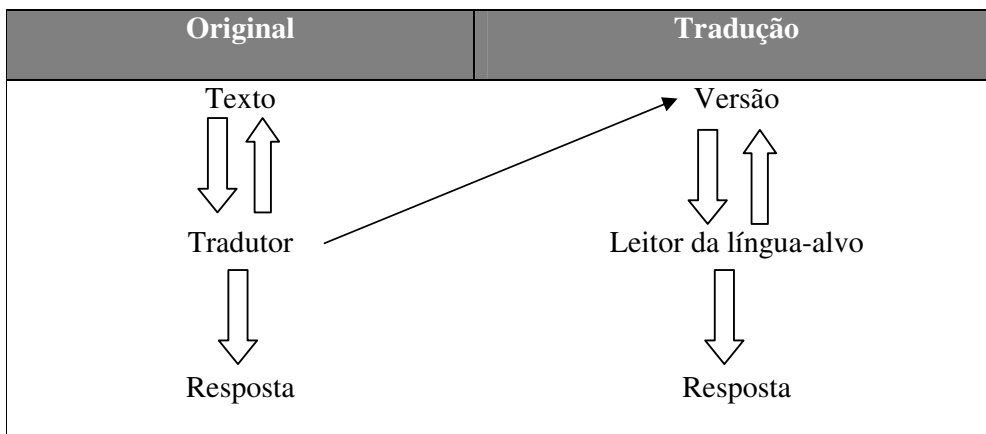
As respostas comportamentais são os modos como o receptor age após a exposição a determinado conteúdo de comunicação. Podem ser vistas de duas perspectivas: de *condicionamento* – que trata da “relação de causa e efeito” entre o conteúdo e o receptor, contudo afeta de maneiras diferenciadas cada indivíduo; e de *modelagem* – etapa intermediária entre a exposição ao conteúdo e a manifestação do comportamento, apreendida pela observação de modelos, ou seja,

um indivíduo exposto ao conteúdo dos meios de comunicação aprende os comportamentos dos modelos (personagens e situações) apresentados. [...] o indivíduo aprende por imitação e somente apresenta o comportamento aprendido quando surgir uma oportunidade; por isso há um espaço temporal entre a exposição ao conteúdo dos meios e a manifestação do comportamento. (Ruótulo, 1998, p. 161)

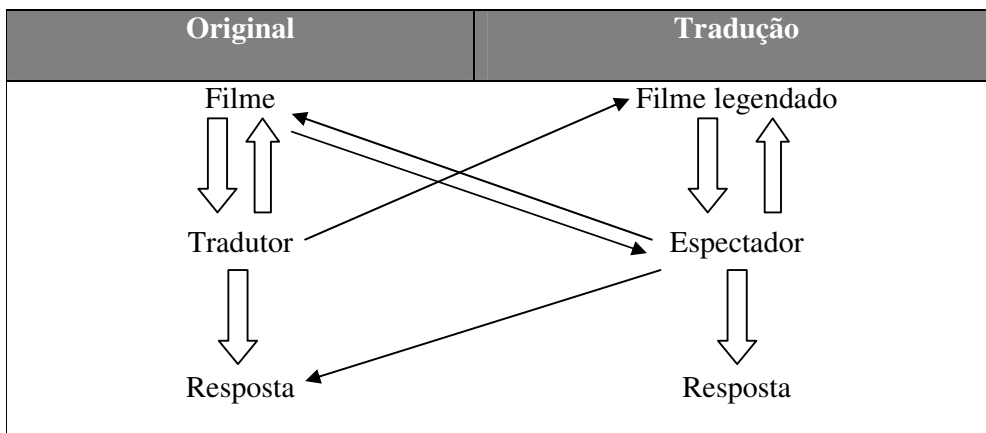
Diante do exposto, nota-se facilmente a importância dos estudos do receptor/audiência, sendo este pré-condição para os demais aspectos envolvidos na comunicação mediada, no nosso estudo, pelas legendas.

Contudo, temos de entender que, na tradução audiovisual por meio da legenda, o processo de recepção ocorre de maneira diferenciada, mas observando os mesmos princípios da recepção literária. O primeiro ponto a ser observado é como a recepção ocorre em textos traduzidos, fazendo um paralelo com a legendagem, e, posteriormente, uma avaliação do receptor nesse meio.

Na tradução, verificam-se dois estágios da recepção: o processo de recepção do tradutor e o do receptor na língua-alvo. Hu Pengzhi (2005), em sua dissertação de mestrado, descreve o processo que ocorre na recepção da tradução literária: autor – texto original – tradutor – texto traduzido – leitor da língua-alvo. Citando o autor chinês Ma Xiao²⁴, Pengzhi (2005, p. 17) reproduz os processos que ocorrem com o tradutor e com o receptor:



No entanto, observamos que o processo ocorre de maneira um pouco diferenciada na tradução audiovisual por meio da legenda, já que o receptor da língua-alvo também mantém contato direto com o texto original – o filme original. Esquemáticamente, temos:



Se analisarmos o primeiro esquema, o processo de recepção do tradutor fica bastante evidente. Após a interação com o texto original, o tradutor, que seria o primeiro receptor, forma uma resposta ao que foi absorvido e, em seguida, elabora a versão traduzida do texto. Aqui começa o processo de recepção do leitor na língua-alvo, que também irá responder à “interpretação interativa” da versão traduzida sem ter contato direto com a versão original. Observando o segundo esquema, voltado para a recepção audiovisual pela legenda, verifica-se que o processo do tradutor permanece o mesmo. O que muda, aqui, é a maneira como o receptor interpreta e interage com o conteúdo. O receptor, ou espectador, além do contato com a tradução, nesse caso a legenda, também permanece em contato direto com o filme original. Assim, podemos dizer que a interação do receptor se dará por duas fontes que se complementam: o texto original + tradução. Apenas nas modalidades de legendagem e interpretação simultânea, pode-se observar tal característica peculiar. Cabe notar, no entanto, que a imagem é mais rica na transmissão da mensagem, na maioria das vezes, que o aspecto serial da interpretação simultânea. O papel do tradutor, nessas modalidades, fica bastante

²⁴ Referência não disponível.

exposto, já que o receptor da língua-alvo pode testar o seu trabalho. O receptor tem, além do mais, acesso à resposta do tradutor, o que torna sua própria recepção mais complexa.

Conforme visto anteriormente na Teoria da Recepção, qualquer texto é formado por vazios que deverão ser preenchidos pelo receptor no processo de recepção. O autor Ma Xiao diverge dessa teoria ao criticar a noção de que o leitor teria poder absoluto sobre a interpretação textual. Para ele, a recepção adequada seria um “processo interativo, exigindo tanto a estabilidade do texto quanto uma interpretação criativa do leitor” (*apud* PENGHZI, 2005, p.18), descentralizando a interpretação própria do tradutor. Portanto, Xiao nega qualquer “interpretação arbitrária” por parte do receptor. Na recepção audiovisual, o processo é um pouco mais complexo, pois o receptor tem de entrar em contato com a imagem e o som ao mesmo tempo em que recebe a tradução (legenda) para, então, preencher os vazios causados por eles e gerar a compreensão. Tudo ocorre de maneira dinâmica, já que o filme, quando exposto em cinema, por exemplo, não abre margem para retorno e nova “leitura”. A formação de imagens, aqui, fica um pouco reduzida se compararmos com a leitura de um texto literário, pois elas são fornecidas em uma única vez pelo filme. Isso não significa que o espectador não tenha de formular imagens para captar o conteúdo. Sabe-se que o caráter do personagem é articulado aos poucos no texto literário, e no filme ocorre o mesmo: é no desenrolar das cenas que os personagens e a trama são construídos.

Outro ponto bem observado por Ma Xiao refere-se ao papel do tradutor, que tem de sempre considerar a “fusão dos horizontes” entre o texto traduzido e o leitor da língua-alvo realizada pelo tradutor. Xiao trata do horizonte de expectativas do tradutor e do receptor na tradução. Para tal, faz relevantes considerações acerca das diferenças entre o processo de recepção em cada caso:

1. Tradutores interpretam textos não para eles mesmos, mas para seus supostos leitores na língua-alvo, enquanto que os leitores finais apenas interpretam para si mesmos;
2. A leitura dos tradutores é realizada com um objetivo específico - a tradução;

3. Os tradutores estão sempre atentos aos vazios deixados pela divergência cultural entre as duas línguas e, por isso, seguem conscientemente, na sua leitura a fim de preenchê-los;

4. Os tradutores são os intermédios na comunicação entre diferentes culturas, enquanto que o leitor apenas lê por necessidades pessoais.

O processo de recepção do tradutor se dá em três etapas: na seleção do texto; no processo de interpretação e no processo de retextualização. O tradutor sempre inicia seu trabalho seguindo seu horizonte de expectativas de um dado texto, ou seja, sua seleção, na verdade, está relacionada ao que é esperado daquele trabalho. A segunda etapa trata da interpretação do tradutor a respeito do texto e que posteriormente será reproduzido. Nessa fase, o tradutor deve estar atento a diversas questões como as diferenças sócio-culturais, questões lingüísticas, de estilo (tanto de época como de fala), etc. Se analisarmos, o mesmo ocorre na legendagem, com o agrave de se interpretar o auditivo (falas) no visual (legendas). Como cada tradutor tem seu próprio horizonte de expectativas, um mesmo texto pode ser traduzido de maneira diversa. Para Xiao, o leitor é mais neutro na realização da leitura e acaba por aceitar qualquer coisa que lhe é exposta, ou seja, o leitor é mais passivo se compararmos com a leitura do tradutor. Diria, contudo, que o receptor de conteúdos audiovisuais é extremamente exigente quanto àquilo que lhe é apresentado, principalmente quando tem conhecimento da língua original do filme e tem a capacidade de perceber o trabalho do tradutor. Após a interpretação, o tradutor dá início à retextualização, que será a principal fonte de recepção para o leitor. Ma Xiao afirma que, para que a tradução alcance seu objetivo, o tradutor deve primordialmente considerar o horizonte de expectativas do leitor da língua-alvo. Assim, ele propõe que o produto final só deve ser alcançado quando existir interação entre a interpretação do tradutor e o horizonte de expectativas do leitor da língua-alvo.

Devemos considerar, contudo, que a recepção em ambientes audiovisuais ocorre em massa, ou seja, em audiência, conforme definição prévia de Ruótolo (1998). Não há dúvidas de que cada indivíduo percebe e recebe o conteúdo audiovisual de modo peculiar, mas tal particularidade não tem como ser considerada pelo tradutor no momento da legendação. Por ser um universo muito amplo, o tradutor não tem como prever como se dará a

recepção em cada indivíduo e, por isso, trabalha com a coletividade. Arrojo (1997) denomina essa coletividade social como “comunidade interpretativa”. Isto significa dizer que o texto será interpretado de acordo com a comunidade em que está inserido, considerando, como já abordado, os seus aspectos social, histórico, etc. Verifica-se, aqui, a importância dada aos receptores ou à audiência e retomamos, nesse momento, a idéia de fidelidade. Rosemary Arrojo aborda também esse ponto ao afirmar que a qualidade de ‘verdadeira’ ou ‘fiel’ é dada conforme a comunidade interpretativa e que uma tradução fiel ao original é, na verdade, fiel ao contexto estabelecido para sua interpretação. Em suas próprias palavras (ARROJO, 1997, p. 44):

nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto ‘original’, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, [...], sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. [...] Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução. [grifo do autor]

Por essas razões, consideramos tanto a interpretação do tradutor quanto ao do receptor no processo de recepção. Enfatizamos que a tradução, neste estudo, de conteúdos audiovisuais por meio da legenda não pode descartar a interpretação do tradutor, mas deve sim considerar tal interpretação de maneira diferenciada, já que busca satisfazer a audiência receptora.

Apesar de parecer um pouco estranho encaixar o tradutor no processo de recepção, todas as considerações visam à qualidade do produto que chegará ao espectador, destino final da tradução. O que ocorre no processo de recepção no leitor da língua-alvo consiste em dois aspectos, que podem ser transportados para o âmbito da legendagem: aspecto estético, como já tratado anteriormente, e o aspecto cultural. O receptor interpreta o conteúdo traduzido de acordo com sua cultura, ou seja, a concretização se dará conforme suas experiências e conhecimentos prévios do que considera adequado ou inadequado, certo ou errado, coerente ou incoerente, etc. Para isto, a legendagem requer adaptação cultural e de linguagem para que o filme alcance receptores em meio diverso.

Cabe aqui uma observação no que concerne aos conteúdos audiovisuais. Neles, o papel da cultura também é decisivo tanto para o entendimento do receptor quanto na escolha de que prática utilizar, mais especificamente, na tradução de filmes. Agnieszka Szarkowska (2005) relaciona a dublagem e a legendagem com dois termos muito utilizados, primeiramente por Lawrence Venuti (1998), no âmbito da tradução: “domesticação” e “estrangeirização”. A “domesticação”, que na tradução audiovisual está mais relacionada com a dublagem, pressupõe a idéia de dominação, pois há interferências e não há brechas para comparações, por parte do receptor, das falas e culturas do original e do filme dublado. Já na legendagem, relacionada a “estrangeirização”, o espectador entra em contato também com a língua estrangeira. Segundo Szarkowska (2005, p.5), “estrangeirização privilegia a cultura de origem, e evoca o ‘outro’, enfatizando a natureza estrangeira do filme”²⁵. Em alguns países, a legendagem está se tornando a modalidade preferida de tradução audiovisual, porque, para os espectadores, mantém a autenticidade da produção original, já que se é possível escutar as próprias vozes dos atores.

Retornando ao processo de recepção da tradução, Pengzhi (2005, p. 31) indica que “os leitores devem, primeiramente, se preparar em termos culturais para construir o horizonte de expectativas adequado”²⁶. Contudo, não fica explícito o que Pengzhi considera “adequado”. Na verdade, não cabe falar em adequação quando tratamos de interpretação. Cada receptor tem um *background* cumulativo que influencia sua compreensão dos diversos conteúdos a ele apresentados. Não se pode, portanto, esperar uma resposta adequada de uma variedade de opiniões subjetivas.

Além do estético e do cultural, tem de se considerar também o aspecto cognitivo. Segundo o pesquisador Ali Hajmohammadi (2004, p. 1), da Universidade de Allameh Tabatabai no Irã, “estudos mais aprofundados poderão sugerir que assistir a materiais legendados requer muito mais [do receptor] do que ler textos literários traduzidos”²⁷. Isto porque os leitores têm de se concentrar apenas em ler, várias vezes se necessário, e interpretar os signos. Já nos filmes legendados, os espectadores, além de decodificar as legendas em uma só oportunidade, precisam observar as imagens e interligá-las às legendas.

²⁵ Tradução própria de “Foreignisation privileges the source culture, and it evokes a sense of ‘otherness’, emphasizing the foreign nature of a film”.

²⁶ Tradução própria de “readers must, first of all, prepared themselves in terms of culture, i.e. to construct an adequate horizon of expectations”.

²⁷ Tradução própria de “Deeper consideration may well show that this is ill-founded and even suggest that viewing subtitled material is much more demanding than reading literary texts in translation”.

Lembrando que pode haver perdas em algum dos processos, as legendas devem englobar os pontos principais da fala em aproximadamente 70 caracteres divididos em, no máximo, 2 linhas devido ao tempo que o espectador tem para ler, sem perder o prazer de assistir (não ler) a um filme. O autor ainda salienta que as imagens “carregam as informações vitais”, não podendo, portanto, as legendas exigir grande esforço cognitivo do espectador.

Na recepção dos filmes legendados, o espectador se envolve em processos mentais e físicos. Hajmohammadi (2004) lista esses processos de maneira detalhada:

1. Leitura das legendas;
2. Decodificação das legendas - envolve os conteúdos sintáticos e semânticos juntamente com o conteúdo semiótico (imagem e som) do canal audiovisual para que haja a interpretação;
3. Observação das sequências das imagens;
4. Decifração da informação visual;
5. Conexão de cada conjunto de imagens com a respectiva legenda;
6. Captação do som (falas, música, efeitos especiais, etc.);
7. Projeção do que irá acontecer;
8. Recapitulação do que já ocorreu.

Avaliando os aspectos acima citados, pode-se observar que os vazios a serem preenchidos, conforme proposta da Teoria da Recepção, pelo receptor dos conteúdos audiovisuais por meio das legendas deve ocorrer tanto para a interpretação do filme original quanto para a tradução quase simultaneamente. Não poderíamos falar em simultaneidade, pois, no processo de leitura e de decodificação das legendas, a observação e decifração das imagens se interrompem. Essa interrupção ocorre rapidamente, contudo Hajmohammadi

afirma que há perda da imagem em virtude da legenda. A legenda é um conteúdo adicional que pode prejudicar a percepção de outros aspectos visuais do filme, já que a atenção do espectador será desviada ou ficará dividida. Essa perda pode se agravar de acordo com a velocidade das cenas, das falas e da legenda, bem como sua extensão. Portanto, além das preocupações quanto ao paralelo traçado entre duas culturas, o espectador tem de atentar também para a captação das legendas. A ligação direta entre o tradutor e o receptor fica, aqui, explícita.

Apesar das possíveis interferências da legenda no filme, um número alto de espectadores opta por assistir a filmes legendados por motivos que podem ser diversos: seja por buscar a originalidade, seja pelo aperfeiçoamento de uma língua estrangeira, seja por desgostar da posteriorização causada pela dublagem. Independente dos motivos, acredita-se que, por meio das legendas, o receptor da língua-alvo obtém uma “equivalência de efeito”. Hajmohammadi declara que esse efeito não é possível de ser reproduzido, pois as legendas impedem que o espectador adquira todas as informações provenientes das imagens. Por essa razão, em algumas cenas onde as imagens têm elevada importância, o tradutor opta por não legendar algumas falas, como as cenas de ação, por exemplo. Isso só é possível porque, em algumas cenas, as imagens transmitem mais significados que os diálogos. O autor resume que há dois pontos a serem ressaltados: 1) existem outros elementos do discurso oral, além das palavras, que carregam significados cinematográficos; e 2) na transição do diálogo para as legendas, apenas as palavras são enfatizadas e não os outros elementos.

Nas palavras de Hajmohammadi (2004, p. 5):

Legendas identificam diálogos, sem considerar suas **características extralinguísticas** (gênero, idade, classe social, etc.), **características paralinguísticas** (expressão facial de caráter, movimentos de cabeça / olho, gestos, etc.), **padrões de entonação, tom emocional**, etc. Todas essas características permanecem intactas no produto final, o que significa que as legendas apenas representam um pequeno, embora indispensável, fragmento do diálogo original. Por essa razão, qualquer combinação de palavras que acompanhe a imagem e o diálogo original pode ser considerada uma versão aceitável e equivalente.²⁸ [tradução própria]

²⁸ Subtitles track dialogues minus their **extra-linguistic features** (gender, age, social class, etc), **paralinguistic features** (facial expression of characters, head/eye movements, gesture, etc), **pitch patterns, emotional tone**, etc. All these features are intact in the end product, which means that subtitles stand for only a small, albeit indispensable, fragment of the original dialogue. In view of this, any combination of words that gives the same direction on the image-story as the original dialogue may be considered an acceptable equivalent of the SL [second language] version. [grifo do autor]

Talvez por isso, dada a pouca intervenção da legenda em outros elementos, alguns espectadores preferam a modalidade de legendagem para a tradução de filmes. Essa forma única de tradução exige uma forma singular de recepção, pouco tradicional.

Verificou-se ao longo deste capítulo que a recepção audiovisual por meio da legenda ocorre de maneira diferenciada. A tradução literária serviu de base para o entendimento do receptor de forma generalizada. Observaram-se os conceitos básicos da Teoria da Recepção a fim de projetarmos seus preceitos à recepção audiovisual. Jauss e Iser, grandes teóricos nessa área, contribuíram significativamente à formulação dessa teoria emergente. Jauss aborda o conceito de “horizonte de expectativas” (de acordo com o *background* constituído por experiências passadas e com as expectativas do que será recebido), que cada receptor traz consigo na leitura de um texto e que projetamos para a percepção do filme. Iser, por sua vez, concentrou-se em estudos culturais, enfatizando a relação texto e leitor. Sua principal contribuição ocorreu em relação à conceituação do “ponto de vista móvel” (*wandering viewpoint*) – que enfatiza a forma constante como o leitor navega pelo texto, reavaliando suas expectativas em relação a convicções pessoais e conduzindo o receptor ao autoconhecimento. Isso só é possível quando a concretização ocorre, ou seja, quando pontos de indeterminação ou vazios encontrados no texto são preenchidos ou negados pelo leitor - ponto inicial da formação das imagens.

Abordamos também o conceito de audiência segundo o autor Antonio Carlos Ruótolo (1998), bem como suas considerações a respeito das respostas dadas quando há o contato com algum produto. Dessa forma, analisamos dois estágios da recepção no processo de tradução: o do tradutor e do receptor. Demonstramos que, na tradução audiovisual por meio da legenda, a recepção se dá de maneira mais complexa, já que o espectador além do contato com o a resposta do tradutor (legendas), há também o contato direto com o conteúdo original (filme). Entendemos, portanto, que ao elaborar a tradução, o tradutor se preocupa com o “horizonte de expectativas” do receptor, ou seja, as legendas buscam atender às necessidades do espectador em consonância com aquilo que é fornecido também e principalmente pelas imagens. Daqui observamos como o esforço cognitivo exigido do espectador, na percepção e recepção de filmes legendados, é ampliado. Foi detalhado também, conforme Hajmohammadi (2004), as etapas do processo de recepção nesse caso. Esses foram os pontos observados na pesquisa de campo descrita e analisada no capítulo seguinte.

2 METODOLOGIA

Este capítulo aborda a metodologia de pesquisa utilizada, os métodos, os critérios, materiais, técnicas e equipamentos utilizados no desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa, aqui, se dá de maneira qualitativa, a fim de desenvolver conceitos, descrever realidades e estender a compreensão sobre fenômenos relacionados às questões da prática de legendagem na tradução audiovisual e sua recepção fortemente relacionada ao âmbito cultural de cada sociedade.

A seção 2.1 trata da pesquisa qualitativa, dando um breve relato do surgimento, da conceituação e das características de tal pesquisa. Na seção 2.2, traz uma breve descrição da pesquisa bibliográfica e como se deu o desenvolvimento da fundamentação teórica desenvolvida no capítulo 1 desta pesquisa. Já a seção 2.3 procura justificar a escolha da abordagem do estudo de caso. A seção 2.4 e 2.5 tratam da seleção do filme e da seleção dos participantes, respectivamente. Na seção 2.6, são apresentados os instrumentos utilizados nesta pesquisa: os questionários e as entrevistas gravadas. Finalmente, a seção 2.7 engloba as questões éticas norteadoras da realização da pesquisa, tais como a preservação das identidades dos participantes e a permissão concedida pelos mesmos.

Para a realização deste estudo, foram selecionados 7 participantes que responderam a três questionários (prévio, geral sobre o filme e de partes específicas do filme) e se submeteram a entrevistas para eventuais esclarecimentos por parte da pesquisadora em relação ao objeto de estudo – o filme legendado.

Como já mencionado, esta foi uma pesquisa qualitativa, ou seja, um modelo que analisa casos específicos, relacionando questões pontuais de qualidade. Devido à natureza da pergunta de pesquisa – “Como as legendas interferem na recepção de conteúdos audiovisuais?” -, o método de investigação escolhido foi o estudo de caso, que, por suas características, provou ser a metodologia mais indicada para a investigação a que este estudo se propôs.

2.1. Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é um campo da investigação, cuja denominação surgiu de um movimento reformista no início dos anos 1970 no mundo acadêmico. Esse enfoque abarca inúmeras disciplinas e áreas de pesquisa, entre elas as diversas perspectivas e métodos de caráter cultural e interpretativo. Segundo os pesquisadores Denzin e Lincoln (2006, p. 17), de maneira geral, a pesquisa qualitativa pode ser definida como:

uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem.

Portanto, a pesquisa qualitativa, além do levantamento bibliográfico, envolve também o “estudo do uso” (DENZIN e LINCOLN, 2006), ou seja, insere o pesquisador na realidade do objeto estudado, e traz, na coleta dos dados, uma variedade de materiais empíricos, como o estudo de caso, os quais descrevem detalhadamente momentos e significados da rotina e os problemas na vida dos indivíduos. Todo o trabalho do pesquisador, aqui, é feito de maneira muito específica e detalhada a fim de compreender uma situação geral que causa desconforto de algum modo. Não é fácil delimitar o campo de discussão da pesquisa qualitativa, pois ela não possui uma teoria propriamente dita. Ela se encaixa, como mencionado antes, em várias disciplinas distintas, sem pertencer exclusivamente a cada uma delas. Vale lembrar que não se pode privilegiar um método em detrimento de outro, já que, nesse modo de pesquisa, as práticas se adequam a cada realidade disciplinar. Por ser interdisciplinar e transdisciplinar, a delimitação de um conceito em pesquisa qualitativa se torna complicado. Ela envolve um conjunto de abordagens, práticas, tensões, contradições, métodos e técnicas de diversas áreas humanas, sendo, assim, alvo de muitas críticas e resistências dos meios científicos mais conservadores.

Essa “nova forma” de pesquisa veio se opor às idéias da pesquisa quantitativa positivista que cultivam um fazer científico baseado em estudos do ato de medir e de analisar as variáveis, os números com base em estatísticas e sem se preocupar com o processo em si. Os estudos quantitativos alegam que dessa forma o trabalho tem caráter científico, livre de valores subjetivos, como a crença individual de pesquisador e pesquisado intrincados na cultura de cada um. Na verdade, a pesquisa qualitativa, como o próprio nome sugere, baseia-se na qualidade dos processos e significados - que não são medidos por experiências em termos de quantidade - e dá ênfase à relação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo no meio, às condições em que estão inseridos e ao modo como a experiência social é constituída. Por apresentar diferenças consideráveis, os autores Denzin e Lincoln (2006) elencam cinco diferenças principais entre as duas formas de se fazer pesquisa, sendo em relação: ao positivismo e pós-positivismo; aos pensamentos pós-modernos; à forma de notar o ponto de vista do indivíduo; à análise das limitações do cotidiano; e à riqueza de descrições.

Conforme se pôde observar, a pesquisa qualitativa está mais interessada em analisar casos específicos, abordando questões pontuais de qualidade e não de quantidade. Por essas razões, ao estudar a percepção receptora do conteúdo cinematográfico por meio de legendas, faz-se necessário enfatizar os estudos práticos e teóricos de cunho qualitativo, já que não se busca uma comprovação do número de indivíduos que são dependentes de ou se utilizam da legenda e, sim, a maneira como ela influencia, culturalmente, e como é percebida pelos espectadores.

2.2 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica abrangeu tanto questões de tradução como de recepção, com adaptação para o ambiente audiovisual intermediado pela legenda, e consiste em um levantamento amplo e qualitativo de fontes a respeito do tema a ser analisado, utilizando livros de referência, publicações periódicas, impressos diversos e textos disponíveis em meios eletrônicos. Segundo o pesquisador Antonio Carlos Gil (2002, p. 44), “os livros de referência são aqueles que têm por objetivo possibilitar a rápida obtenção de informações

requeridas [*livros de referência informativa*], ou a localização das obras que as contêm [*livros de referência remissiva*]”. Como exemplos de livros de referência informativa, têm-se os dicionários, enciclopédias e almanaques. Os de referência remissiva poder ser designados, de maneira geral, como catálogos. As publicações periódicas são as revistas e os jornais editados regularmente ou não. Os impressos diversos consistem em qualquer outra forma de literatura, como as dissertações. Os textos em meio eletrônico são artigos, teses de dissertações e revistas eletrônicas. Portanto, buscando emprestar maior credibilidade às abordagens práticas no estudo de caso, os estudos também serão embasados em teóricos renomados na área de Tradução e Tradução audiovisual, mais especificamente. O tema escolhido considera aspectos da prática de legendagem, enfocando o papel do receptor e de como a dependência em relação às legendas altera, ou ainda, determina a sua absorção do conteúdo cinematográfico.

Sabine Gorovitz (2006, p. 65) confirma:

o tradutor, pelas limitações técnicas impostas, deve resumir e sintetizar ao máximo o diálogo, tentando produzir uma mensagem curta e clara e tendo unidade semântica. Essas restrições são condicionadas pelas necessidades do olho físico em relação ao tempo de leitura. (...) A posição da legenda, a fonte utilizada, a cor, o tempo de exposição, a escolha de palavras facilmente apreensíveis devem respeitar regras rígidas e, assim, limitam a liberdade do tradutor. Além disso, a projeção da legenda deve ser sincronizada à imagem (...).

Observando as considerações acima, fica evidente que os tradutores devem estar bem familiarizados com a linguagem do cinema e ser completamente fluentes na língua-alvo e na do original. Além disso, é preciso talento e criatividade para legendar em poucas palavras um diálogo, muitas vezes complexo, contendo informações-chave para o entendimento do conteúdo. Portanto, o que se precisa manter em mente é a razão de qualquer tipo de tradução ou de comunicação, que não está voltada para o emissor (tradutor, no caso), apesar de essencial, e sim para o receptor.

Aspectos dessa natureza foram abordados na pesquisa qualitativa, com o intuito de demonstrar, na prática, cada etapa que o receptor encara ao ver relativa ou totalmente dependente da legenda.

2.3 Estudo de caso

Tendo em vista o interesse em analisar o filme *O Caçador de Pipas* de Marc Forster, 2008, e a reação do telespectador quando este se encontra totalmente ou parcialmente dependente da legenda, baseio-me na linha de Estudo de Caso. Este, segundo Gil (2002, p. 54), consiste no “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Há diferentes propósitos que levam o pesquisador a adotar o estudo de caso, tais como (GIL, 2002, p.54):

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão muito bem definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias;
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas.

Robert E. Stake (1994) ressalta ainda que o Estudo de Caso não é uma escolha metodológica e, sim, uma escolha do objeto a ser estudado. Por ser uma forma de pesquisa - neste caso, qualitativa -, o Estudo de Caso é definido pelo interesse em algum caso específico e não pelos métodos de sua investigação. Contudo, Christian Faltis (1997) afirma que há dois métodos de Estudo de Caso que devem ser observados e diferenciados, chamados de *interpretativo* e de *intervenção*. A principal diferença entre os dois métodos é que nesta o pesquisador analisa quais efeitos uma intervenção tem nos participantes de um caso, já naquela não há intervenção e o caso em si é o foco de interesse, embasado em fatores até mesmo sociais e culturais.

Outra forma de classificação é a de Stake (1994) em *estudo de caso intrínseco*, *estudo de caso instrumental* e *estudo de caso coletivo*. No primeiro caso – intrínseco –, o estudo é tomado como a melhor forma de se entender um caso específico, apesar de toda sua particularidade e especificidade. Neste caso, a construção de uma teoria não é a principal razão da pesquisa. Já no estudo instrumental, o caso particular é examinado a fim de fornecer uma reflexão a respeito de uma questão ou de um refinamento da teoria. O caso é de interesse secundário; assume papel de suporte, auxiliando o entendimento. O estudo de caso coletivo acontece quando o pesquisador estuda um número de casos juntos na intenção de investigar fenômenos, populações ou condições gerais. Para este trabalho, segundo a proposta de pesquisa, utilizar-se-á, na maioria das vezes, o estudo de caso interpretativo e intrínseco, mesmo que, em momentos pontuais, outras formas de estudo se revelem. Segundo discussões de Stake (1994, p. 244), as maiores responsabilidades do pesquisador no estudo de caso qualitativo são:

1. delimitar o caso, conceituando o objeto de estudo;
2. selecionar fenômenos, temas e questões – que são as perguntas de pesquisa- a serem enfatizados;
3. buscar dados padrões para desenvolver as questões;
4. triangular pontos-chave e bases para interpretação;
5. selecionar interpretações alternativas a serem enfocadas;
6. desenvolver generalizações ou asserções a respeito do caso.

Alguns autores salientam alguns pontos não-satisfatórios em relação ao Estudo de Caso, pois acreditam que tal pesquisa não traz resultados gerais que possam servir de base ou de comparações para outros estudos. Stake (1994, p. 238) afirma que muitos cientistas sociais consideram que o estudo de um caso particular não é tão importante quanto os estudos que obtêm generalizações, e rebate, afirmando que as generalizações não deveriam ser enfatizadas em todas as pesquisas. “Danos ocorrem quando o compromisso de generalizar

ou de criar teoria é tão forte que a atenção do pesquisador é afastada dos aspectos importantes para o entendimento do caso em si” (Stake, 1994: 238). Portanto, o intuito da pesquisa qualitativa não é de fornecer resultados gerais e, sim, deixar que outros pesquisadores ou até mesmo leitores tirem suas conclusões específicas e as insiram em contextos gerais. Cabe, no entanto, ao pesquisador trabalhar com casos que tenham validade e que tenham ligação, de alguma forma com a realidade, mesmo sendo uma realidade mais específica.

2.4 Seleção do filme

O filme selecionado para o estudo de caso foi *O Caçador de Pipas* de Marc Forster, 2008, baseado no livro homônimo de Khaled Hosseini, por possuir algumas características consideradas importantes na verificação da recepção do conteúdo cinematográfico por meio de legendas.

A história do filme *O Caçador de Pipas* se dá em dois momentos distintos. O primeiro, na pré-invasão russa, se passa no Afeganistão, na cidade de Cabul, onde passa a história infantil de Amir e Hassan. Nessa parte, os diálogos ocorrem em pashto, idioma afegão, e são mostrados explicitamente a cultura e a tradição do povo afegão. No segundo momento, as cenas se passam nos Estados Unidos, após a invasão, quando Amir já se encontra na fase adulta. Aqui, o idioma é essencialmente inglês com inserção de algumas expressões em pashto. As culturas americana e afegã acabam por serem confrontadas e mescladas.

Conforme exposto, ficam evidentes os motivos que levaram à escolha do objeto de estudo. Primeiramente, a mistura de idiomas foi de grande interesse. O pashto, língua pouco conhecida, foi considerado uma possível dificuldade que os espectadores pudessem encontrar e demonstraria a necessidade da utilização total das legendas. Adicionado a esse fator estão também os aspectos culturais que podem ocasionar pouca familiaridade para o telespectador e, de certa, forma prejudicar o entendimento do filme em consequência. Na língua inglesa, apesar de mais comum entre os brasileiros, os que possuem pouco conhecimento do idioma experimentam sensação parecida com o idioma afegão, embora a

língua soe mais familiar ainda assim. A cultura, contudo, mais próxima à nossa realidade causa pouco estranhamento. Não se pode esquecer que, apesar de parte do filme se passar no país norte-americano, a cultura dos Estados Unidos é pouco marcada, já que os personagens mantêm e cultivam suas raízes afegãs.

Dessa forma, o filme escolhido tentou englobar aspectos cognitivos e culturais que pudessem influenciar na recepção e percepção do filme legendado. Afirmções relativas a esses aspectos podem ser fortemente afetadas pela familiaridade com o idioma das falas e com a cultura, enfatizando, uma vez mais, a importância da escolha desse filme.

2.5 Seleção dos participantes

A seleção dos sujeitos entrevistados é de grande preocupação para os pesquisadores na investigação científica. Os sujeitos tinham de possuir informações diretamente relacionadas com os objetivos da pesquisa. Por ser uma pesquisa qualitativa, o número de participantes não é a questão mais relevante, portanto, foi prevista uma quantidade reduzida - sete sujeitos. Como a heterogeneidade proporciona uma maior quantidade de dados qualitativos para os resultados, considerou-se um grupo composto de homens e mulheres, de diferentes faixas etárias e classes sociais que tivesse familiaridade com obras legendadas (vide quadro1, p. 80) Levaram-se também em consideração outros aspectos relacionados aos participantes que pudessem definir o andamento da pesquisa, como: disponibilidade de tempo; a preocupação e habilidade em fornecer informações; o desconforto em falar de questões culturais.

Os contatos também foram de grande relevância, no entanto não se mensurou o número de encontros precisamente, pois foi necessário que a confiabilidade se estabelecesse, tanto dos participantes em relação ao pesquisador, quanto do pesquisador para com os participantes.

Quadro 1: Perfil dos participantes de pesquisa.

	Carolina	Júlio	Cassiana	Carlos	Laís	Antônio	Olívia
Idade	29 anos	43 anos	20 anos	25 anos	17 anos	29 anos	26 anos
Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Grau de escolaridade	Superior completo	Nível médio	Superior incompleto	Superior completo	Nível médio incompleto	Superior completo	Superior completo
Conhecimento do idioma inglês	Avançado	Nenhum	Avançado	Nenhum	Avançado	Básico	Básico
Conhecimento do idioma afegão (pashto)	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum
Preferência de modalidade de tradução audiovisual	Legendagem	Legendagem	Legendagem	Legendagem	Legendagem	Legendagem	Legendagem
Contato prévio com o livro	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não
Contato prévio com o filme	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim

2.6 Instrumentos de coleta de dados

2.6.1 *Questionários*

Foram utilizados três questionários que buscaram avaliar a opinião e as dificuldades enfrentadas pelos receptores quando expostos a conteúdos audiovisuais, obtendo assim noções gerais da reação e do comportamento dos participantes, em relação ao objeto de estudo, em dois momentos distintos: a dependência parcial da legenda quando esta traduz filme de língua estrangeira familiar, no caso a língua inglesa; e a dependência total da legenda quando constitui o único meio de acesso ao conteúdo verbal do filme de língua estrangeira, quando esta não é do domínio do espectador.

O primeiro questionário (vide Anexo II) – “Questionário prévio”, que antecedeu à exposição do filme e composto por 20 perguntas - foi dividido de acordo com aspectos técnicos e cognitivos relacionados às legendas e o modo como elas se relacionam com os espectadores. Os aspectos técnicos (perguntas de 1 a 8) procuraram analisar a preferência de modalidade de tradução audiovisual, a coerência da legenda com a fala do filme original, absorção de aspectos culturais, possíveis perdas de imagem, de som e da própria legenda e barreiras encontradas na percepção de filmes legendados, como cor, tamanho e número de caracteres, velocidade das legendas, etc. Para os aspectos cognitivos (perguntas de 9 a 17), foram questionadas questões quanto ao papel da legenda como incentivadora da leitura, à conferência e aperfeiçoamento de habilidades em idioma estrangeiro, à dependência da legenda quando do desconhecimento da língua original do filme, à ambientação lingüística original e ao papel social desempenhado pela legendagem quando comparada com a dublagem. Neste questionário, avaliou-se também se a leitura do livro ou contato com o filme previamente interferiram no entendimento do filme (perguntas 18 a 20).

O segundo questionário (vide Anexo III) – “Questionário geral sobre o filme” – relacionavam 8 questões a respeito do enredo do filme, após sua exposição. Esse questionário apresentou-se pouco relevante para os estudos acerca das legendas. O questionário serviu, no entanto, para demonstrar o entendimento global do filme legendado, o

que poderia ter sido feito, incorporando perguntas mais gerais no questionário seguinte, já que alguns participantes aparentaram cansaço devido à extensão dos questionários, apesar de cada etapa ter ocorrido em dias distintos.

O questionário 3 (vide Anexo IV), “Questionário de partes específicas do filme”, analisou, em 8 perguntas, aspectos pontuais quanto às legendas e sua recepção por parte dos espectadores. Este questionário abordou trechos específicos do filme, que foram apresentados previa e seriadamente às perguntas. Ou seja, os trechos relacionados eram apresentados e posteriormente a pergunta era lançada. As questões procuraram identificar em quais momentos a tradução por meio das legendas eram realmente necessárias ou quando elas traziam desconforto para quem assistia ao filme. Por se tratar de filme em idioma pouco desconhecido (pashto) e na busca pela manutenção de características culturais, o tradutor, em alguns momentos, optou pela legendação, sem tradução, de termos afegãos. Os participantes foram também questionados quanto à necessidade de legendação para todas as falas, mesmo quando essas forem curtas e recorrentes, ou quando de cenas carregadas de informação visual. Foi observado, ainda, se a leitura das legendas atrapalharia de alguma forma na absorção das imagens.

Não foi necessário compilar os dados dos questionários de maneira quantitativa; os dados foram utilizados para traçar os perfis dos participantes, descritos anteriormente, e também para triangular os dados quanto aos aspectos da legendagem e da recepção, juntamente com a entrevista – detalhada a seguir.

2.6.2 Entrevistas

As entrevistas, com duração média de 30 minutos cada, tiveram, nesta pesquisa, o intuito de esclarecer possíveis pendências ou dúvidas encontradas no questionário e em contatos prévios, utilizando para isso a triangulação de métodos. Entende-se por triangulação o uso de ferramentas investigativas diferentes para responder a uma pergunta de pesquisa, com o objetivo de assegurar a validade da mesma, compensando o efeito de contribuições incompletas, falsas ou ambíguas dos participantes geradas por uma ferramenta.

Segundo estudos da investigação qualitativa, as entrevistas podem ser classificadas de diversas maneiras, sendo escolhida aqui a classificação de Rosa e Arnoldi (2006) em: estruturada, semi-estruturada e livre. Para o presente trabalho, utiliza-se a entrevista semi-estruturada por causa de sua natureza.

A *entrevista estruturada* trabalha com questões formalmente elaboradas, com linguagem sistematizada e de preferência fechada para que se obtenham respostas curtas e concisas. O pesquisador elabora um roteiro de forma a avaliar igualmente todos os sujeitos e, normalmente, os dados obtidos são submetidos a uma análise quantitativa. Na *entrevista semi-estruturada*, o pesquisador formula questões abertas com tópicos pré-selecionados, de forma flexível e a sequência da entrevista fica a cargo dos sujeitos. Assim os sujeitos ganham espaço para opinar e discorrer a respeito de seus pensamentos, tendências e reflexões naturalmente. Para esse tipo de entrevista, tem-se uma relação de confiabilidade, pois os sujeitos devem estar familiarizados com o pesquisador para que este obtenha, satisfatoriamente, as informações almejadas. Já nas *entrevistas livres*, não há nem mesmo uma lista de perguntas abertas a serem feitas. Por meio de um relato oral dos sujeitos, as informações são obtidas e, dessa forma, não há uma estratégia única a ser seguida, tendo como resultado dados muito subjetivos.

Há também outras formas de classificação, relacionadas à entrevista semi-estruturada, julgadas interessantes que devem ser abordadas de maneira geral e complementar. A *entrevista focalizada*, considerada uma entrevista qualitativa, é feita a partir da “análise do conteúdo e hipóteses previamente levantadas”, com o intuito de “averiguar as respostas e os efeitos antecipados” (ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 34). Outra forma de classificação, feita por Miller, Crute e Hargie²⁹ (*apud* ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 35), é de *entrevista de investigação*, “conhecida como técnica de obtenção de informação relevante para todos os objetivos de um estudo, podendo adotar formatos e estilos variados”. Esta categoria de entrevista de investigação está inserida em uma categoria maior denominada de *entrevistas profissionais* cujos procedimentos mantêm certos vínculos, ou seja, estabelecem um “relacionamento afetivo, ocasionado naturalmente, proporcionado *por vários contatos* até que a confiabilidade se instale; e a partir daí, os dados fluíam, com certeza, com muita precisão” (ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 38).

²⁹ Referência não disponível.

2.6.3 Gravações

As gravações foram feitas de modo a adquirir a totalidade do que foi dito na entrevista; contudo, era necessário que o entrevistado tivesse consciência e conforto em relação ao registro de suas informações. É por isto que a gravação só deve ser feita após o estabelecimento do vínculo de confiabilidade entre entrevistador/entrevistado. Caso contrário, não se deve utilizar tal mecanismo, optando por outra forma de registro de informações, como o “tomar notas”. Por ser um processo muito complexo, toda a preparação tanto física quanto psicológica do entrevistado, bem como o ambiente, condições de tempo e lugar de realização, deve ser muito bem elaborada.

Após a fase de registro de dados, tem-se a transcrição das fitas gravadas nas entrevistas (vide Anexo V), mantendo-se sempre a fidelidade àquilo que foi dito pelo entrevistado. Esse processo de análise qualitativa se baseia na saturação dos dados obtidos pelo pesquisador e, portanto, exigindo muito tempo.

2.7 Questões de ética

Outra preocupação freqüente dos pesquisadores envolve a questão ética na pesquisa qualitativa, abrangendo aspectos como o caráter confidencial, anonimato, consentimento consciente e autorização formal dos participantes.

Pensando nisso, para esta pesquisa, foi criado um “Termo de Consentimento” (vide Anexo I), que foi entregue aos participantes no primeiro dia de coleta de dados. Nesse documento, os participantes autorizam a pesquisadora a apresentar e divulgar os resultados deste estudo. Esse termo garante, além disso, o anonimato dos participantes, cujos nomes foram alterados no momento da análise dos dados.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Depois da discussão, nos capítulos anteriores, sobre a fundamentação teórica e a metodologia de pesquisa do estudo, este capítulo apresenta os resultados da pesquisa e o levantamento, a análise e a discussão dos dados, enumerando e debatendo aspectos relacionados à interferência das legendas na absorção e recepção do filme *O Caçador de Pipas*.

Na seção 3.1, é descrito como ocorreu o processo de levantamento dos dados e as influências externas que puderam alterar a coleta. A seção 3.2 aborda o tratamento dos dados, ou seja, apresenta e discute os dados colhidos na pesquisa, reunindo os resultados obtidos de acordo com as influências que o filme pode sofrer quando intermediado pelas legendas.

3.1 Levantamento dos dados

O primeiro contato com os participantes ocorreu para que fosse explicado como se daria todas as etapas da pesquisa e para a entrega e assinatura do “Termo de Consentimento”. Nesse mesmo momento, foi entregue aos participantes o primeiro questionário (“Questionário prévio”), seguido de leitura e de esclarecimentos sobre os objetivos de cada pergunta. Devido à sua extensão, foi permitido aos participantes que o questionário fosse respondido em casa. Esse questionário buscou identificar aspectos gerais e pré-concebidos pelos participantes em relação à legenda, além de indicar o perfil de cada um.

No segundo encontro, os participantes entregaram o “Questionário prévio” e foram expostos ao filme *O Caçador de Pipas* com o áudio original e com a legendagem como opção de tradução. O ambiente em que os participantes se encontraram era confortável, a transmissão do filme foi feita em televisão de 42” que facilitava a observação das cenas e das legendas, não havia interferência de barulhos, ruídos ou luz externos. Não se teve a pretensão

de reproduzir o ambiente de cinema, apenas proporcionar, aos participantes, qualidade na absorção do filme. Após a exposição ao filme, foi solicitado aos participantes responder o segundo questionário (“Questionário geral sobre o filme”). Foi demonstrada a importância de respostas imediatas para que não houvesse esquecimento quanto às cenas do filme. Esse questionário apenas teve o intuito de analisar o entendimento global do filme legendado, sem considerar pontos específicos quanto à legenda em si.

O encontro seguinte ocorreu para que fosse verificado o papel da legenda em cenas específicas do filme *O Caçador de Pipas*. Essa etapa revelou aspectos interessantes que confirmaram ou refutaram as declarações feitas pelos participantes previamente no primeiro questionário. Cada trecho selecionado do filme era retransmitido aos participantes e, em seguida, era apresentada uma pergunta a respeito do que havia sido observado, buscando enfatizar a necessidade ou não das legendas, sua interferência na observação das cenas, ou ainda a não percepção delas por parte dos participantes. A decisão de retransmissão de alguns trechos ocorreu com a intenção de enfatizar apenas as cenas e as legendas, não se prendendo à lembrança ou à memória. Para manter a fidelidade da pesquisa, as perguntas desse questionário (“Questionário de partes específicas do filme”) foram apresentadas de maneira serial sem que os participantes tivessem contato com a totalidade das perguntas previamente. Isso garantiria que as cenas fossem observadas naturalmente, apesar de alguns participantes afirmarem que, por a pesquisa tratar da legendagem, a atenção ficou um pouco voltada para os aspectos da legenda em si.

Após a reunião e análise geral dos dados colhidos nas três etapas descritas acima, a pesquisadora considerou necessário aprofundamento a respeito de alguns pontos que permaneceram obscuros. Respostas incompletas, ambíguas ou pouco esclarecedoras foram elucidadas nas entrevistas individuais.

3.2 Tratamento dos dados

Esta seção está dividida em 09 subseções que apresentam, analisam e discutem os dados coletados nesta pesquisa. Cada subseção traz um aspecto da legendagem

sob o ponto de vista dos receptores e as influências por ela causadas na recepção do conteúdo audiovisual. As subseções foram divididas de acordo com a seguinte ordenação: 3.2.1 Preferência de modalidade; 3.2.2 Legendas esclarecedoras; 3.2.3 Escolha lexical; 3.2.4 Legenda como meio incentivador da leitura; 3.2.5 Legenda e o tempo gasto na leitura; 3.2.6 Legenda – verificação de conhecimento em língua estrangeira e a sua influência na absorção do conteúdo cinematográfico; 3.2.7 Conhecimento do idioma estrangeiro e a dependência da legenda; 3.2.8 Ambientação linguística original; e 3.2.9 Papel social da legendagem.

3.2.1 Preferência de modalidade

O primeiro aspecto que deve ser levado em consideração é a preferência da modalidade de tradução audiovisual. Foi observado, na pesquisa, que todos os participantes optaram pela legendagem, independente da língua original, como preferência de modalidade de tradução para filmes. Foi notado também que os motivos que levam a essa escolha são bastante semelhantes. Os espectadores observados afirmaram que a originalidade mantida na legendagem é o principal motivador, isto porque o contato direto com o filme, na língua original, permite que a interpretação dos atores seja percebida inteiramente. Nas palavras de alguns participantes quanto à preferência pela legendagem:

Legendagem. Pois certas características da língua como gírias, ditos populares e até mesmo piadas são mantidas no áudio e tem muita relevância para quem tem conhecimento do idioma, enquanto que a dublagem, muitas vezes acaba retirando partes do que realmente foi falado. (Carolina)

Prefiro filmes legendados independentemente da língua em que o filme foi gravado. A dublagem tira um pouco da emoção que os atores transmitem em cada cena. (Cassiana)

Legendagem. Porque ela propicia uma melhor percepção da obra, conservando a fala e as vozes originais. Com isso não se perde o teor da mensagem transmitida. De modo diverso é o da dublagem que pode esvaziar parte do conteúdo da informação a ser transmitida. Isso ocorre porque antes de chegar a seu destinatário a mensagem é transmutada e impregnada de impressões pessoais dos dubladores, o que danifica a sua essência. (Carlos)

Independente da língua do filme a minha preferência de modalidade de tradução é a legendagem. Pois através dessa modalidade o espectador consegue ver a interpretação do ator de forma completa, já que boa parte do personagem é transmitida através da fala. (Laís)

Dou preferência à legenda porque acredito que ela contribua na manutenção da originalidade do filme. (Antônio)

Se essa observação parece, em primeiro momento, envolvida com a proximidade e familiaridade com a língua estrangeira, após analisar os depoimentos, essa preferência mostrou não ter nada a ver com o grau de conhecimento do idioma. Todos os espectadores afirmaram não ter conhecimento do idioma *pashto* e, mesmo assim, preferiram a legendagem.

Júlio muito chamou a atenção, pois foi muito reticente por escrito. Apesar de ele afirmar que preferia a legendagem como modalidade de tradução audiovisual, sua habilidade escrita demonstrou-se pouco eficiente. Contudo o que chamou a atenção é, ou acredita-se ser, que a escrita estaria associada ao hábito da leitura. Não foi, no entanto, o demonstrado por esse participante. Ele afirmou que a legenda o prendia ao filme, o forçava a se concentrar para que nada fosse perdido. Na dublagem, o esforço cognitivo era menor, pois sua atenção estaria apenas concentrada na imagem e no som, o que levaria a um fácil desligamento do filme.

É, porque você tem aquela preocupação de estar realmente não perdendo nenhum conteúdo do filme, que às vezes, sem a legenda, você, às vezes, está ouvindo o som, você está entendendo, no caso, a língua portuguesa, você, às vezes, tira um pouco da atenção. No caso da legenda, ele prende mais o filme. Eu prefiro a legenda. E pela qualidade do filme também, não é? (Júlio - entrevista)

Essas informações foram capturadas na entrevista, mais uma vez demonstrando aqui sua grande importância, já que o questionário não abrangeu essas peculiaridades.

Contudo, essa preferência não está relacionada diretamente com a captação

e o entendimento do conteúdo. A legenda não deixa de ser uma intrusa, ela não faz parte do filme e este, por sua vez, não foi produzido para recebê-la. Dessa forma, mesmo sem perceber, alguns espectadores fazem um esforço muito maior para a captação do filme legendado.

3.2.2 Legendas esclarecedoras

Os espectadores que atestaram ter conhecimento avançado do idioma inglês alegaram que as legendas podem ser esclarecedoras, quando ocorre falha ou distúrbio de qualquer natureza no áudio ou ainda para o aprimoramento de vocabulário e pronúncia.

Acredito que são muito esclarecedoras, uma vez que permite que o idioma original é mantido, além de ser um ótimo recurso para enriquecimento do vocabulário e aperfeiçoamento da pronúncia. (Carolina)

Geralmente as legendas esclarecem o filme. Muitas vezes em que o áudio falha, ou há explosões enquanto os personagens falam, as legendas favorecem a compreensão da história. (Cassiana)

As legendas podem esclarecer como atrapalhar o entendimento do filme, pois devido ao número de caracteres permitidos em uma cena muitas partes di filme são ignoradas. Mas as legendas também podem ajudar quando o espectador não tiver entendimento da língua, se não conhecer determinada palavra, entre outras coisas. (Laís)

Os participantes que possuíam pouco conhecimento do idioma inglês informaram que as legendas esclarecem o entendimento do filme, mas alguns enfocaram também a originalidade mantida e não apenas os aspectos lingüísticos.

São úteis. Ajudam a entender o filme. Por manterem a originalidade. (Antônio)

Com certeza as legendas favorecem o entendimento justamente por manterem a originalidade dos diálogos. (Olívia)

Na entrevista, quando questionado se as legendas, em algum momento, não seriam úteis, Antônio afirmou:

Em alguns momentos não, por exemplo, algumas expressões que são praticamente de um domínio quase que de público, sejam elas em inglês ou um outro idioma, nesses momentos eu achei que ela era dispensável. (Antônio – entrevista)

Contudo, apesar dos depoimentos afirmarem o esclarecimento proporcionado pelas legendas, as observações analisadas, na terceira etapa da pesquisa, quando os espectadores são confrontados com perguntas específicas sobre a legenda, revelam que, em alguns momentos, a legenda pode causar mais interferência do que esclarecimento (vide subseção 3.2.5).

Os participantes foram questionados, previamente à exposição do filme, quanto à qualidade das legendas e sua repercussão no entendimento final. Foram expostos os problemas mais comuns que poderiam levar os espectadores a uma captação não satisfatória. O primeiro aspecto abordado foi quanto ao estilo das falas, no filme original, captadas pelas legendas. Quatro dos sete participantes, sendo apenas dois com conhecimento avançado do inglês, afirmaram que a legenda é coerente e capta o estilo das falas originais. Olívia, que afirmou que as legendas seriam coerentes com o estilo das falas dos filmes originais, exemplificou:

[...] quando comparamos um filme americano com um britânico, os britânicos possuem uma linguagem e, conseqüentemente uma legenda muito mais formais. (Olívia)

Na entrevista, Olívia ainda afirmou que tal diferença não é apenas percebida por meio da legenda, mas também por meio do áudio (falas). É perceptível, portanto, que essa

característica observada não ocorre apenas por parte de espectadores com conhecimento mais avançado do idioma estrangeiro, como vimos no exemplo anterior.

Apenas os participantes Cassiana e Carlos, com conhecimento avançado e básico do inglês respectivamente, alegaram que as legendas não são coerentes e nem captam o estilo das falas do filme original. Isso porque, segundo eles, certas características não são passíveis de tradução.

A legenda geralmente empobrece o filme por não ser tão fiel a fala dos personagens. Em muitos casos, piadas e termos são modificados para melhor compreensão do filme pelos espectadores, porém, prejudicando a cultura apresentada no filme. (Cassiana)

Há alguns casos em que é feita a tradução de uma expressão idiomática que não tem nenhum sentido na nossa língua, o que de certa forma prejudica a compreensão do filme. Além disso a legendagem possui suas limitações, pois existem algumas situações nos filmes que não são possíveis de serem transmitidas por seu intermédio. São exemplos disso: os trocadilhos de palavras, as cacofonias entre outras coisas. (Carlos)

Apenas o Júlio afirmou que tal característica era de difícil percepção, já que não possuía conhecimento do idioma inglês.

Devido o fato de não dominar a língua inglesa, não tenho como garantir se a tradução do filme é repassada na sua íntegra o conteúdo da fala original do filme. Tornando difícil a minha compreensão dos sotaques regionais ou filme de época. (Júlio)

Outro ponto que frequentemente causa insegurança aos espectadores é quanto ao ritmo das falas acompanhado pelas legendas. Quatro espectadores informaram que esse ritmo depende do filme, da qualidade do serviço de tradução ou ainda do tamanho e velocidade das falas no filme original.

Quando a legenda é feita por um laboratório de qualidade é difícil notar essa diferença [de ritmo]. Tive a oportunidade de assistir alguns filmes, que demonstrava bem esse momento, como, um retardo na legenda em relação ao movimento da boca. (Júlio)

Na maioria das vezes sim. Depende da qualidade da legendagem. (Olívia)

Isso depende do filme e das cenas apresentadas, pois se as falas inseridas neles forem em grande quantidade e muito rápidos a legenda pode ser apresentada fora do tempo. (Carlos)

Duas participantes, Carolina e Laís, asseveraram que as legendas acompanham, sim, o ritmo das falas. Apenas a Cassiana afirmou que, na maioria das vezes, a legenda é descompassada.

Não. Na maioria das vezes ela adianta quando a fala é de outro personagem ou se atrasa quando se trata de uma fala muito longa. (Cassiana)

Em relação ao efeito, Carolina, Júlio, Carlos e Antônio informaram que o efeito que o filme causa nos espectadores da língua original e da língua-alvo é mantido. Laís e Olívia afirmaram que o efeito não é mantido, sendo que a Laís ainda observou os espectadores são influenciados pelo tradutor:

[...] como uma parte do que é dito nos filmes não é colocado na legenda o espectador de filmes com legendas ficam presos na interpretação de quem faz a legenda. (Laís)

Isto já havia sido bem colocado quando tratamos da *Recepção audiovisual por meio da legenda* (vê 1.3.3), quando então afirmamos que o receptor, ou espectador, interage com o filme por duas fontes que se complementam: o texto original e a tradução, uma influenciando a outra. Cassiana informou que o efeito que a legenda causa no espectador é o de esclarecer.

O efeito que a legenda causa no espectador é de maior compreensão do contexto quando não há conhecimento prévio da língua original. (Cassiana)

Esse efeito varia muito, dependendo sistematicamente das expectativas (*horizonte de expectativas*) do receptor em relação ao filme e às legendas.

A qualidade das legendas é influenciada, direta e principalmente, pelos aspectos culturais, tanto do país de origem do filme como do país receptor dele. A maioria dos participantes alegou que os aspectos culturais são percebidos, mesmo por meio da legenda. Devido ao comprometimento da legenda com a manutenção do aspecto original (*estrangeirização*), os aspectos culturais dos filmes originais são captados. Por outro lado, duas participantes lembraram que há, em certos momentos, adaptação do conteúdo para que esse seja melhor compreendido pelos espectadores da língua alvo e, assim, nem sempre os aspectos culturais do original são transmitidos pelas legendas.

[...] Muitos desses aspectos são perdidos na tradução em si, pois muitas vezes o tradutor não consegue traduzir com o mesmo sentido para o Português o que foi dito no idioma original. (Carolina)

[...]Na maioria das vezes ela compromete as falas dos personagens por sofrer alterações para melhor compreensão do público alvo. (Cassiana)

Entendemos que, apesar de se manter a *estrangeirização* – onde é observada a presença do “outro” e influenciada por ele - a legendagem é uma modalidade de tradução e, como toda tradução, não podemos falar, portanto, em fidelidade absoluta ao original, como previamente apontada neste trabalho.

Ali Hajmohammadi (2004) foi taxativo ao afirmar que há perda de algum elemento (imagem, som ou legenda) no momento do contato do espectador com o filme legendado. Nossa pesquisa mostrou, contudo, que os espectadores, muitas vezes, acreditam que tal fato não ocorre. Isso porque a maioria foi enfática ao afirmar que é possível aliar os

três elementos. O “Questionário de partes específicas do filme”, porém, demonstrou que a imagem e o som podem ser perdidos. Alguns participantes não puderam perceber a presença do idioma inglês, em alguns momentos do filme, e algumas imagens não foram totalmente percebidas. Segundo declarações, não por causa da legenda, mas sim porque afirmaram que certos detalhes não eram necessários para o entendimento global do filme.

Outro teste foi feito para observar se a legenda era responsável pela perda de imagens do filme: Passamos um trecho específico (cena da “placa atrás de Amir e seu pai”) com, primeiramente, a modalidade de dublagem e, em seguida, de legendagem com o som em idioma original. Tal artifício foi lançado para avaliar se as imagens transmitidas em plano de fundo são observadas ou se a legenda seria um bloqueador. Em nenhum momento o conteúdo da “placa” foi observado. Indagados a respeito, todos os participantes afirmaram que ele era desnecessário. Algumas declarações:

Acho que a informação da placa é indiferente na história. (Cassiana)

Eu não vi a placa. A legenda não atrapalho porque eu também não a vi quando tava dublado. E eu não sei se a tradução era necessária porque eu não vi a placa e não sei se a informação ali contida era importante. (Laís)

Não consegui visualizar a tal placa. Na verdade não estava nem muito atenta à legenda em si, eu estava mais voltada para as expressões das personagens. (Olívia)

Concluimos daí que, independente da presença de um elemento adicional na imagem – a legenda - a mente do espectador seleciona o que é importante para ser observado, maneira esta de privar um esforço a mais na captura do conteúdo cinematográfico.

Foram investigadas também as principais barreiras encontradas na leitura da legenda. Cinco dos sete participantes informaram que a cor da legenda dificulta a sua leitura em alguns momentos. Em alguns depoimentos:

As barreiras são: a cor amarela da legenda e o aumento de velocidade. (Júlio)

Em alguns filmes há cenas em que é impossível a leitura da legenda pela presença daquela.

É necessário tomar cuidado com a cor da legenda, caso contrário ela pode se tornar ilegível em certos momentos do filme. É exemplo disso a legenda na cor branca em cenas apresentadas em preto e branco. (Carlos)

Certamente a cor é um aspecto que influencia, por exemplo, um filme com imagens muito claras e uma legenda branca, em alguns momentos pode acontecer de não ficar visível ao espectador. (Olívia)

Outro problema também focado diz respeito à supressão e modificação de diálogos. A velocidade das aparições das legendas também foi citada, bem como o número de caracteres (tamanho da legenda) foram menos recorrentes.

3.2.3 Escolha lexical

Outro aspecto, que, em primeiro momento, foi considerado um empecilho em potencial, é a escolha das palavras feita pelo tradutor. Com o intuito de manter a originalidade, ou ainda de transmitir mais conteúdo em menos legenda, o tradutor opta por certas palavras que podem causar desconforto para quem as lê.

No filme *O Caçador de Pipas*, o tradutor preferiu deixar palavras estrangeiras nas legendas, talvez por considerar que seriam de fácil entendimento no contexto e por manter características culturais marcantes nas falas, mantendo assim a originalidade do filme. Dessa feita, observamos que o tradutor opta por duas formas de legendar. Na primeira, ele mantém a legenda com conteúdo estrangeiro e, na segunda, ele sequer legenda certas expressões. Isto foi, de início, considerado um problema para os espectadores, já que a leitura de uma palavra desconhecida tomaria mais tempo de leitura e mais tempo para desvendar seu significado, pois utiliza o contexto ligado à recorrência dessa palavra ao longo do filme. Nos momentos em que o tradutor opta por não legendar, acreditou-se que a palavra ou expressão não seria notada pelo espectador, deixando assim uma lacuna entre o que havia sido dito e a imagem.

A primeira observação se deu, portanto, em relação à legenda sem tradução e o significado a ser capturado pelos participantes. Foram apresentadas duas cenas distintas, mas que possuíam a mesma palavra legendada. A pergunta baseava-se no significado da palavra *jan* nas duas cenas. A intenção aqui era verificar se houve entendimento da palavra a partir do contexto e assim demonstrar se haveria necessidade de tradução. Conforme as respostas dadas pelos participantes, os entendimentos foram diversos, contudo seguindo a mesma linha de pensamento (afinidade entre o que fala e aquele que recebe). Ao serem indagados se os significados permaneciam os mesmos nos dois momentos, apenas Laís alegou não ter percebido a palavra estrangeira na legenda, o restante alegou que sim, conforme entendimento pelo contexto das cenas.

Jan significa senhor/senhorita. Sim [os significados permanecem os mesmos]. (Carolina)

Sim, acredito que o significado de jan seja querido. Uma palavra utilizada para demonstrar afeto e gosto por uma pessoa mais nova. (Cassiana)

Jan significa descendência, assim como é utilizada no Brasil as palavras Júnior e Filho. Sim [os significados são os mesmos]. (Carlos)

Significa afinidade nos dois momentos. (Antônio)

Acredito que seja uma palavra carinhosa. (Olívia)

Júlio, talvez por sua dificuldade de expressão escrita, informou que o significado para *jan* seria “amigo”. No entanto, em uma das cenas apresentadas, a palavra *jan* é inserida no momento em que um pai apresenta sua filha ao colega. Não me pareceu correta tal resposta e ao ser questionado, na entrevista, quanto a essa escolha, o participante notou a confusão feita no momento e afirmou ter ficado na dúvida. Ao ser indagado se a tradução fez falta nesse momento, a resposta foi:

Faltou. É pela situação, às vezes o filme se for traduzir todo o conteúdo, fica longo demais e você perde a própria articulação do autor. (Júlio - entrevista)

O participante, no entanto, demonstrou ter consciência quanto às dificuldades enfrentadas pelo tradutor e a forma como isso pode influenciar nas decisões a respeito do que será ou não legendado. Claro que, no instante em que o filme é transmitido, essas características não vêm à tona; mas, se observadas de perto, percebe-se que são perdidas e nem ao menos notadas.

Percebe-se que, apesar de compreenderem globalmente o significado do termo, as respostas dos participantes divergiram e, portanto, a tradução poderia ter feito falta. Assim, cabe enfatizar a importância da legenda para o entendimento do filme, principalmente para os participantes monolíngues, motivo pelo qual se faz a tradução.

Outra pergunta referente à manutenção de palavras estrangeiras está relacionada diretamente à decisão do tradutor de não traduzir. Se tais palavras podem causar estranhamento e ainda dificuldade de entendimento, por que razão optou-se por mantê-las assim? Essa foi a pergunta feita ao nosso grupo de participantes. As respostas ficaram bem divididas. O que mais chamou a atenção foi, mais uma vez, o participante Júlio, que declarou preferir a legendagem por fazer com que sua atenção ficasse mais voltada ao filme, mostrando que sua dependência em relação à legenda é muito forte, tanto por não ter conhecimento de idiomas estrangeiros quanto pela segurança sentida. Dessa forma, sua resposta foi bem taxativa ao dizer que a tradução deve ser feita em todos os momentos para que não haja lacunas no entendimento das falas. Veja o trecho da entrevista:

[Júlio] [...] *eu acho que a legenda tem que ser total do filme pra você compreender o que está sendo dito. Se ele deixa a legenda, por devido a colocar... As pessoas se habituarem à linguagem afegã, a gente não tem... Eu acho que já que você tem a tradução do inglês, deveria ter a tradução – [Pesquisadora] **A tradução do outro também?** – [Júlio] *Imagina se no próprio inglês eles fizerem isso também, deixar algumas palavras pra você ficar... Agora, você pode, uma palavra chave dessas, você pode perder alguma situação do filme que precisaria da interpretação pra entender o filme, pra você não ficar perdido no filme.**

[Pesquisadora] **Então, pra você, a tradução tinha que ser total?**

[Júlio] *A partir do momento que você utiliza a tradução, eu acho que ela teria que ser na íntegra, não deixar ilhas. Já uma palavra que não tem... Pode ser por isso que ele deixou, às vezes a palavra não atrapalha o contexto do filme. Ele deixou ali mesmo pra ter a própria pronúncia, umas pessoas acostumarem com a pronúncia da língua do filme, né?*

Ele entende, no entanto, que uma tradução total é impossível pelo tempo de leitura e pela velocidade com que as cenas aparecem, e ele também percebeu que a não tradução de alguns termos estrangeiros pode ter ocorrido pela falta de equivalência na língua de chegada, ou ainda por opção do tradutor para os espectadores se familiarizem com a língua original do filme.

Os outros participantes, que demonstraram serem menos dependentes das legendas, afirmaram que a não tradução pode ter ocorrido por ser uma expressão de fácil compreensão, por manter a característica cultural afegã, por não ter equivalente no idioma português. Por esses motivos, a metade dos participantes informou que a legenda era desnecessária. Outro ponto observado foi que, mesmo com a legenda em outro idioma, as diferentes entonações das falas das personagens (pergunta 3 do “Questionário de partes específicas do filme”) foram percebidas pela maioria dos espectadores. Apenas três participantes não perceberam a diferença de entonação, e o participante Júlio ainda complementou:

Não [foi percebida a diferença de entonação]. A atenção estava voltada para a legenda. (Júlio)

Aqui fica, mais uma vez, confirmada a necessidade do participante Júlio em relação à legenda, inclusive, como ele próprio afirmou, para acompanhar o filme sem perder nenhuma fala.

O segundo ponto abordado foi a respeito da não legendação de algumas falas. Os participantes foram questionados quanto ao fato do tradutor escolher não legendar alguns diálogos e a possível razão para tal. Cinco participantes afirmaram que não era necessária a legenda, pois já havia sido explicitada em cenas anteriores e, por isso, era compreensível. Repare que, nessa análise, Júlio percebeu a repetição do termo em outras cenas, comprovando que, em alguns momentos, o seu desligamento da legenda ocorre imperceptivelmente.

[A fala não foi legendada] *Porque a legenda foi apresentada anteriormente.* (Carolina)

Acredito que não houve necessidade [de legendar], porque [o termo] foi dito várias vezes nas cenas anteriores. (Júlio)

[A fala não foi legendada] *Porque nesta cena a própria situação apresentada torna inteligível o significado da expressão e naquela [cena] a situação não era tão explícita quanto a seu significado.* (Carlos)

Eu acho que não foi colocado na cena do hospital porque o número de caracteres ia ser maior do que possível ler e como é palavra que se repete muito já se sabe o significado. (Laís)

[A fala não foi legendada] *Porque é desnecessária.* (Antônio)

Olívia acreditou que a palavra não era importante, já que tal cena estaria, provavelmente, enfocando outro aspecto. Cassiana informou que não havia reparado que o termo dito não havia sido legendado. Fica evidente que os espectadores têm consciência de que inserir legendas repetitivas, ou de pouca importância para a cena, pode causar mais desconforto do que ajudar. Ou seja, as escolhas do tradutor muitas vezes são entendidas. O que foi muito bem percebido é que os espectadores lidam melhor com a falta da legenda do que com uma legenda pouco explicativa.

Outra escolha lexical – “contenda”-, na tradução, causou estranhamento para alguns participantes, prejudicando o perfeito entendimento da cena. Cassiana, Carlos, Antônio e Olívia entenderam corretamente o sentido da palavra, mas declararam que a escolha do tradutor deixou dúvidas. Carolina, Júlio e Laís afirmaram não terem sentido estranhamento quanto ao termo escolhido, contudo deram uma definição errônea, talvez por não terem dado muita importância ao significado em si. Laís acrescentou que o entendimento foi obtido pelo contexto geral da cena. No entanto, o significado por ela escrito não condizia com o real significado da palavra. Ou seja, nem sempre o que é entendido pelo contexto corresponde ao que significa, de fato. Dependendo do caso, isso pode levar a um não entendimento, inclusive global, do filme.

3.2.4 *Legenda como meio incentivador da leitura*

A legenda, por ser resultado da transposição do que é dito oralmente para o meio escrito, exige dos espectadores uma excelente habilidade de leitura, já que demonstra ser um hábito peculiar. Para termos certeza de como a legenda influencia no hábito de ler, foi perguntado aos participantes o que eles achavam dessa possível característica da legenda.

Cinco dos sete participantes da pesquisa declaram achar a modalidade de legendagem incentivadora da leitura e viam tal ponto de maneira bem positiva para o espectador. Cassiana acrescentou ainda que a leitura das legendas auxiliava inclusive na aquisição de vocabulário.

Acredito que sim, até mesmo porque quem gosta de ler costuma preferir um filme legendado ao dublado. (Olívia)

Sim, a legenda incentiva a leitura, além de acrescentar palavras novas ao vocabulário. (Cassiana)

Apenas Laís e Antônio acreditam que a legenda não influencia na leitura, já que as pessoas não assistem a filmes interessados nessa prática.

[...] o espectador não vai estar interessado na leitura mais sim no filme, e por isso a legenda é encarada apenas como um modo de entendimento do filme. (Laís)

[...] eu acredito que, no caso do filme, ocorre uma compreensão quase que simultânea. Ela não tem aquela busca do entendimento do filme pela legenda, pelo o que está escrito. O entendimento pode ser simultâneo pelas imagens, como eu havia dito, pelo som e pela legenda, que pode se referir principalmente à fala. Mas você não busca o sentido do filme só na legenda, então, por isso eu acho que ela não estimula essa questão da leitura. A leitura é automática. (Antônio – entrevista)

Todos os pontos, naturalmente, têm fundamento, mas a facilidade na

absorção das legendas vem com a prática, o que, de certa forma, não deixa de promover a leitura, mesmo que de forma bem pontual, específica para tal fim, e tornando-a mais fácil a cada filme (vide Seção 1.3.3).

3.2.5 *Legenda e suas interferências*

Outro aspecto que se acreditava trazer alguma dificuldade na absorção do filme seria o tempo que os espectadores levariam para a leitura das legendas. No questionário prévio (vê Anexo II), antes da exposição ao filme, a maioria de nossos participantes declarou não ter problemas com essa questão. Isso se deu porque, segundo eles, a leitura das legendas ocorre de maneira simultânea, não atrapalhando a observação das cenas. Observe alguns depoimentos:

Não, porque depois que se acostuma a ler as legendas o espectador começa a ler e ver a cenas ao mesmo tempo. (Laís)

Não. O processo é automático. (Antônio)

Não. Quando o processo de legendagem é bem feito não há uma perda de tempo na leitura das legendas, acaba sendo um processo quase que natural e imperceptível. (Olívia)

O Júlio, na entrevista, acrescentou também que o nível de concentração e atenção voltados para o filme levam o espectador a não perder o que está sendo traduzido na legenda.

[Pesquisadora] [...] o tempo gasto na leitura, ela não atrapalha você entender o filme [?]

[Júlio] Não, porque a situação do filme depende da concentração, como eu coloquei. Se você tiver prestando... No meu caso, eu gosto de assistir filme prestando bastante

atenção pra você não perder nada do filme. Agora, se você não prestar atenção no filme, pode ser que você perca alguma situação.

[Pesquisadora] *Mas, eu falo assim, por exemplo, o tempo que você leva pra ler a legenda.*

[Júlio] *Não atrapalha a cena não.*

Carolina e Cassiana, contudo, alegaram que a absorção do filme pode ser prejudicada em alguns momentos. Cassiana ainda acrescenta que isso ocorre por causa de alguns aspectos técnicos da legenda:

Às vezes o tempo da leitura pode prejudicar a absorção do conteúdo cinematográfico dependendo do tamanho da legenda ou da velocidade das cenas. (Cassiana)

A legenda, conforme discussão ao longo deste trabalho, é considerada um componente adicional ao conteúdo cinematográfico. A questão principal abordada em todo este estudo é até que ponto isto prejudica ou altera a percepção de outros aspectos visuais ou auditivos. Além da pergunta 4 do “Questionário de partes específicas do filme”, já analisada anteriormente (vê Subseção 3.2.2), as perguntas 6 e 7 também englobam bem essa preocupação. A pergunta 6 (vê Anexo IV) abordou a perda de som em consequência da leitura das legendas. Aqui surgiu outra questão não considerada de início. Na cena observada, as personagens mesclavam falas mais aceleradas em pashto e inglês. A pergunta tratava da absorção do que foi transmitido por meio do som. Apenas Carolina, Cassiana e Laís, que possuíam conhecimento avançado do inglês, absorveram essa mistura de idiomas. Carlos, Antônio e Olívia perceberam apenas o inglês. Júlio afirmou ter percebido apenas o pashto e, conseqüentemente, não captou o inglês com sotaque afegão, até mesmo por não possuir conhecimento do idioma. Cinco participantes conseguiram perceber tal sotaque, até mesmo os que informaram possuir conhecimento básico ou nenhum da língua inglesa. Isto pode ser esclarecido se considerarmos que a população brasileira está em contato constante com o idioma inglês, ou ainda, que o sotaque percebido por aqueles com conhecimento reduzido era, na verdade, o próprio idioma pashto. Todos afirmaram, no entanto, que a compreensão do trecho não foi dificultada por essas questões.

Na questão 7 (vê Anexo IV), reafirmamos os pontos do item anterior e

procuramos elevar também a observação da imagem de primeiro plano. A cena selecionada mostrava a leitura em inglês de uma carta escrita em pashto. Carolina, Júlio, Cassiana e Carlos conseguiram notar que a carta estava em língua afegã e os outros três não souberam informar. O Antônio havia afirmado que não sabia identificar o conteúdo da carta. Na entrevista, contudo, ele recordou que o pashto estava sendo usado naquele momento além da língua inglesa.

[Pesquisadora] *Quantos idiomas, tanto pelo auditivo quanto visual você percebeu? Aí, você me disse que você percebeu dois idiomas, o inglês e o pashto . Aí, o seguinte: quando é que você percebeu o inglês e quando é que você percebeu o pashto?*

[Antônio] *Perfeito. Pelo o auditivo eu percebi o inglês, que era o idioma através do qual eram processadas as informações do leitor, e pelo visual eu percebi o pashto, que era o idioma no qual era escrita a carta. Deu pra ver que eram caracteres que não correspondiam a nenhum outro idioma conhecido. Então, logo eu associei ao pashto, que é um dos idiomas do filme.*

A Olívia declarou apenas ter percebido o pashto e que o conteúdo da carta não era relevante. Laís não observou a “carta” e afirmou que não teria sido por causa da legenda.

Não observei tão detalhadamente a carta, não por causa da legenda é porque realmente não dei importância. [Olívia]

A legenda não atrapalhou a visão que eu tinha da carta, já que eu não conseguir ler o que nela tava escrito por ser muito pequena a letra. [Laís]

Quando questionados se a tradução de alguma maneira atrapalhou na apreciação desses detalhes, apenas a Cassiana e o Antônio responderam afirmativamente, apesar de terem constatado a língua em que a “carta” estava escrita. Percebemos assim que, em muitos casos, a atenção pode ser atrapalhada por diversos fatores que não apenas as legendas. Até mesmo o nervosismo de ter de registrar opiniões nessa pesquisa pode ter concorrido com a atenção voltada ao filme.

3.2.6 Legenda – verificação de conhecimento em língua estrangeira e a sua influência na absorção do conteúdo cinematográfico

Perguntou-se se as legendas permitiriam aos espectadores conferir o conhecimento em relação a um idioma estrangeiro (pergunta 10 do “Questionário prévio”). Todos os participantes informaram que as legendas servem de conferência. Contudo, Cassiana lembrou que as legendas alteram o que está sendo dito. Isto só foi possível por meio da conferência.

Laís, na entrevista, acrescentou também que esta conferência é possível para aqueles que dominam o idioma do filme.

[Laís] *Depende também se você tem ou não conhecimento da língua, por exemplo, se você já tem conhecimento da língua ele pode ajudar, pode aumentar o seu vocabulário ou não e se você não conhece a língua pode acabar conhecendo um vocabulário, uma palavra ou outra, mas você não vai ter conhecimento geral da língua, não vai adicionar.*

[Pesquisadora] *Mesmo que não conheça nada da língua consegue aprender alguma coisa?*

[Laís] *Consegue aprender uma palavra ou outra, por exemplo, uma palavra mesmo, não expressões nem nada. Por exemplo, pega uma palavra, que até teve no filme, tipo salaam, então pela repetição e pela colocação da palavra você acaba entendendo o significado dela.*

Para o Júlio, com nível básico do idioma inglês, o conhecimento apenas pode ser conferido por aqueles que têm domínio do idioma estrangeiro, para os que não têm, isto pode ser uma barreira para a percepção do filme.

Vai depender da situação, do conhecimento da língua. Aí, você consegue acertar essa parte aí de verificar, ouvir o inglês e ver se a tradução está sendo repassada conforme está sendo falado no próprio filme. [...] pra quem não tem o conhecimento, aí atrapalha. Inclusive vai perder o tempo entendendo, pra tentar entender e vai acabar perdendo o conteúdo do filme. (Júlio – entrevista)

Por essas razões, verificou-se até que ponto essa conferência atrapalharia ou ajudaria na recepção e percepção do filme. Mais uma vez, obteve-se a unanimidade em relação a esse aspecto. O Júlio afirmou que isso dependeria do domínio de cada espectador: quanto maior for o conhecimento do idioma, maior seria a absorção. No trecho acima, ele deixou claro que para quem não tem conhecimento do idioma, a tentativa de conferência atrapalharia a atenção voltada para o filme em si. Vale observar que o participante declarou que várias dúvidas surgiram quando do preenchimento do questionário. Sua participação na entrevista, no entanto, foi mais produtiva.

Os participantes concordaram que essa verificação do idioma ajuda na absorção do filme em geral. A Carolina acresceu, contudo, que essa conferência não pode se dar de forma minuciosa, como quem analisa gramaticalmente uma frase:

[Pesquisadora] *Mas você acredita que [a verificação do conhecimento do idioma] pode ajudar de alguma maneira?*

[Carolina] Sim, por exemplo, você pode conferir o seu conhecimento, vocabulário quando você está ouvindo uma palavra, daí você corre na legenda pra descobrir que palavra é aquela ou então alguma expressão que a legenda te ajuda, que você já ouviu antes. Eu acho que ajuda sim. Agora, pode atrapalhar pra quem gosta de conjugar verbo, de fazer análise de qualquer vocabulário, alguma coisa assim.

O Carlos observou que o conhecimento do idioma supre falhas deixadas pelas legendas. Ele sustenta também, assim como a Carolina, que essa verificação se dá de maneira automática. Caso o espectador não tenha conhecimento mais avançado, essa checagem ocorrerá apenas com palavras isoladas mais comuns. Caso contrário, a percepção ficaria defasada. Para ele, assim como para Júlio, os espectadores com conhecimento básico do idioma sofrem certas limitações nesse sentido:

[Pesquisadora] *A atenção não pode ficar mais voltada para o conhecimento da língua, para essa verificação de conhecimento, do que para o conteúdo do filme?*

[Carlos] Não, porque essa percepção é rápida. Você não vai ficar, quando você está assistindo um filme, não vai ficar procurando vocabulários. Se você ouve a fala e consegue perceber, ao mesmo tempo que você está lendo a legenda, que é uma palavra que você já conhece é interessante. Ou, se você não conhece, mas é uma

palavra isolada no contexto e aparece na legenda, você automaticamente já passa a conhecer o significado dela e inclusive a pronúncia; mas você não fica procurando. Então eu acho que não atrapalha o entendimento do filme de forma alguma.

[Pesquisadora] *E, pra você, verificar esse conhecimento, a pessoa que não tem o conhecimento da língua do filme, não conseguiria?*

[Carlos] Pode até conseguir, mas ela vai conseguir em algumas cenas que são mais isoladas. Na fala mais fluente, em várias cenas que há um acúmulo de palavras, dificilmente ela vai perceber isso; mas se a fala for mais solta e espaçada e também diante da situação e com a legenda, ela percebe melhor aquela palavra. Aí sim ela começa a adquirir vocabulário, partindo do pressuposto que ela não tem nenhum.

A Laís também acredita que essa verificação ajuda na recepção do filme por ocorrer de maneira automática e leva o espectador a ampliar seu conhecimento do idioma, já que palavras e expressões vão se tornando familiares.

Ajuda, pois muitas vezes os filmes mostram expressões e um linguajar informal que em sua maioria não são ensinados nos cursos de inglês. Permitindo assim o aprendizado e a compreensão disso. (Laís)

Na entrevista, ela complementa:

[Pesquisadora] *E você acha que esse aprendizado, de qualquer forma, ele ajuda ou ele atrapalha na recepção e na percepção, ou seja, você consegue captar o filme mesmo fazendo essa verificação?*

*[Laís] Consegue, porque isso daí é automático sabe? Você não pára para analisar. Tal palavra é assim e tal palavra significa assim, você meio que automaticamente já faz isso. – [Pesquisadora] **Como se você fosse absorvendo o conhecimento da língua?** - [Laís] *Não chega assim, você acaba de ver o filme e fala tal expressão, você já sabe que tal expressão significa alguma coisa, mas quando alguém fala para você, você já entende essa expressão. – [Pesquisadora] **Já passa a ser familiar?** – [Laís] **É.****

O Antônio também compartilhou da mesma opinião ao acreditar que a legenda ajuda o espectador a analisar seu nível de conhecimento do idioma, não necessariamente atrapalhando no entendimento do filme. Veja um trecho de sua entrevista:

[Antônio] *Eu acredito que ela [legenda] ajuda você a aferir o seu nível de informação em relação àquele idioma do filme que passa. Ela serve, mais ou menos, como um medidor de conhecimento e, ao mesmo tempo, estimula você a buscar mais conhecimento naquele idioma, na medida em que você vê que não está conseguindo compreender muito ou que está conseguindo compreender mais.*

[Pesquisadora] *Mas você acha que isso acontece mesmo pra quem não tem o conhecimento do idioma?*

[Antônio] *É, fica difícil fazer uma abstração dessa pra mim, mas eu acredito que mesmo quem não tenha um conhecimento, mas que se interesse por aprender, ela ajuda sim.*

[Pesquisadora] *É, você me disse aqui em uma outra questão que ela ajuda pela associação, né?*

[Antônio] *Exatamente, pela associação. É exatamente.*

A Olívia acredita que a legenda favorece um esclarecimento do que não foi captado pela fala, portanto ela ajudaria na recepção do filme.

A legenda vem a complementar alguma coisa que às vezes eu não pego, que eu não consigo entender porque tá muito rápido, alguma coisa assim, a legenda vem a complementar. Até mesmo traduzir palavras que eu não saiba o significado. (Olívia – entrevista)

Associando ainda a legenda ao conhecimento do idioma do filme original, questionou-se se a legenda permitiria que o espectador aperfeiçoasse as habilidades em outra língua e de que forma isso se daria. Observou-se que, independente do nível de conhecimento em idioma estrangeiro dos participantes, todos acreditam que a legenda ajuda no aperfeiçoamento de habilidades em algum outro idioma de alguma maneira. Carolina afirmou que, por meio da conferência entre o que está sendo dito e o que a legenda apresenta, ajuda a aumentar o conhecimento no idioma estrangeiro. O Júlio acredita que a legenda ajuda o espectador a manter a atenção no filme e, principalmente, para quem já tem conhecimento da língua do filme, as habilidades na compreensão oral e pronúncia são aperfeiçoadas e até mesmo na conferência se os termos foram traduzidos adequadamente.

Ele começa a ouvir e ver a pronúncia. Ouve a pronúncia e começa a também ver a legenda, ver se ele está certo ou não, se ele entendeu bem, ou se a própria tradução foi feita correta ou não. Porque pode acontecer isso aí, que às vezes, dependendo do tempo, omite alguma situação que pra quem não tem o conhecimento do inglês passa, não é? Acha que a tradução está sendo certa. (Júlio – entrevista)

A confiança no tradutor é fundamental e total. Por isso a tradução não deve ser feita de acordo com as expectativas do tradutor e, sim, conforme o que o público, em geral, espera e necessita da legenda.

Cassiana aborda a questão do aprimoramento da capacidade de compreensão oral e a compreensão do sentido por meio da tradução. Os participantes Carlos e Laís ressaltaram os pontos de aperfeiçoamento da pronúncia e a ampliação do vocabulário em língua estrangeira. Antônio e Olívia enfatizaram a questão do aperfeiçoamento por meio da tradução ou da associação que se faz entre uma língua e a outra. Vejamos alguns os depoimentos:

A legendagem ajuda o espectador a desenvolver e aperfeiçoar habilidades na língua estrangeira por dois motivos: primeiro, por mostrar o sentido ou a tradução das palavras na legenda e segundo, por aprimorar a capacidade de compreensão via audição. (Cassiana)

O espectador pode aumentar seu vocabulário e também aperfeiçoar sua pronúncia. (Carlos)

Sim [a legendagem ajuda o espectador a desenvolver habilidades em língua estrangeira], porque é muito comum a utilização de gírias e expressões as quais muitas pessoas de outros países não têm conhecimento, sendo assim uma ajuda na ampliação do vocabulário. Além disso, a legenda permite os espectadores ouvirem a pronuncia dessas palavras, evitando assim que eles errem aos usá-las. (Laís)

Ajuda com certeza. Essa promoção do conhecimento acaba por favorecer uma curiosidade no aprendizado de outras línguas e no interesse por obras de outros idiomas. (Olívia)

Além de levar compreensão da obra àqueles que não conhecem o idioma estrangeiro, a prática de legendagem favorece uma ampliação de conhecimento em áreas afins, como, bem demonstrados nessa pesquisa, o desenvolvimento lingüístico em uma

segunda língua. É importante salientar que o filme torna-se meio para o aperfeiçoamento de um pré-conhecimento, já que espectadores sem contato anterior com o idioma teriam de fazer um esforço imenso e desviar sua atenção para a língua em si e não para captação de imagens e sons. Vejamos até que ponto isto pode interferir na dependência da legenda na subseção a seguir.

3.2.7 Conhecimento do idioma estrangeiro e a dependência da legenda

Muitos acreditam que a dependência da legenda está diretamente relacionada ao conhecimento do espectador em relação ao idioma do filme original. Apesar de serem principalmente voltadas para os espectadores que não compreendem a língua estrangeira, as legendas adquirem características secundárias que auxiliam o entendimento mesmo para aqueles que possuem tal conhecimento.

Todos participantes acreditam que o conhecimento do idioma faz com que legenda seja menos utilizada (pergunta 13 do “Questionário prévio”). Júlio afirmou, na entrevista que o espectador procura colocar em prática o conhecimento que possui no idioma do filme e procura interpretar o que está sendo dito. Segundo sua declaração:

[Pesquisadora] *Você acha que quem conhece a língua, quem tem o domínio da língua estrangeira, da língua que está passando no filme, depende e usa menos a legenda?*

[Júlio] *Usa menos, porque ele já tem o conhecimento então ele procura colocar em prática o inglês que ele tem e tenta interpretar.*

[Pesquisadora] *Mas, usa menos, mas não necessariamente não usa. Não é que ela não use, ele usa menos, ou você acha que ele pode não usar?*

[Júlio] *Usa menos. Aí depende também da situação do filme, a velocidade do filme, se ele vai pelas cenas, que nem você falou, que depende do som, muito tiro, muito barulho, pode haver o quê? A própria má interpretação, pode também se passar por uma cena do filme e ele não entender, mesmo ele tendo o conhecimento do inglês. Como é no próprio filme, quando ele está lendo a carta, aquele barulho no fundo começa, pode até tirar a atenção de quem está assistindo.*

Conforme bem observado, isso não significa que quem tem conhecimento do idioma não utilizaria as legendas, porque, em muitos casos, elas ajudam no entendimento de cenas que não ficaram muito claras, seja pelos sons de efeitos especiais, seja pela incompreensão de certas palavras ou expressões. A participante Laís fez referência à legenda também como um suporte para o entendimento de palavras desconhecidas. E a Olívia afirmou que ao ter domínio do idioma, o espectador “utiliza mais a audição [falas] que a visão [legenda]”.

Nas respostas dos questionários, todos afirmaram que a dependência em relação à legenda é total quando o idioma do filme é totalmente desconhecido. Esse foi um dos pontos principais na escolha do filme *O Caçador de Pipas*, pois deparamos com uma língua que nos é estranha: o pashto. Como todos os participantes declaram não possuir conhecimento desse idioma, acreditou-se que os espectadores ficariam muito mais presos às legendas. Observemos alguns depoimentos:

Trecho da entrevista de Laís:

[Pesquisadora] [...] quando a língua original do filme é totalmente desconhecida eu perguntei qual era o seu grau de dependência em relação à legenda, total ou parcial. Você me respondeu total. Mas você acha assim, que mesmo você dependendo totalmente da legenda outros aspectos do filme como a imagem, o som, eles não fazem com que você dependa menos da legenda e dessa forma entenda o filme por esses outros meios?

[Laís] Também, principalmente o visual e, por exemplo, tem até uma parte de ação no filme “O Clima” que você não põe legenda e você acaba entendendo o filme mesmo você não entendendo muito as palavras, você acaba identificando mais ou menos o significado, a ação daquilo entendeu? Então você acaba não dependendo totalmente da legenda e também, por exemplo, a entonação do ator, você acaba modificando, a legenda acaba modificando o significado. Por exemplo, ele pode colocar um significado, ele está falado de forma sarcástica e o significado estar normal. -

[Pesquisadora] Mas, assim, é porque a legenda em algumas vezes não consegue, acho que é mais ou menos isso que você está querendo dizer, passar essas características da língua ou às vezes até da cultura. – [Laís] Não seria mais da cultura, mas mais da parte emocional. Então eles põem então a informação básica, mas a interpretação daquela informação pode ser modificada a partir da sua percepção da tonalidade da voz do ator.

Trecho da entrevista de Antônio:

[Pesquisadora] [...] quando a língua original do filme é totalmente desconhecida, qual era o seu grau de dependência em relação à legenda, se era total ou se era parcial? Você me disse que total. Aí, eu pergunto assim: que outros aspectos do filme, por exemplo, a imagem e tal, esses outros aspectos não fazem com que você

use menos a legenda, mesmo quando você não tem conhecimento do idioma?

[Antônio] *Sim, sem dúvida. O filme todo é uma associação de informações. Então, pela imagem você faz direto associações pelo som, pela música que está passando, você interpreta o contexto emocional do filme e o contexto cultural... Você pode ver essas alterações. A legenda é mais um elemento.*

[Pesquisadora] *É mais um elemento, mas assim, você depende totalmente dela quando você não conhece a língua?*

[Antônio] *Quando você tem o desconhecimento absoluto do idioma em que se passa o filme, sem dúvida nenhuma. Mas alguns termos que você conhece, em algum momento, você se torna até independente, você tem uma certa autonomia.*

[Pesquisadora] *E a imagem ajuda. A imagem, o som ajudam você a se desprender da legenda?*

[Antônio] *Ajuda sim, é determinante.*

Trecho da entrevista de Olívia:

[Pesquisadora] *Mas você acha que, por exemplo, outros aspectos do filme te ajudam a entender o filme, que não só a legenda? Por exemplo, a imagem, o som?*

[Olívia] *Com certeza, justamente a imagem, o som ajudam sim. Às vezes nem tem que recorrer à legenda.*

[Pesquisadora] *Você acha que às vezes a legenda atrapalha?*

[Olívia] *Não, não atrapalha.*

[Pesquisadora] *Ela sempre é um facilitador? Ela nunca atrapalharia?*

[Olívia] *Até porque se, por exemplo, eu não precisar dessa facilitação, eu simplesmente ignoro a legenda. Eu consigo entender o negócio sem ter que ler a legenda.*

[Pesquisadora] *Então, nem sempre você é totalmente dependente da legenda?*

[Olívia] *É, não, mas depende também. Tem que ser uma coisa bem clara no filme, nas imagens mesmo.*

[Pesquisadora] *Então, além da legenda têm as imagens que te ajudam, o que mais?*

[Olívia] *O som também.*

Se analisarmos as declarações acima, verificamos que os espectadores, mesmo não conhecendo a língua original do filme, captam o conteúdo cinematográfico por outros aspectos que se complementam. Por isso, a dependência da legenda não pode ser considerada total. Isto pode ser comprovado pelo estudo mais aprofundado realizado no “Questionário de partes específicas do filme” (vê Anexo IV) sobre esse assunto. Nesse questionário, observamos que o entendimento se dava também pelo contexto, pela repetição de palavras ou ainda pelas imagens. Neste estudo, em uma das cenas do filme, a indagação aos participantes foi em relação à necessidade e aos possíveis motivos da não legendação das falas, como já mencionado anteriormente sob outro enfoque (confere Subseção 3.2.3). Em cenas cujo conteúdo de fala se mostrou um pouco mais carregado, a legenda foi de grande utilidade para o entendimento. Como visto na subseção 3.2.5 e de acordo com o que a maioria dos participantes atestou na pergunta 6, a compreensão se deu pela atenção voltada à legenda,

já que houve uma mistura entre o inglês e o pashto.

Em outro momento, na pergunta 8 do mesmo questionário, também ficou comprovado que, em certos momentos, as imagens falam por si. Na cena analisada, o clímax do filme quando Amir resgata seu sobrinho Sohrab, o trecho de ação exige do espectador atenção total, o que levou o tradutor a optar por não legendar as falas. Tal resposta do tradutor foi acertada, já que os participantes confirmaram que as legendas para esse trecho não eram necessárias e, portanto, houve entendimento pleno da cena. Afirmaram, ainda, que as legendas, nesse caso, poderiam acabar atrapalhando a captura das imagens. Observemos as respostas dos participantes em relação à necessidade de legendação das falas e consequência disso para o entendimento dessa cena mais carregada de imagens:

Não totalmente [necessárias]. Porque a cena era muito tensa, a ação é rápida e algumas vezes houve repetição de palavras e cenas. Não houve problema no entendimento. [Carolina - questionário]

Trecho da entrevista de Carolina:

[Pesquisadora] Quando você fala “não totalmente”, quando então que ela era necessária e quando ela realmente não tinha importância pra você?

[Carolina] *Por exemplo, na cena de briga dos dois, eu acho não que seria necessário, porque eles não estavam falando nada, não tem nem como não falar nada. Mas, por exemplo, algumas vezes quando ele falava assim: “Mate-o, mate-o e não sei o quê.” Ninguém entendeu o que ele estava falando. Ou então na hora que ele vai conversar com o menino, pedir pro menino largar o estilingue, era necessária uma tradução porque eu não tinha a menor idéia do que ele estava falando com o menino.*

[Pesquisadora] Mas aquela cena que ele foge e vai todo mundo atrás. Ali não tem legenda nenhuma e estão falando o tempo todo.

[Carolina] *Ah sim, sim. Eu acho que não seria tão necessário naquela parte porque você tem uma idéia, porque pelo contexto você vê que todo mundo tem um propósito ali, pegar o cara, mais ou menos isso que você imagina que eles estão falando.*

[Pesquisadora] E uma legenda ali. Você acha que atrapalharia?

[Carolina] *Não atrapalharia, mas eu acho que seria desnecessário, seria inútil. De repente poderia ser útil pra quem quisesse entender exatamente o que eles estão falando, mas eu acho que não fez falta.*

Por se tratar de uma cena movimentada a eventual leitura da legenda atrapalharia a apreciação da cena. Acredito que as legendas fossem dispensáveis. Pude compreender sem problemas o que estava ocorrendo. (Cassiana - questionário)

Na primeira parte sim [as legendas eram necessárias]. [Optou-se por não legendar] Por ser uma cena de ação com falas secundárias. Não [fizeram falta para o entendimento]. (Carlos)

Trecho da entrevista de Carlos:

[Pesquisadora] *E a última pergunta sobre o resgate do filho de Hassan, eu pergunto se as legendas eram necessárias para você entender a cena. Você disse que na primeira parte sim. Qual seria a primeira parte?*

[Carlos] *Quando os dois estão sentados conversando, porque se não tiver a legenda você realmente fica alheio, não tem como você perceber aquilo lá. Porque a cena são diálogos, então não tem como você interpretar por outros meios. Você está vendo que eles estão conversando, mas nada mais do que isso. Agora, nas cenas de ação, já se torna mais fácil você perceber o que está acontecendo ainda que você não entenda o que eles estão falando, mas se um vira, pelos gestos, você entende mais ou menos o que estão falando.*

[Pesquisadora] *É, e você disse que as legendas, elas não atrapalharam no entendimento da cena.*

[Carlos] *Não.*

[Pesquisadora] *Ali, pra você, o mais importante era a imagem do que a fala deles?*

[Carlos] *Sim. Sim, porque a fala em si não transmitiu um conhecimento necessário para o entendimento assim. Era secundário, era feita de forma secundária. Pra mim, parece mais importante, nas cenas de ação em geral, é a própria cena e as são falas secundárias. Pelo menos, nesse filme, foram secundárias. Nesse filme foram secundárias.*

As legendas não eram necessárias, porque você entende o conteúdo da cena sem elas. E se tivesse as legendas ia distrair um pouco e perderia um pouco de emoção. (Laís - questionário)

[As legendas] *Não eram necessárias. [Optou-se por não legendar] Devido ao conteúdo visual. [As legendas] Não fizeram falta. (Antônio - questionário)*

Não acredito que não era necessário o uso da legenda, ela não fez falta em momento algum. (Olívia - questionário)

Trecho da entrevista de Olívia:

[Pesquisadora] *[...] naquela cena que tem vários, uma cena de ação, que ele está fugindo com o menino... Ali começam a falar e não tem legenda nenhuma, né? Você acha que ali é necessário?*

[Olívia] *Não, não mesmo.*

[Pesquisadora] *Por quê?*

[Olívia] *Porque a cena é muito dinâmica e mesmo sem legenda você consegue entender tudo o que ta acontecendo, aquela situação de briga, de desentendimento, de dor, de término.*

[Pesquisadora] *Você, mais ou menos, adivinha o que está acontecendo ali?*

[Olívia] *É.*

[Pesquisadora] *Você acha que se tivesse a legenda te prejudicaria?*

[Olívia] *Eu acho que não prejudicaria, até porque eu não iria recorrer à legenda. Eu ia só acompanhar o filme e a legenda ia passar batido.*

Apenas Júlio declarou que a compreensão poderia ter sido facilitada se as falas tivessem sido legendadas.

Sim [as legendas eram necessárias]. [Optou-se por não legendar] *Pela velocidade da cena de ação (velocidade da fala)*. *Sim* [as legendas fizeram falta]. (Antônio)

Seria, talvez, pela falta de domínio do idioma que faz o participante desconfiar que informações relevantes possam estar sendo sonegadas. Tal observação poderia ser questionada pelo fato de Júlio não possuir o conhecimento do idioma inglês, exigindo maior dependência da legenda. Contudo, as falas dessa cena são em pashto, e nenhum dos participantes possui familiaridade com o idioma. Poder-se-ia dizer, portanto, que esse participante, em específico, sente mais conforto quando há a legenda de apoio. Independente se a presença dela se faz necessária ou não.

Entendemos que essas ocorrências formam uma seleção natural do que é importante ou relevante para a compreensão global do filme. Como o esforço cognitivo já se encontra ampliado pelo elemento estranho no filme a ser processado, se a mente não captasse outros elementos de apoio ao entendimento, provavelmente a recepção se tornaria muito cansativa, considerando também que as imagens são o aspecto principal do filme que não podem ser colocadas em segundo plano.

3.2.8 Ambientação linguística original

A ambientação linguística original é um dos motivos que muitos acreditam ser o motivo principal para a escolha da modalidade legendagem. Os sete participantes afirmaram que isso realmente acontece. Conforme seus relatos, os motivos seriam:

Carolina: manutenção do idioma original;

Júlio: diminuição da qualidade do filme na dublagem;

Cassiana: manutenção das características da atuação dos atores;

Carlos: não interferência de terceiros nas interpretações das falas;

Laís: completa atuação dos atores por manter o modo, o significado e a emoção nas falas;

Antônio: fidelidade;

Olívia: aspectos culturais expressos mais fielmente.

A preferência da legendagem se dá pela busca de menos modificação e interferência da tradução no filme original. As legendas exigem mais esforço cognitivo, mas a compensação ocorre quando do contato com o filme original. O papel do tradutor aqui é de grande importância, já que esse desejo do espectador deve ser sempre considerado. No entanto, se compararmos com a modalidade de dublagem, a intermediação do tradutor é menor na legendagem, pois a presença da fala original do filme restringe as opções e a liberdade do tradutor. Por outro lado, o receptor não permanece limitado à versão do tradutor, já que o original também lhe é apresentado.

Nesse sentido, quando confrontada com a dublagem, se esta seria mais “democrática” ou se impediria o contato do espectador à língua estrangeira (vê pergunta 17 do “Questionário prévio), as opiniões dos participantes ficaram bem divididas.

Não é democrático, pois ela realmente nega o acesso à língua estrangeira. (Carolina – questionário)

Quando se utiliza a dublagem, o espectador é direcionado a busca por filmes dublados, perdendo a oportunidade de conhecer a língua estrangeira. (Júlio – questionário)

A dublagem é mais democrática por não obrigar ninguém a falar uma outra língua que não a sua e por alcançar um número de pessoas maior, já que não há necessidade de leitura da legenda, o que é muito importante em países com alto nível de analfabetismo. (Cassiana – questionário)

Acho que os dois aspectos devem ser considerados, pois ao mesmo tempo em que facilita o acesso a obra por parte dos mais leigos, a dublagem impede o acesso a língua estrangeira. (Carlos – questionário)

A dublagem pode ser mais considerada mais democrática porque ela abrange as pessoas que não sabem ler e também as que não sabem ler muito bem ou tão rápido. (Laís - questionário)

Não [a dublagem não pode ser considerada mais democrática]. A dublagem nega o acesso a língua estrangeira. (Antônio – questionário)

Trecho da entrevista de Antônio:

[Pesquisadora] *Mas aí a gente entra naquela questão, por exemplo, de pessoas que não sabem ler. Você acha que elas não ficariam à margem dessa cultura que é transmitida?*

[Antônio] *É, esse público, em especial dos analfabetos, seria um caso mais complexo. Mas, de forma geral, eu acho que ela desestimula a busca pelo aprendizado do novo idioma e ao mesmo tempo ela facilita uma manipulação, porque, nem sempre, nem em todos os casos, a dublagem é fiel ao contexto do filme, aos termos através dos quais as pessoas se comunicam, as informações que são passadas. Então, eu acho que ela é mais um fator de manipulação do que um fator de democratização.*

[Pesquisadora] *Entendi, mas a legenda também. A legenda também tem essa característica de não ser fiel ao que está sendo dito. Fiel, no sentido assim, porque, como a gente até já tinha comentado algumas vezes, a legenda pra poder caber no espaço, número de caracteres, velocidade, tudo isso interfere.*

[Antônio] *Sem dúvida, porém, ainda assim, você tem acesso às falas originais dos filmes. Você tem essa possibilidade de tentar captar as informações pelo que está sendo dito na forma verbal e na dublagem essa questão da informação original através da comunicação verbal é totalmente suprimida.*

Não [a dublagem não pode ser considerada mais democrática]. Além de desfavorecer o aprendizado de outras línguas ela impede o desenvolvimento do interesse da leitura. (Olívia – questionário)

O papel social da dublagem e da legendagem encontra-se um pouco indefinida para os nossos participantes. Isto comprova que a modalidade de tradução pode ser vista sob outros ângulos que não o da preferência. A necessidade e até mesmo a dificuldade de acesso a filmes legendados levam uma grande parte da sociedade brasileira utilizar mais a dublagem. Especialmente, quando não se tem a opção entre dublagem e legendagem. Os filmes apresentados e disponibilizados a grande parte de nossa sociedade é traduzida por meio da dublagem. Os participantes selecionados nesta pesquisa tinham acesso fácil ao filmes legendados, talvez por isso a preferência por essa modalidade foi unânime. Temos de

considerar que, se desenvolvida em outro meio social, a pesquisa poderia obter respostas diferenciadas.

3.3 Conclusões

Os resultados apresentados nas subseções anteriores nos mostram que o estudo da recepção audiovisual mediada pela legenda pode ajudar a entender como os receptores lidam com essa modalidade peculiar de tradução. Esta pesquisa também contribui para o conhecimento dos tradutores que desejam entender mais detalhadamente como os receptores encaram suas escolhas. O que propusemos, aqui, foi enfatizar o receptor. Ou seja, conforme a pergunta de pesquisa, de que maneira o telespectador encara o produto traduzido, de que forma tal recepção ocorre e quais influências a legenda pode causar em quem assiste e, ao mesmo tempo, um conteúdo audiovisual?

Para obter as respostas, o primeiro objetivo proposto se referiu à análise da dependência, total ou parcial, do espectador em relação à legenda. Correlacionado a isso, está a questão pela preferência de modalidade de tradução para conteúdos cinematográficos. Verificou-se que a preferência dos participantes desta pesquisa não está relacionada diretamente com a captação e o entendimento do conteúdo, pois a legenda não deixa de ser um elemento adicional, que não faz parte do filme. Pode-se perceber também que, mesmo sem notar, alguns espectadores fazem um esforço muito maior para a captação do filme legendado, o que leva os receptores a selecionarem, mesmo que inconscientemente, o que captar de cada cena. Entendemos que, como o esforço cognitivo já se encontra ampliado pelo elemento estranho no filme a ser processado, se a mente não captasse outros elementos de apoio ao entendimento, provavelmente a recepção se tornaria muito cansativa, considerando também que as imagens são o aspecto principal do filme e não podem ser colocadas em segundo plano, que isso forma uma seleção natural do que é importante ou relevante para a compreensão global do filme. A preferência também está relacionada com a manutenção dos aspectos originais do filme. Os participantes acreditam que, ao manter-se o som original das falas, o filme permanece o mesmo, sem alterações.

Outro objetivo foi enfatizar e avaliar as influências positivas e negativas das legendas para o espectador quando da capturação de conteúdos audiovisuais. Foi constatado que as legendas podem ser influenciadas, direta e principalmente, pelos aspectos culturais, tanto do país de origem do filme como do país receptor dele. No entanto, a maioria dos participantes declarou que os aspectos culturais da língua de origem são percebidos, mesmo por meio da legenda. De acordo com a pesquisa, algumas características podem ser observadas, outras simplesmente passam despercebidas. Em alguns momentos, a legenda exige muito dos espectadores e desvia a atenção voltada para outros aspectos do filme.

Outra característica que objetivamos analisar foi evidenciar a importância da legenda como aspecto mediador da recepção audiovisual. Ao mesmo tempo em que as legendas são esclarecedoras para os receptores sem ou com pouco conhecimento do idioma estrangeiro, ou ainda para desfazer uma falha de som, elas podem, em alguns momentos, se tornar barreiras para a absorção dos detalhes do filme. O que pôde ser observado também é que nem sempre o que é entendido pelo contexto corresponde ao que significa, de fato. Dependendo do caso, isso pode levar a um não entendimento, inclusive global, do filme. Daí a importância da mediação por parte das legendas.

Demonstramos também algumas características do processo de recepção, abordando aspectos da percepção, interpretação e compreensão do espectador em relação ao conteúdo audiovisual, e evidenciamos também o aperfeiçoamento de diferentes habilidades. Foi percebido que além de levar compreensão da obra àqueles que não conhecem o idioma estrangeiro, a prática de legendagem favorece o desenvolvimento de conhecimento em áreas afins, como, bem demonstrados nessa pesquisa, o aperfeiçoamento lingüístico em uma segunda língua, seja na pronúncia, seja na ampliação de vocabulário. É importante salientar que o filme torna-se meio para o aprimoramento de um pré-conhecimento, já que espectadores sem contato anterior com o idioma teriam de fazer um esforço imenso e desviar sua atenção para a língua em si e não para a captação de imagens e sons.

Entendemos, portanto, que além de sua função principal de tradução, a legenda proporciona o desenvolvimento de habilidades secundárias para o receptor. Percebeu-se também que os participantes compreendem as decisões do tradutor, incluindo suas limitações no processo de tradução. A recepção audiovisual mediada pelas legendas exige do receptor uma habilidade peculiar de leitura, já que o seu processo de absorção é bem

diferenciado das leituras convencionais. A facilidade da absorção das legendas vem, sem dúvida, com a prática, o que, contudo, não deixa de ser um fator que promova a leitura, mesmo que de forma bem pontual, específica para tal fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, podemos considerar que a realização desta pesquisa foi bem-sucedida. Apesar disso, seguem comentários de avaliação, no intuito de aprimorá-la para eventual realização de estudos futuros que venham a utilizá-la como base.

O estudo apresentou algumas características positivas. Como primeiro aspecto, podemos destacar o pioneirismo dos estudos da recepção audiovisual mediada pela legendagem. Como já colocado anteriormente, não existe teoria específica para a área de recepção de conteúdos audiovisuais legendados. Dessa forma, foi necessária adaptação da Teoria da Recepção, da área da comunicação e voltada para a literatura, o que limitou muito os estudos aqui apresentados. Segundo, a preocupação com o rigor metodológico, a coleta diversificada de dados e análise dos resultados também foram aspectos positivos nesta pesquisa. Além do levantamento teórico, foi realizada uma pesquisa de campo com intuito de analisar na prática as influências das legendas no espectador quando exposto a conteúdos audiovisuais. Foram utilizados questionários, triangulando os resultados com entrevistas para uma coleta ampla de aspectos. As análises dos dados foram feitas de acordo com questões relacionadas às legendas e julgadas determinantes para o entendimento do conteúdo audiovisual. Assim, acredita-se que foram englobados os principais pontos da recepção audiovisual mediada pela legenda no filme *O Caçador de Pipas*.

Esta pesquisa, no entanto, também apresentou algumas limitações. O número de participantes foi reduzido, apenas sete, limitando a variedade de respostas. Acredita-se que um universo mais amplo poderia revelar outras questões relacionadas à legendagem. Outra limitação justifica-se pelo estudo ter sido baseado em um único filme, este de caráter narrativo. Os resultados poderiam também ter sido diferentes caso o conteúdo audiovisual escolhido fosse um documentário ou filme informativo, já que a recepção desses conteúdos ocorre de maneira diferenciada. Apesar de a escolha de *O Caçador de Pipas* ter se baseado principalmente nas línguas originais do filme (pashto e inglês), a língua inglesa predominou. Isto pode ter causado maior conforto aos participantes da pesquisa, por ser uma língua com que os espectadores estejam mais habituados. O pashto, nesta pesquisa, causou estranhamento a alguns participantes, o que exigiu maior dependência das legendas. Por essa razão, sugere-se que, para pesquisas futuras, fossem analisados espectadores em contato com

filmes de línguas originais menos comuns, a fim de verificar as diversas reações do público quando totalmente dependentes da legenda. Não podemos, no entanto, desconsiderar que o entendimento do conteúdo audiovisual se dá por meio de outros aspectos que não apenas os diálogos. As imagens e sons também são componentes definidores da absorção e compreensão dos filmes.

Um ponto observado que não pareceu muito pertinente foi a utilização do “Questionário Geral sobre o filme”. A decisão pela aplicação desse questionário pareceu-me, em princípio, essencial para a averiguação do entendimento global do filme. No entanto, tal aspecto foi facilmente identificado por meio do “Questionário de partes específicas do filme”. As respostas daquele questionário acabaram não sendo utilizadas; portanto, considerado irrelevante à pesquisa, exigindo apenas mais tempo e disposição dos participantes.

Para efeito de pesquisas futuras, é necessária uma investigação mais a fundo dos processos de recepção das legendas, envolvendo aspectos mais cognitivos. Uma sugestão seria investigar as necessidades sentidas pelo receptor de maneira mais pontual, conectando cada aspecto ao aprimoramento também do trabalho do tradutor, ou, ainda, analisar o efeito comparado de traduções audiovisuais de modalidades distintas: legendagem e dublagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIR, Amparo Hurtado (Org.). **Enseñar a traducir**: metodologia em La formación de traductores e interpretes. Madrid: Edelsa, 2003. P. 182-195.
- ALVARENGA, L.; ARAÚJO, V. L. S.; FRANCO, E. P. C. Audiovisual Translation Research in Brazil and in Europe. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 2, n. 2, p. 65-74, 2002.
- ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução*. MARTINS, Márcia A. P. (Org.) **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 15 – 34.
- _____. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2004.
- BETTENCOURT, Cristina. *Tradução para audiovisuais: papel cultural e linguístico*. DTIL – Actas do VIII Seminário de tradução científica e técnica em língua portuguesa. Editora União Latina. Disponível em http://dtil.unilat.org/VIIIseminariofct_ul/cristina_bettencourt.htm
- CARROL, Mary. *Subtitling: Changing Standards for New Media?* *Globalization Insider*, Volume XIII, Issue 3.3. 2004. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article422.htm>. Acesso em 18/05/2007

CARVALHO, Carolina A. de. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2005.

CHAUME, Frederic. Film studies and translation studies: Two Disciplines at Stake in Audiovisual Translation”. *Meta*, XLIX, 1, 2004a.

_____. Modelos de investigación en traducción audiovisual. *Íkala, revista de lenguaje y cultura*, Vol. 9, no. 15, 2004b.

DANAN, Martine. Captioning and Subtitling: undervalued language learning strategies. *Meta*, v. 49, n. 1, p. 67-77, 2004. Disponível em <http://www.erudit.org/revue.meta.2004/n1/009021ar.html> Acesso em 29/06/2007

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DINIZ, Thaís F.N. de. A New Approach to the Study of Translation: from stage to screen. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 2, p. 29-54, 2003. Disponível em <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/thais.pdf> . Acesso em 18/05/2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. Práticas de Recepção Midiática: impasses de desafios da pesquisa brasileira. Disponível em http://www.campos.org.br/data/biblioteca_14 Acesso em 14/12/2007.

FALTIS, C. Case study methods in researching language and education. In HORNBERGER, N. & CORSON, D. (eds.). **Research methods in language and education.** Encyclopedia of Language and Education, v. 8. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 145-152.

FORNER, Daniel; GAZETA, Sônia M. M. Identificação de alguns procedimentos/estratégias predominantes na tradução de filmes: uma abordagem sobre a legenda para vídeo. Disponível <http://www.iaec2.br/biblioteca/tcc/arquivos-conteudo/arquivos->

- [indice/tcc/tradutor.tccdaniel](#). Acesso em 07/12/2007.
- FORSTER, Marc (realizador) (2008). O Caçador de Pipas [DVD]. EUA: DreamWorks Pictures.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIMBERT, M. C. The third language: a recurrent textual restriction in audiovisual translation. University of Vic, Espanha. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 16, p.147-160, 2005.
- GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução: a legendagem e a construção do imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GOTTLIEB, H. **Subtitles, translation & idioms**. Copenhagen: University of Copenhagen/ Reproafdelingen: 1997.
- _____. Subtitling. In BAKER, M. (Org.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998, p. 244-248.
- HAJMOHAMMADI, Ali. The Viewer as the Focus of Subtitling: towards a viewer-oriented approach. Translation Journal 8, 2004. Disponível em: <http://accurapid.com/journal/30subtitling.htm>
- HOLUB, Robert C. **Reception theory: a critical introduction**. London: Methuen, 1984.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In LIMA, L.C. (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.
- JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; MELLO, Vanessa de. Estudos de recepção e identidade cultural: abordagens brasileiras na década de 1990. Unirevista, vol. 1, no. 3, 2006. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev Jacks.pdf> Acesso em [14/12/2007](#).

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In LIMA, L.C. (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In LIMA, L.C. (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

KARAMITROGLOU, Fotios. Audiovisual translation at the dawn of the digital age: prospects and potentials. *Translation Journal* 3 (1999). Disponível em <http://accurapid.com/journal/09av.htm> . Acesso em 26/06/2007

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250

MOITA LOPES, L.P. da. Contextos institucionais em Lingüística Aplicada: novos rumos. *Revista Intercâmbio*, v. 5, 1996, p. 3-14.

NOBRE, Antonia Célia Ribeiro. A Influência do Ambiente Audiovisual na Legendação de Filmes. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 2, n. 2, p. 75-82. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Versão eletrônica disponível em: HTTP://www.lettras.ufmg.br/rbla/2002_2/artigo5.pdf. Acesso em 03/08/2008.

OLIVEIRA e PAIVA, V.L.M; SANTOS e SILVA, M. M; ALVARENGA e GOMES, I.F. Sessenta anos de Lingüística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. Disponível em <http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf> em 11/08/2008.

PENGZHI, Hu. Creativity Inspired by the Active Processes of Reception in Translation: from the perspective of Aesthetics of Reception. Dissertação de mestrado. Anhui University, 2005. Disponível em www.modlinguistics.com/PAPERS/2005/Hupengzhi/Hupengzhi.doc Acesso em 23/07/2008

RAMIÈRE, Nathalie. Reaching a foreign audience: cultural transfers in audiovisual translation. *The Journal of Specialised Translation*, Issue 6. 2006. Disponível em

http://www.jostran.org/issue06/art_ramiere.pdf. Acesso em 21/09/2007

ROIG, Xosé Castro. La traducción de películas y audiovisuales. In: Bravo, J.M. (Ed.) **Nuevas perspectivas de los studios de traducción**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002, p. 175-186. Disponível em <http://www.elcastellano.org/xcastro.html> . Acesso em [17/05/2007](http://www.elcastellano.org/xcastro.html)

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A.G.C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROJO, Jorge Leiva. Recepción literaria y tradcción: estado de La cuestión. TRANS – no. 7 sección 59-70. 2003.

RUÓTOLO, Antônio Carlos. Audiência e recepção: perspectivas. Comunicação e Sociedade, 30, 1998, p. 149-163. Disponível em: http://fca.pucminas.br/saogabriel/raop/pdf/audiência_recepao.pdf Acesso em 14/12/2007.

Site de Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada – PGLA, www.pgla.org.br em 14/08/2008.

STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 236-247.

SZARKOWSKA, Agnieszka. The power of film translation. Translation Journal 9, 2005. Disponível em: <http://accurapid.com/journal/32film.htm>

VENUTI, L. Strategies of translation. In: BAKER, M. (Org.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998, p. 240-244.

VIEIRA, Else. **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. p. 124-137.

WILKE, Valéria Crisitna L.; Ribeiro, Leila Beatriz; Oliveira, Carmen Irene C. de. A Informação Potencializada no Texto Fílmico. DataGamaZero – Revista de Ciência da

Informação, v. 4, n. 6. Dezembro de 2006. Disponível em http://www.datagamzero.org.br/dez03/Art_06.htm. Acesso em 14/12/2007.

ANEXO I

Termo de Consentimento

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a recepção de textos audiovisuais e está sendo desenvolvida por Thaís Francis Silva, aluna do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada na área de Tradução da Universidade de Brasília UnB, sob a orientação do Professor Dr. Mark David Ridd.

O objetivo do estudo é pesquisar detalhes da recepção audiovisual mediada por legendas.

A finalidade deste trabalho é contribuir para os estudos da Tradução Audiovisual.

Solicitamos a sua colaboração para participação nesta pesquisa por meio de questionário e entrevista, como também sua autorização para apresentar e divulgar os resultados deste estudo na dissertação final e em eventos da área de Linguística Aplicada, quando oportuno. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolva a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Pesquisadora

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora: Thaís Silva

Telefone: [REDACTED] / [REDACTED]

ANEXO II

Questionário Prévio

<p>Aspectos Técnicos</p> <p>1. Qual a sua preferência de modalidade de tradução: dublagem ou legendagem? Por quê? A sua preferência muda de acordo com a língua do filme?</p> <p>2. Como você encara as legendas? Elas esclarecem ou atrapalham o entendimento de filmes? Por quê?</p> <p>3. A legenda capta e é coerente com o estilo das falas dos filmes originais? Por exemplo, os sotaques regionais, as falas características nos filmes de época.</p> <p>4. A legenda acompanha o ritmo das falas dos filmes originais?</p> <p>5. O filme legendado muda o efeito dos filmes originais causado no espectador? Quais são essas mudanças?</p> <p>6. Do seu ponto de vista, a legenda permite perceber os aspectos culturais dos filmes originais?</p> <p>7. É possível aliar imagem, som e legenda sem que haja perda da percepção de algum deles nos filmes?</p> <p>8. Quais as maiores barreiras encontradas na sua percepção de filmes legendados? Aspectos técnicos como: a cor da legenda, tamanho e número de caracteres, supressão de diálogos, modificações e adaptações, velocidade, etc.</p>
<p>Aspectos cognitivos</p> <p>9. A legenda pode ser encarada como meio incentivador da leitura, pois, além de assistir ao filme, o espectador também promove o ato de ler? Isto é ponto positivo ou negativo da legenda?</p> <p>10. Na sua opinião, a legenda permite conferir o conhecimento em relação à língua estrangeira?</p> <p>11. Você acredita que a verificação desse conhecimento ajuda ou atrapalha a recepção e a percepção do filme? Por quê?</p> <p>12. A legendagem ajuda o espectador a desenvolver ou aperfeiçoar as habilidades em língua estrangeira? De que maneira?</p> <p>13. Você acha que o domínio da língua estrangeira faz com que o espectador dependa ou utilize menos a legenda?</p> <p>14. Quando a língua original do filme é totalmente desconhecida, qual o grau de sua dependência em relação à legenda? Total ou parcial?</p> <p>15. O tempo gasto para a leitura da legenda atrapalha a absorção do conteúdo cinematográfico?</p> <p>16. Do seu ponto de vista, a legenda torna o filme mais “original” que a prática de dublagem? Por quê?</p> <p>17. Socialmente, a dublagem pode ser considerada mais “democrática”, já que alcança um público maior e mais diversificado? Ou a dublagem nega o acesso do telespectador à língua estrangeira?</p>
<p>O objeto de estudo</p> <p>18. Você já leu o livro <i>O caçador de pipas</i>?</p> <p>19. Você já assistiu ao filme?</p> <p>20. A leitura prévia do livro ajuda no entendimento do filme? Em que aspectos?</p>

Respostas – Questionário Prévio

Participante 1 - Carolina

Questionário Prévio

Aspectos Técnicos

1. Legendagem. Pois certas características da língua como gírias, ditos populares e até mesmo piadas são mantidas no áudio e tem muita relevância para quem tem conhecimento do idioma, enquanto que a dublagem, muitas vezes acaba retirando partes do que realmente foi falado.
2. Acredito que são muito esclarecedoras, uma vez que permite que o idioma original é mantido, além de ser um ótimo recurso para enriquecimento do vocabulário e aperfeiçoamento da pronúncia.
3. Na maioria das vezes sim.
4. Acredito que sim, por isso que muitas pessoas se prendem tanto à legenda.
5. Não acho tenha mudança no efeito do filme, exceto no caso de algumas palavras obscenas que muitas vezes têm seus significados atenuados.
6. Nem sempre. Muitos desses aspectos são perdidos na tradução em si, pois muitas vezes o tradutor não consegue traduzir com o mesmo sentido para o Português o que foi dito no idioma original.
7. Acho que as pessoas que tem conhecimento do idioma do filme têm uma capacidade maior, pois quem não conhece a língua tende a ficar mais dependente da legenda e muitas vezes alheio a certos detalhes.
8. Supressão de diálogos e modificações.

Aspectos cognitivos

9. Sim. Com certeza um ponto positivo.
10. Definitivamente.

Participante 2 - Júlio

1) Na modalidade legendagem.

- a) Na dublagem muda a qualidade do filme original;
- b) Não.

2) Elas esclarecem o entendimento do filme. Gosto muito da legenda, porque, ela me pende mais no filme (aumenta a minha concentração).

3) Devido o fato de não dominar a língua inglesa, não tenho como garantir se a tradução do filme é repassada na sua íntegra o conteúdo da fala original do filme. Tomando difícil a minha compreensão dos sotaques regionais ou filme de época.

4) Quando a legenda é feita por um laboratório de qualidade é difícil de notar essa diferença. Tive a oportunidade de assistir alguns filmes, que demonstrava bem esse momento, como, um retardo na legenda em relação ao movimento da boca.

5) Não.

6) Sim.

7) Sim.

8) As barreiras são: a cor amarela da legenda e aumento de velocidade.

Aspectos cognitivos:

- 9) Sim.
Sim.
Claro que é um ponto muito positivo.

10) Sim.
A legenda permiti ao espectador a habituar-se com o som das palavras da língua estrangeira.

11) Sim.

Ajuda o espectador de uma forma ou de outra a ter mais atenção no som, através da legenda, a conhecer o sentido das palavras que está ouvindo.

12) Sim.

Depende do nível intelectual do público, quanto maior o conhecimento, melhor absorção do filme.

13) Total.

14) No meu caso total.

15) Como informei no item 12.

No meu caso não.

16) Sim.

Quando é utilizada a dublagem, é retirada a qualidade do filme.

17) Sim.

Quando se utiliza a dublagem, o espectador é direcionado a busca por filmes dublados, perdendo oportunidade de conhecer a língua estrangeira.

18) Sim.

19) Não.

20) Sim.

Conhecendo todo o conteúdo existente no livro, pode-se verificar se o diretor do filme manteve em pouco tempo a íntegra da história do livro.

Participante 3 - Cassiana

Prefiro filmes legendados independentemente da língua em que o filme foi gravado. A dublagem tira um pouco da emoção que os ~~atores~~ atores transmitem em cada cena.

② Geralmente as legendas esclarecem o filme. Muitas vezes em que o áudio falha, ou há explosões enquanto os personagens falam, as legendas favorecem a compreensão da história.

③ A legenda geralmente empobrece o filme por não ser tão fiel a fala dos personagens. Em muitos casos, piadas e temas são modificados para melhor compreensão do filme pelos espectadores, porém, prejudicando a cultura ~~de~~ apresentada no filme.

④ Não. Na maioria das vezes ela adianta quando a fala é de outro personagem ou se atrasa quando se trata de uma fala muito longa.

⑤ O efeito que a ~~linguagem~~ legenda causa no espectador é de maior compreensão do contexto quando não há conhecimentos prévios da língua original.

⑥ Não. Na maioria das vezes ela compromete as falas dos personagens por sofrer alterações para melhor compreensão do público alvo.

⑦ É possível que haja uma perda da imagem quando se lê a legenda devido à velocidade com que as cenas ocorrem.

⑧ As maiores barreiras das legendas são as cores e as adaptações.

⑨ Sim, a legenda incentiva a leitura, além de acrescentar palavras novas ao vocabulário.

⑩ ~~Sim~~ Sim, apesar das grandes alterações.

- 11) Sim, a verificação do conhecimento da língua estrangeira ajuda na recepção e a percepção do filme por possibilitar melhor apreciação da cenografia.
- 12) A legendagem ajuda o espectador a desenvolver e aperfeiçoar habilidades na língua estrangeira por dois motivos: primeiro, por mostrar o sentido ou a tradução das palavras na legenda e segundo, por aprimorar as capacidades de compreensão via audição.
- 13) Sim.
- 14) Total.
- 15) Às vezes o tempo de leitura pode prejudicar a absorção do conteúdo cinematográfico dependendo do tamanho da legenda ou da velocidade das cenas.
- 16) A legenda apesar de apresentar um caráter pessoal do tradutor, assim como a dublagem, mantém um pouco mais da originalidade do filme por manter as características da atuação que por muitas vezes é alterada por uma mudança na fala inicial.
- 17) A dublagem é mais democrática por não obrigar ninguém a falar uma outra língua que não a sua e por alcançar um número de pessoas maior, ~~pois~~ já que não há necessidade de leitura da legenda, o que é muito importante em países com alto nível de analfabetismo.
- 18) Sim.
- 19) Sim.
- 20) A leitura prévia do livro ajuda no entendimento do filme ~~pois~~ pelo fato de o livro ser mais detalhado e completo. O filme, por motivos de extensão, não pode mostrar todas as cenas que o livro apresenta. Considero assim, a leitura do livro um complemento ao filme.

Participante 4 - Carlos

① Legendagem. Porque ela tem a própria uma melhor percepção da obra, conservando a fala e as vozes originais. Com isso não se perde a traça da mensagem transmitida. De modo idêntico é a dublagem que pode injetar parte da conteúdo da informação a ser transmitido. Isso ocorre porque tanto de chegar a seu destinatário a mensagem é transmitida e impregnada de impressões pessoais dos dubladores, o que denifica a sua essência.

Não, a minha preferência independe da língua utilizada no filme.

② As legendas são subterfúgio utilizados pelas empresas cinematográficas para ampliar a quantidade de espectadores a serem atingidos, dando aos filmes uma amplitude global. A ideia que a legendagem tem um aspecto mais econômico que social. Não obstante isso, ela se mostra como um excelente instrumento propagador de culturas, proporcionando o acesso de qualquer pessoa do mundo a qualquer filme do mundo, fazendo com que se globalize as obras cinematográficas.

A independe da velocidade de leitura e capacidade cognitiva. e de expectativas a legendagem pode facilitar ou dificultar o entendimento do filme. Isso é o que quanto maior ^{foram} aqueles aspectos, maior será o entendimento do filme, e quanto menores forem menor será o seu entendimento. Tal conclusão se justifica pois a quele que possui menores velocidade de leitura e capacidade cognitiva ^{compreendem} demoraram a entender ^{o conteúdo} a legenda e ^{compreendem} diminuíram a atenção nos cenários.

U O O O O O U
 I S I 4 4 S S
 U L M M J U S

2

que se passam. De modo contrário, aqueles que possuem um grau mais elevado daqueles aspectos terão mais tempo para prestar atenção nas cenas e poderão ter um melhor entendimento do filme.

3) Nem sempre. Há alguns casos em que a falta de tradução de uma expressão idiomática que não tem nenhum sentido na nossa língua, o que de certa forma prejudica a compreensão do filme. Além disso a legendagem possui suas limitações, pois não tem algumas situações nos filmes que não são possíveis de serem transmitidas por seu intermédio. São exemplos disso: as trocas de palavras, os cacofonias entre outros casos.

4) Isso depende do filme e das cenas representadas, pois se as falas inseridas forem em grande quantidade e muito rápidas a legenda pode ser apresentada por tempo devido.

5) Não

6) Sim

7) Sim. É necessário tomar cuidado com a cor da legenda, caso contrário ela pode se tornar ilegível em certos momentos do filme. É exemplo disso a legenda na cor branca em cenas representadas em preto e branco.

00000000
6 5 1 4 5 5
1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

(3)

8) Em alguns filmes há cenas em que é impossível a leitura da legenda pela presença de cores semelhantes nas idrogramas. Outro aspecto que dificulta a leitura é a velocidade em que a legenda é apresentada em algumas cenas, tais como as de ação e de diálogo entre os personagens.

Aspecto Cognitivo

9) Sim Positivo

10) Sim

11) Ajuda. Porque nem sempre a legenda consegue representar com precisão o significado da fala, o que pode ser suprido com algum conhecimento da língua utilizada no filme.

12) Sim. O espectador pode aprimorar seu vocabulário e também aperfeiçoar sua pronúncia.

13) Sim

14) Total

15) Não

16) Sim. Porque na dublagem não percebe a fala dos personagens por intermédio de um intérprete, de modo diverso, na legendagem essa percepção é direta, sem interferência de terceiros, interpretações.

17) Acho que os dois aspectos devem ser considerados, pois ao mesmo tempo em que facilita o acesso a obra por parte das pessoas, mais logo, a dublagem impede o acesso a língua estrangeira.

18) Abito de estudo

19) Sim

20) Sim

21) Sim. Proporciono uma comparação entre o abito

O O O O O O O O
 U S 1 4 4 S S
 U L M M J U S

(14)

literária e a cinematográfica elucidando pontos
 que não ficaram suficientemente claros no filme

BRUNO

Participante 5 - Laís

1. Independente da língua do filme a minha preferência de modalidade de tradução é a legendagem. Pois através dessa modalidade o espectador consegue ver a interpretação do ator de forma completa, já que boa parte do personagem é transmitida através da fala.
2. As legendas podem esclarecer como atrapalhar o entendimento do filme, pois devido ao número de caracteres permitidos em uma cena muitas partes do filme são ignoradas. Mas as legendas também podem ajudar quando o espectador não tiver entendimento da língua, se não conhecer determinada palavra, entre outras coisas.
3. Sim.
4. Sim.
5. Sim, porque como uma parte do que é dito no filme não é colocado na legenda o espectador de filmes com legenda ficam presos na interpretação de quem faz a legenda.
6. Sim, porque mesmo que a legenda tenha o defeito de cortar algumas falas do filme, o que posto é o mais fiel possível a filmagem.
7. Sim.
8. A maior barreira encontrada é o número de caracteres, pois para a legenda ficar na cena a qual pertence e dar tempo para que o espectador consiga ler ela deve ter um número máximo de caracteres e por causa disso dependendo das cenas algumas partes do diálogo ou da narração são cortadas.
9. Não, porque o espectador não vai estar interessado na leitura mais sim no filme, e por isso a legenda é encarada apenas como um modo de entendimento do filme.
10. Na maior das vezes sim, mas dependendo do
11. Ajuda, pois muitas vezes os filmes mostram expressões e um linguajar informal que em sua maioria não são ensinados nos cursos de inglês. Permitindo assim o aprendizado e a compreensão disso.
12. Sim, porque é muito comum a utilização de gírias e expressões as quais muitas pessoas de outros países não têm conhecimento, sendo assim uma ajuda na ampliação do vocabulário. Além disso, a legenda

permite aos espectadores ouvirem a pronuncia dessas palavras, evitando assim que eles errem aos usá-las.

13. Sim, porque quem tem um domínio maior da língua utilizada no filme pode entender-lo sem a utilização de legenda e caso necessite-as será somente para palavras que não conheça.
14. Total.
15. Não, porque depois que se acostuma a ler as legendas o espectador começa a ler e ver a cenas ao mesmo tempo.
16. Sim, porque você tem a atuação completa do ator. Já que através da variação na forma de falar pode dar outro significado as palavras ou até mesmo dar mis emoção as mesmas, mas quando essas mesmas palavras forem dubladas essas características podem ser perder.
17. A dublagem pode ser considerada mais democrática porque ela abrange as pessoas que não sabem ler e também as que não sabem ler muito bem ou tão rápido.
18. Não.
19. Não.
20. A leitura prévia permite ao espectador ter uma idéia dos acontecimentos os quais ocorrerão no filme e também permite uma comparação do que ele imaginou e que os que fizeram o filme imaginaram.

Participante 6 - Antônio

- 1- Prefiro a legenda por ser mais fiel. A língua do filme não interfere.*
- 2- são úteis. Ajudam a entender o filme. Por manterem originalidade.*
- 3-geralmente se aproximam bastante do contexto original.*
- 4-varia de acordo com o filme.*
- 5-se a legenda for de boa qualidade, muda pouco.*
- 6- certamente, nas expressões regionais, por exemplo.*
- 7- É possível, dependendo da qualidade da legenda.*
- 8- Certamente a cor e a supressão de legenda.*
- 9- Não acredito que incentive a leitura.*
- 10- com certeza, por ser uma tradução.*
- 11- Ajuda, por que facilita o entendimento.*
- 12- Ajuda, pela associação.*
- 13- Sim. O conhecimento da língua estrangeira faz com que o espectador utilize menos a legenda.*
- 14- Total.*
- 15- Não. O processo é automático.*
- 16- Sim. Porque é mais fiel.*
- 17- Não. A dublagem nega o acesso a língua estrangeira.*
- 18- Não.*
- 19- Sim.*
- 20- Não posso avaliar, pois não li o livro.*

Participante 7 - Olívia

1- Dou preferência à legenda porque acredito que ela contribua na manutenção da originalidade do filme. A língua do filme não influencia na minha preferência.

2- Sempre de maneira positiva. Com certeza as legendas favorecem o entendimento justamente por manterem a originalidade dos diálogos.

3- Certamente. Um exemplo é quando comparamos um filme americano com um britânico, os britânicos possuem uma linguagem e, conseqüentemente uma legenda muito mais formais.

4- Na maioria das vezes sim. Depende da qualidade da legendagem.

5- Com certeza sim. Um filme legendado é muito mais fiel à obra original porque consegue transmitir com muito mais facilidade sentimentos e impressões almejados pelos os criadores.

6- Sim. As gírias são um exemplo disso.

7- Sim. Porém isso varia de acordo com a qualidade do filme e qualidade no processo de legendagem.

8- Certamente a cor é um aspecto que influencia, por exemplo, um filme com imagens muito claras e uma legenda branca, em alguns momentos pode acontecer de não ficar muito visível ao espectador.

Aspectos Cognitivos

9- Acredito que sim, até mesmo porque quem gosta de ler costuma preferir um filme legendado ao dublado. Com certeza é um aspecto positivo.

10- Evidentemente que sim, afinal de contas a legenda é uma espécie de tradução.

11- Ajuda com certeza. Essa promoção do conhecimento acaba por favorecer uma curiosidade no aprendizado de outras línguas e no interesse por obras de outros idiomas.

12- idem 10

13- *Sim. Quando o espectador tem conhecimento da língua original do filme acaba por utilizar muito mais a audição do que a visão.*

14- *Total. É até uma oportunidade, uma "porta" para desenvolver um desejo no aprendizado da língua.*

15- *Não. Quando o processo de legendagem é bem feito não há uma perda de tempo na leitura das legendas, acaba sendo um processo quase que natural e imperceptível.*

16- *Sim. Porque expressam mais fielmente os aspectos regionais, culturais, etc.*

17- *Não. Além de desfavorecer o aprendizado de outras línguas ela impede o desenvolvimento do interesse da leitura.*

O objeto de estudo

18- *Não.*

19- *Sim.*

20- *Apesar de não tê-lo lido ainda creio que sim. Ler um livro antes de ver o filme ajuda no mínimo a dar uma idéia do que trata o filme e é sempre uma "segunda opinião", porque mesmo quando se tenta fazer uma cópia fiel do livro sempre há algum momento em que a percepção livro e filme se diferenciam.*

ANEXO III**Questionário geral sobre o filme**

- | |
|--|
| 1. Nos primeiros cinco minutos do filme, Rahim Khan diz a Amir que “tem um jeito de ser bom de novo”. Em quais momentos, no filme, é interpretada a maldade de Amir? Quais de suas atitudes são consideradas más? |
| 2. Como você caracteriza Amir, o pai e a relação entre eles? |
| 3. O comportamento do pai influencia as atitudes de Amir com Hassan? De que maneira? Em quais momentos? |
| 4. Ao ser violentado, Hassan reafirma características de sua personalidade, conflitando com a personalidade de Assef. Como o filme contrapõe essas questões? |
| 5. Como Amir reage à partida de Hassan? |
| 6. O filme enfatiza o Afeganistão antes e depois da invasão russa e do domínio talibã. Como você percebe esses momentos? Você acredita que o filme foi fiel à representação da realidade afegã? |
| 7. Ao descobrir o segredo de seu pai e ler a carta escrita por Hassan em sua volta ao Paquistão, ocorre uma mudança no comportamento de Amir que é refletida ao longo dos momentos finais do filme. Qual foi essa mudança? |
| 8. Quem é o caçador de pipas? |

Respostas – Questionário geral sobre o filme

Participante 1 – Carolina

1. Provavelmente ele sentiu vergonha do amigo e ~~tentou~~
~~se livrar~~ e culpa por ter sido covarde, então ^{na} procura
incriminá-lo.
2. Amit era um menino solitário e melancólico, seu pai
era um homem forte e bravo. A relação entre os
dois ~~era~~ ^{seguinte} Amit não tinha muita comunicação
exceto uma volta adulta de Amit.
3. Sim. Amit acreditava que seu pai o considerava um
covarde, desta forma Amit se voltou contra Harrison.
4. Ele tentou provar sua lealdade ao amigo. No
filme Harrison mostrou sua lealdade ao se salvar
violentamente.
5. Com sofrimento contínuo.
6. No início havia uma certa felicidade entre as pessoas
~~depois~~. Na segunda parte, parece-se a diferença na
psicologia do povo e no aspecto de vida. Sim.
7. Ele abandona o sofrimento e culpa ~~o~~ partindo a
procura de seu sobrinho.
8. Harrison.

Participante 2 – Júlio

- 1) a) Quando Amir pede ao seu pai que troque de empregados, sendo reprimido pelo pai.
b) Quando Amir fala para o seu pai que Hassan roubou seu relógio.
c) Quando seu pai pergunta por Hassan ele diz ao seu pai que seu amigo está doente e não sabe o motivo da doença.
- 2) Ruim. O pai gostaria de ver as atitudes decisivas do filho, como, lutar pelo que acredita, encontrada em seu amigo Hassan .
- 3) Sim.
a) Quando Amir escuta a conversa de seu pai com o amigo Rahim Khan, que gostaria que seu filho tivesse as mesmas atitudes de Hassan.
b) No dia do aniversário de Hassan, quando seu pai chega de carro novo e pede que Amir deixe o lugar da frente para Hassan.
c) Quando seu pai dá Hassan a oportunidade de escolha de seu presente de aniversário.
- 4) O filme consegue transmitir ao espectador até que ponto chega força de uma amizade sincera, e por outro lado a que ponto vai maldade humana, através do racismo, inveja e o rancor.
- 5) No filme não consegue transmitir como no livro o momento de felicidade que Amir estava vivendo com seu pai, devido a presença de Hassan nos passeio, Amir começou a ter inveja de Hassan com seu pai, colocando em risco essa felicidade. Devido ao fato Amir não reagiu a partida do amigo Hassan.
- 6) Sim. Antes enfatizou bem como era a vida em Cabu. Muito pouco, após a invasão Russa, acredito que seja em virtude do tempo de exposição do filme. Através da destruição das cidades, a perseguição da população e dos julgamentos públicos, demonstrando total desrespeitos aos direitos das pessoas.
- 7) A personalidade de Amir muda quando ele resolve lutar pelo seu sobrinho, enfrentando Assef em prol da sua liberdade. Novamente demonstra a sua personalidade quando o seu sogro desrespeita o sobrinho, para que ele chame pelo nome e que fato não se repita.
- 8) O jovem Hassan.

Participante 3 - Cassiana

- ① A maldade de Amir pode ser notada nas cenas em que demonstra ser covarde e por abusar da boa vontade e lealdade de Hassan. A cena que mais marca a maldade de Amir é a que ele esconde o relógio em baixo do lençol de Hassan e o acusa de o ter roubado. Outro momento a ser considerado é quando Amir joga pedras em Hassan e também, a cena em que Amir pede para Hassan atirar uma pedra com seu estilingue em um cachorro.
- ② Considero a relação entre ambos fria e duridosa. O pai de Amir o considera uma vergonha para a família e não há sinceridade na relação.
- ③ Penso que Amir tenha inveja da relação que seu pai tem com Hassan. Sua postura durante o filme varia de acordo com os comentários feitos pelo pai. Amir tenta redimir Hassan e omitir as coisas boas por ele feitas para que seu pai se orgulhe dele, o que só ocorre quando ambos, Hassan e Amir, vencem o campeonato de pipas.
- ④ Assef é apresentado no filme como um menino influente e poderoso. Porém, nota-se que ele é também preconceituoso e falso. As cenas que melhor mostram essas características são as cenas de abuso sexual de Hassan, em que Assef manda e ordena coisas aos seus amigos, maltrata Hassan e o ofende, mostrando seu preconceito e sua falsidade pode ser visto no aniversário de Amir, em que ele cumprimenta Amir o desejando feliz aniversário.

Hassan é um menino leal e corajoso. Honra seu amigo Hassan e sua postura é a mesma durante todo o filme. As mesmas cenas utilizadas no exemplo anterior podem ser utilizadas para ~~o~~ identificar as características de Hassan.

⑤ Ele sente a partida de Hassan, mas tenta não demonstrar que sente sua falta.

⑥ ~~Esses~~ ^{Esses} momentos são claramente percebidos pelo fato dos atores comentarem sobre a invasão, a cena ~~dos~~ da fuga de Amir e de seu pai e a volta de Amir a Cabul em busca de Sohrab.

Não conheço muito sobre a cultura afegã, mas acredito que o filme tenha tido momentos em que a cultura foi muito bem representada.

⑦ Amir demonstrou ter coragem e determinação em suas atitudes.

⑧ Hassan é o caçador de pipas.

Participante 4 - Carlos

- ① No momento em que Amir tem a ideia de voltar, mas obviamente Hassan gosta q' ele e seu pai fossem mais idosos embora e no momento em que ele atira vramô contra Hassan. Ter escondido o ^{diu} relógio para simular um furto por parte de Hassan e atirar vramô contra Hassan.
- ② Amir era um garoto de personalidade fraca e muito inseguro. Seu pai possuía uma personalidade forte e que cabrava o mesmo de seu filho, valoriza muito as relações de amizade. No início do filme eles eram mais distantes, ~~Amir~~ não existia uma simplicidade entre os dois. No final a relação se fortaleceu e o vínculo afetivo entre eles se mostrou mais forte.
- ③ Sim. Gra a um certo ciúme. No dia do aniversário de Hassan e também quando ele trouxe seu pai alegando as atitudes de Hassan e dizendo que ele deveria agir do mesmo modo.
- ④ O filme mostra Hassan com uma personalidade forte, que não abre mão de seus valores e de seus compromissos. Por outro lado, ele mostra contraditório para o mesmo tempo em que afirma seu respeito a cultura e a religião de seu país, suas atitudes são contrárias a ~~tal~~ elas.

B. Ele se sente envergonhado.

C. Antes da invasão o afganistão se mostrava próspero e seus cidadãos possuíam um certo dose de liberdade. Após a invasão o país estava destruído e seus cidadãos estavam submetidos a regime autoritário com regras rígidas que não proporcionava quase nenhuma liberdade.

D. Suas atitudes são mais firmes e determinadas buscando compensar suas omissões e atos que prejudicaram Hassan.

E. Hassan.

Participante 5 - Laís

1. Os momentos são quando ~~Amir~~ ^{Amir} não impede o estupro e quando ele arma para que o relógio seja encontrado ~~nas~~ ^{nas} coisas de Hassan. Nesses momentos ~~Amir~~ ^{Amir} trai a confiança de Hassan e no caso do relógio ele deixou que o ciúme cegá-lo.
2. O pai de ~~Amir~~ ^{Amir} compara muito Amir com Hassan e quer que ~~Amir~~ ^{Amir} seja como ele (Hassan). E ele também só elogiava e se orgulha de Amir quando ele faz algo que o pai queria.
3. Sim. Amir sente ciúmes das atenções que seu pai dava a Hassan e por isso ~~passa a ignorar a~~ ^{passa a ignorar a} ~~placenta~~ ^{placenta} ~~em se~~ ^{em se} um roubo para colocar a culpa em Hassan para que assim o pai se ~~deixa~~ ^{preste} atenção mais nele, já que para ~~o~~ ^o pai o roubo era o único pecado.
4. Nesse momento Hassan realinha sua coragem e lealdade, pois mesmo diante de tal ~~hostil~~ ^{ato} ele não fraqueja nem entrega a pipa. Já Assaf mostra como ele é preconceituoso e cruel, achando que pode fazer o que ele acha que é certo com as próprias mãos.
5. Ele se sente um pouco culpado quando ele parte, mas parece que além de ele trata o assunto com maior indiferença.
6. Antes da invasão da Rússia ~~alguns~~ ^{algumas} pessoas eram ~~muito~~ ^{muito} preconceituosas, o que só foi acentuado depois da invasão e somado com a intolerância e a crueldade vindas com essa guerra. O ~~filme~~ ^{filme} mostra essas características de forma bem exagerada, como se ~~o~~ ^o da população fosse assim e nada é feito para mudar.
7. Ele se torna mais maduro, ~~percebe que~~.
8. Hassan, pois todo o filme mostra a caminhada de Amir para adquirir as qualidades de Hassan e no fim final Amir toma atitude muito parecida com ~~o~~ ^o das de Hassan.

Participante 6 – Antônio

- 1- Quando Amir tenta incriminar Hassan, quando manda Hassan comer terra e quando Joga frutas em Hassan.
- 2- Hassan é inseguro e solitário. Seu pai é bem sucedido e severo. O pai acha que Amir é um covarde. Por sua vez Amir não se sente amado pelo pai.
- 3- Sim. Amir sabe que o pai admira Hassan e por isso sente inveja dele.
- 4- Assef se sente superior por pertencer a uma outra classe social, essas diferenças ficam bastantes claras com o destino dos dois.
- 5- Age com indiferença, mas aparenta sentimento de culpa.
- 6- A invasão do Afeganistão pelos Russos leva ao fortalecimento do Talibã. Estes momentos são enfatizados pela fuga da família de Amir e pelo retorno de Amir.
- 7- A tentativa de se redimir devido ao remorso pelo que fez ao próprio irmão.
- 8- Amir.

Participante 7 – Olívia

- 1- *Quando Amir tenta incriminar Hassan pelo suposto desaparecimento do relógio e quando Amir vê Hassan sendo violentado e nada faz para impedir.*
- 2- *Amir é um garoto solitário que se sente culpado pela morte da mãe. O pai é um homem bem sucedido, humilde e justo. A relação dos dois é bastante complicada, Amir acha que não é amado pelo pai. Este, por sua vez, acha o filho um covarde que se esconde atrás de Hassan.*
- 3- *Sim. Amir percebe que o pai admira Hassan e se sente preterido. Logo começa a evitar o convívio com o amigo e tenta incriminá-lo forjando o roubo de um relógio para que o pai mande-o embora.*
- 4- *Hassan deixa claro que é um menino submisso e possui baixa auto-estima, permitindo que Assef o maltrate. Assef se sente superior e se vê no direito de humilhar e desprestigiar Hassan. Isso fica bastante evidente em cenas como na festa de Amir, onde Hassan é humilhado por Assef e nada faz, ou até mesmo no momento em que foi violentado pelo mesmo e nada fez contra Assef.*
- 5- *Percebe-se que Amir sente a partida de Hassan, mas, logo esse sentimento se transforma em indiferença*
- 6- *Antes da invasão o Afeganistão era um bom lugar para se viver, as pessoas trabalhavam, as crianças brincavam nas ruas, estudavam. Após, tudo se transformou em destruição, medo e repressão. Certamente, a realidade do povo afegão é bastante semelhante a retratada pelo filme.*
- 7- *Remorso e compaixão, o que fez com que Amir tentasse se redimir com Hassan através de Sobrad.*
- 8- *Amir.*

ANEXO IV

Questionário de partes específicas do filme

1. (+/- 4min; +/- 10min) Qual o significado de <i>jan</i> sempre utilizado por Rahim Khan ao falar com Amir? (+/- 57min) O significado de <i>jan</i> permanece o mesmo quando o General Taheri apresenta sua filha, Soraya, a Amir?
2. (+/- 13min) Na cena em que Amir e Hassan estão assistindo ao filme e (+/- 23min) na cena do campeonato de pipas, a palavra “contenda” quer dizer o quê? (“Admiro sua noção de uma <i>contenda</i> justa, senhor”). A escolha lexical influenciou no seu entendimento das cenas?
3. (+/- 23min) O que significa <i>inshallah</i> na cena que antecede o campeonato de pipas? Por que não houve tradução? Se não houve tradução, a legenda era necessária? (+/- 56min) Em outra cena, o General Taheri também exclama <i>inshallah</i> . Os significados são os mesmos? A entonação diferenciada foi percebida? Ou a legenda tratou da mesma forma e não houve percepção da diferença?
4. (+/- 58min) Qual a informação contida na placa atrás de Amir e seu pai? A atenção voltada para a legenda atrapalhou a observação da cena? Era necessária a tradução desta informação?
5. (+/- 56min) Qual o significado de <i>Salaam</i> ? Por que nesta cena há legenda e na cena seguinte (+/- 1h), no hospital, não há nenhuma?
6. (+/- 1h20) No trecho em que Amir retorna ao Paquistão e reencontra seu velho amigo Rahim Khan, quais línguas observamos nas conversas entre eles? De algum modo, isso interferiu na sua compreensão do trecho? Explique. O inglês com sotaque afegão, característica marcante na fala, foi percebido na conversa? Isto trouxe estranhamento ou maior dificuldade de entendimento?
7. (+/- 1h25) Na cena em que Amir está lendo a carta de Hassan, qual era o conteúdo dessa carta? A legenda atrapalhou na observação desse aspecto? Quantos idiomas, tanto pelo canal auditivo e visual, foram percebidos nesta cena?
8. (+/- 1h46) O clímax do filme concentra-se no resgate de Sohrab, filho de Hassan, trazendo uma cena de ação. Nesse momento, o conteúdo visual torna-se mais carregado. Desse modo, as legendas eram necessárias para a captura da cena? Na sua opinião, por que se optou por não legendar as falas? As legendas fizeram falta para o entendimento pleno da cena?

Respostas – Questionário de partes específicas do filme

Participante 1 – Carolina

1. Jan significa Senhor/Senhoreta. Sim.
2. Causa. Não.
3. ~~Se não~~ Para eles ou se eles quiser, Talvez seja uma expressão. Acho que não. Não foi percebida.
4. Não percebeu. Sim. Não era necessário tradução.
5. Bem vindo. Porque já a legenda foi apresentada anteriormente.
6. Inglês e Português. Não. Em Inglês houve compreensão do assunto e em Português a legenda foi um grande suporte. Não houve dificuldades de entendimento do Inglês com sotaque.
7. Não havia a escrita ou ~~desenho~~ símbolos ~~q~~ característicos do idioma. Não.
8. Não totalmente. ~~Porque~~ Porque a cena era muito tensa e a ação é rápida e algumas vezes houve repetição de palavras e sons. Não houve ~~um~~ problema ~~no~~ entendimento.

Participante 2 - Júlio

- 1) - Rahim Khan sempre utiliza o palavra Amigo.
- Sim.
- 2) Igualdade. Não
- 3) a) Não sei.
b) Não sei
c) Sim
d) Não sei
e) Não
f) Não
- 4) a) Não sei.
b) Não. A atenção estava voltado para o legendo.
c) Não.
- 5) b) Acuidade que mais houve necessidade, porque
foi dito ~~várias~~ ~~vezes~~ ~~vezes~~ nos seus
conteúdos. a) Não sei.
- 6) a) A língua utiliza no Paquistão. Afegomstão
b) Não. C
c) Não.
d) Não.
- 7) a) Na conta foi utilizada utilizada a escrita
na língua do Paquistão. Afegomstão
b) Não.
c) 02 (dois).
- 8) a) Sim
b) Pela velocidade do ritmo de ações (velocidade
ao falar).
c) Sim

Participante 3 – Cassiana

1. Sim, acredito que o significado de jan seja querido. Uma palavra utilizada para demonstrar afeto e gosto por uma pessoa mais nova.
2. No meu entender contendo que dizer competição no filme. A escolha da palavra porém, deixa dúvidas.
3. Inshallah significa aprovações; ter certeza de alguma coisa. A expressão é característica da língua e não possui tradução direta ao português.
A legenda é necessária para mostrar que é uma caracterização da língua.
Quando o General exclama inshallah ele demonstra estar surpreso e aprovar a decisão do rapaz.
Sim, os significados são os mesmos.
A entonação é diferenciada e perceptível.
4. Não, sei. Não. Acho que a informação da placa é indiferente na história.
5. Salaam, no meu entender, é um cumprimento. Não reparei que na cena do hospital não havia legenda.
6. Pashtu e Inglês. Não houve interferência na compreensão, pois a legenda manteve o mesmo ritmo da fala e que facilita a leitura.
O sotaque é percebido porém, não dificultou o entendimento.
7. A carta apresentava o alfabeto árabe. A legenda atrapalhou um pouco nesta cena.
O Pashtu, o inglês e o português.

8. Por se tratar de uma cena movimentada a eventual leitura da legenda atrapalharia a apreciação da cena.

Acredito que as legendas fossem dispensáveis.

Pode compreender sem problemas o que estava ocorrendo.

Participante 4 - Carlos

- ① - Jan significa ~~de~~ descendência, assim como é utilizado no Brasil as palavras junior e filho. Sim.
- ② - A palavra contendo significa competição, briga. Sim.
- ③ - desejo, aspiração, porcido ~~et~~ com de Deus quisso no Brasil. Porque a palavra é característico da língua em toda tradução que correspondem ao seu significado exato e também para preservar as características culturais do filme. Sim. Não: ~~Não~~ Sim.
- ④ Não sei. Não. Não.
- ⑤ Não tem significado exato. É um cumprimento. Porque nesta cena a própria situação representada torna inteligível o significado da expressão e naquela a situação não era tão explícito quanto a seu significado.
- ⑥ Foi observado somente o inglês. Não porque eu me atiro. Sim. Não.
- ⑦ A carta possui caracteres estrangeiros. Não. ~~E~~ Daí na primeira parte rim. Por ser uma cena de ação as palavras secundárias. Não.

Participante 5 - Laís

1. Nem perceber e não sei o significado.
2. Quer dizer "o que é justo" mais ou menos. A escolha lexical não influenciou muito porque eu li rapidamente e tive uma ideia geral.
3. Inshallah significa tomara. Não houve a tradução porque é de fácil compreensão, não sendo necessário. Na sentença do general o significado da palavra é o mesmo, mas o que muda é o entusiasmo nesse desejo percebido na intonação do ator. Essa diferença é percebida, mas não através da legenda.
4. Eu não vi a placa. A legenda não atrapalhou porque eu também não a vi quando estava isolado. E eu não sei se a tradução era necessária porque eu não vi a placa e não sei se a informação ali contida era importante.
5. Salam significa oi, olá. E eu acho que não foi colocado na legenda do hospital por o número de caracteres não ser maior do que é possível ler e como é palavra que se repete muito já se sabe o significado.
6. Eu percebi o inglês e a língua falada no Afeganistão. E isso não interferiu na compreensão porque o que eu não entendia do inglês, por causa do sotaque, ou da outra língua eu via o significado na legenda.
7. A legenda não atrapalhou a visão que eu tinha da carta, já que eu não conseguia ler o que nela estava escrito por ser muito pequeno na letra. E eu acho que só tinha 3 idiomas, o falado no Afeganistão.
8. As legendas não eram necessárias, porque você entende o conteúdo da cena sem elas. E se tivesse as legendas ia distrair um pouco e perderia um pouco de emoção.

Participante 6 – Antônio

- 01- SIGNIFICA AFINIDADE NOS DOIS MOMENTOS.
- 02- CONTEÚDA SIGNIFICA DISPUTA.
- A ESCOLHA LEXICAL INFLUENCIOU
- 03- SIGNIFICA EXALTAÇÃO.
- A TRADUÇÃO É DESNECESSÁRIA.
- OS SIGNIFICADOS SÃO OS MESMOS.
- A DIFERENÇA NA ENTONAÇÃO FOI PERCEBIDA.
- 04- NÃO OBSERVEI.
- NÃO ATRAPALHOU.
- NÃO.
- 05- É UMA SAUDAÇÃO.
- PORQUE É DESNECESSÁRIA.
- 06- NÃO PERCEBI A PRESENÇA DE MAIS DE UMA LÍNGUA.
- NÃO INTERFERIU NA COMPREENSÃO.
- FOI PERCEBIDO, NÃO TROUXE DIFICULDADE.
- 07- NÃO OBSERVEI.
- ATRAPALHOU.
- DOIS, O INGLÊS E O PASHTO.
- 08- NÃO ERAM NECESSÁRIAS.
- DEVIDO AO CONTEÚDO VISUAL.
- NÃO FIZERAM FALTA.

Participante 7 - Olívia

- 01- Acredito que seja uma palavra carinhosa.
- 02- Acredito que disputa ou algo semelhante.
Sim.
- 03- Algo do tipo "se Deus quiser". Acho que não era necessário ter uma legenda nesse caso, porque deu para entender o significado positivo da expressão. Na outra cena me pareceu ~~irônico~~ ^{ironia} da parte do general, deu para perceber ^o quanto ele desprezou a atividade de Amir como escritor de ficção.
- 04- Não consegui visualizar a tal placa. Na verdade não estava nem muito atenta à legenda em si, eu estava mais voltada p/ as expressões dos personagens.
- 05- Acho que significado é seja bem vindo. Não era importante nessa segunda cena, o entoque era outro, talvez.
- 06- Não notei as duas línguas e, nem por isso deixei de entender o trecho. Não vi esse "ingá" com sotaque ategão.
- 07- Não observei tão detalhadamente a cena, não por causa da legenda é porque realmente não dei importância.

Observei somente ~~sem~~ o pashito e a legenda em português.

⑧ - Não. Acredito que não era necessário o uso da legenda, elas não fez falta em momento algum.

ANEXO V – ENTREVISTAS

Participante 01 - Carolina

[...] quando, na primeira pergunta aqui, no questionário prévio, eu coloquei qual seria a sua preferência de modalidade e você disse a legendagem (sic) porque você disse aqui que algumas línguas, gírias, ditos populares são mantidas no áudio e têm muita relevância pra quem tem conhecimento do idioma. Enquanto que a dublagem, muitas vezes, acaba tirando parte do que realmente foi falado. Eu fiquei um pouco na dúvida com esse finalzinho do que a dublagem retira e o que realmente foi falado. Em que sentido assim você quis dizer isso? Porque normalmente é a legenda que tem a supressão das palavras.

Na verdade, a legenda, como eu falei antes, a legenda mantém, você continua com o áudio original. Então, pra quem já tem um conhecimento da língua, vai ouvir exatamente como a pessoa está falando, sem nenhum corte no áudio. Na legenda pode ter alguma supressão, mas o áudio vai manter tudo original, tudo o que a pessoa disse. Agora, na dublagem, também pode ter alguns cortes e modificações e a pessoa nunca vai ficar sabendo que tipo de modificação foi.

Então, na verdade, quando você falou que acaba tirando as partes do que foi falado você quis dizer em relação a isso, mas a originalidade que legenda mantém pra quem percebe, obviamente, pra quem tem o conhecimento da língua?

E no caso desse filme que a gente assistiu à língua, por exemplo, que você não conhecia, o pashto, você teve essa mesma sensação de que -Algumas coisas foram cortadas? – algumas coisas foram cortadas?

Eu acho que sempre são, por exemplo, algumas partes eles falavam coisas maiores e na legenda tinha uma coisinha só. De repente, alguma expressão que em português, traduzindo pro português é menor. Mas assim, eu não tive uma sensação porque eu não conheço a língua, mas eu senti que algumas coisas eles falavam em um número maior de palavras e na hora da legenda você via menos palavras. Então, foi isso que eu senti.

Mais pro final, também sobre esse questionário prévio, essa pergunta aqui onze eu perguntei se você acredita que a verificação desse conhecimento, ou seja, esse conhecimento que você tem em relação à língua estrangeira, normalmente a gente fica conferindo o que está sendo dito e o que está sendo expresso na legenda. Então assim, essa verificação ajuda ou atrapalha a recepção e a percepção do filme? Você respondeu aqui que não. Ai eu fiquei meio sem entender porque, como a pergunta era se ajuda ou atrapalha e você disse que não, eu não sabia. Pelo contexto eu acredito que você tenha dito não atrapalha, não é?

Isso.

Mas você acredita que pode ajudar de alguma maneira?

Sim, por exemplo, você pode conferir o seu conhecimento, vocabulário quando você está ouvindo uma

palavra, daí você corre na legenda pra descobrir que palavra é aquela ou então alguma expressão que a legenda te ajuda, que você já ouviu antes. Eu acho que ajuda sim. Agora, pode atrapalhar pra quem gosta de conjugar verbo, de fazer análise de qualquer vocabulário, alguma coisa assim.

Mas, no sentido assim, de ajudar na recepção do filme?

Eu acho que sim.

Também? Porque nesse caso você está ajudando a desenvolver a língua, mas agora pra receber? Você acha que você ficar verificando atrapalha, de alguma maneira, você receber o filme todo ou perceber o filme de alguma maneira?

Bom, se você tentar ser minucioso, eu acho que sim.

Você acha que atrapalha?

Sim, mas pra pessoa que tenta processar tudo que está lendo, entendeu? Vou ler uma frase e vou processar aquilo. Não, você tem que ler e já ir mudando, seguindo outro caminho, mudando pra um outro nível, não ficar preso na legenda.

Sobre o questionário prévio eu tive mais essas dúvidas e agora sobre aquelas partes específicas que a gente fez, há algumas coisas aqui também que eu fiquei, por exemplo, nessa três, que a gente fala do significado palavra inshallah em duas cenas e eu coloquei aqui: por que não houve a tradução dessa palavra? E, deixa eu ver o que mais, se não houve tradução, se a legenda era necessária? Você colocou que acha que não. Na verdade, o que eu fiquei na dúvida, foi porque eram várias, mais de uma pergunta e aí tinha assim: “Se não houve tradução, a legenda era necessária?” e “Se os significados eram os mesmos tanto numa cena quanto em outra?” Você lembra da cena? Aquela cena do campeonato de pipa,... fala inshallah e depois na cena do general também. Eu fiquei na dúvida porque eu não sabia a que você estava se referindo esse “eu acho que não.” Se era, se não houve tradução, a legenda era necessária, aí você colocou eu acho que não.

Qual era o número?

Três.

A sim, onde começa aqui.

É. Mas aí foi assim: o que significa inshallah na cena do campeonato de pipas? Aí você colocou...

Ta, e a próxima?

Por que não houve tradução? Aí você colocou talvez porque fosse uma expressão não é?

Se não houve tradução, a legenda era necessária?

Acho que não. (risos)

Era referente a esse? Porque depois tem uma outra pergunta: em outra cena o general também exclama inshallah, os significados são os mesmos?

Tem outra?

Tem. A entonação diferenciada foi percebida? Aí você colocou: “Não foi percebida.”

Bom, então acho que essa “acho que não” faz tudo. (risos)

Então, porque era isso que eu estava na dúvida. E aí, se você acha; eu acho que não é do

significado são os mesmos e você acha que não também que a legenda não era necessária. Mas assim, você acha que se, já que não houve tradução, a legenda não era necessária, você consegue perceber o som deles falando isso? Consegue identificar?

Ahan, sim, tem uma diferença.

De entonação sim, mas eu diria, você conseguiria identificar a palavra se não tivesse a legenda? O que ele estaria dizendo, por exemplo? Que era inshallah mesmo?

No caso não teve a legenda, não é? Não foi traduzido.

Teve a legenda, mas não houve a tradução.

Deu pra perceber, mais ou menos, mas a gente nunca tem certeza do que era. Mas assim, não deu pra confirmar: “É isso.” Foi mais ou menos pelo contexto.

E você acha que se fosse traduzido seria melhor? Pro seu entendimento ou, não, ia interferir?

Pro entendimento sim, mas não interferiu muito no meu entendimento.

E na leitura, por exemplo, da legenda, quando você tem uma palavra estrangeira que você tem que ler pra você decodificar o que está escrito. Você acha que leva mais tempo pra você ler a legenda, porque é uma palavra que você não conhece? E você acha que isso também prejudica na leitura da legenda?

Bom, se a palavra for falada várias vezes, vai começar a me atrapalhar, porque eu vou querer saber o que é não tem a tradução. Mas se for uma ou duas vezes, eu acho que passa muito despercebido.

A outra foi a quatro não é? Qual é a informação contida na placa atrás do Amir e seu pai? A atenção voltada para a legenda atrapalhou a observação da cena? Era necessária a tradução dessa informação? Bom, você colocou que você não percebeu a placa e a atenção voltada pra legenda atrapalhou você observar a cena. E eu perguntei se a tradução era então, a tradução dessa informação, se era necessário. Você disse que não era necessário.

Não, não era necessário porque já era um cognato, eu acho que eram palavras cognatas mesmo. Então, dava pra identificar, até quem não conhece inglês.

Mas, por exemplo, se a legenda prejudicou a tradução e se o trecho passado antes, que foi dublado, foi interferido assim pelo que então? Que você não percebeu a cena?

Eu acho que, na hora que teve a dublagem, minha visão tava exatamente onde ficava a legenda.

Mesmo no dublado?

Mesmo no dublado. Foi isso que eu falei da última vez, porque eu mantive o meu foco naquele espaço ali da tela. Não sei por quê. (risos) É por isso que muitas vezes eu não percebo coisas que as outras pessoas percebem em filmes. Porque eu posso assistir um filme várias vezes e eu vou estar sempre vendo as mesmas coisas.

Porque sua atenção vai estar sempre voltada pra legenda?

É, eu não pego muito o que está acontecendo no fundo ou em outra coisa. A não ser que eu tenha visto várias vezes e to cansada da mesma coisa.

Mas você acha que isso prejudica de alguma maneira você entender o filme?

Não, não prejudica de forma nenhuma.

Porque você não percebe a cena toda?

Não, não.

Mas detalhes da cena...

A não ser que aquela cena que está acontecendo no fundo seja relevante para o entendimento do filme.

Mas aí, pra você fazer esse julgamento, se ela é relevante ou não, você tem que prestar atenção.

É.

Então, você só vai sentir mesmo se você perdeu alguma coisa.

Tem que ser alguma coisa que me chame atenção, pro exemplo, uma placa não vai me chamar atenção.

A não ser que a placa seja...

Preencha a tela. (risos)

Na sete, na cena que o Amir está lendo a carta, eu pergunto aqui embaixo quantos idiomas, tanto pelo canal auditivo que você escutou, tanto pelo que você estava vendo, pelo visual, quantos idiomas você percebeu nessa cena. Você colocou dois. Quais foram esses dois?

Era aquela da carta?

Da carta.

Não é o conteúdo da carta não?

É, é essa pergunta, mas embaixo tem outra que fala assim: “Quantos idiomas, tanto pelo canal auditivo quanto pelo visual foram percebidos nessa cena?”

Bom, pelo auditivo foi o inglês. Pelo visual foi a língua, foi o idioma deles.

O idioma deles?

Que na carta tava o idioma deles.

E a legenda?

Ah, é português. No caso, então, seriam três, não é?

Seriam três. Então assim, o que eu percebo, por que você não percebeu o português? Não colocou o português?

Eu não sei, na verdade, nem chegou a passar na minha cabeça. Eu acho que pra mim, naquele momento, como a gente já tem uma noção da língua, como é inglês que ele estava falando, às vezes, você começa a prestar atenção nas outras coisas. Não fica tão fixado na legenda. Aí, nessa hora que você pára pra olhar outras coisas.

Porque você conhece o idioma? Mas você se concentrou nele lendo a carta em inglês?

Eu acho que eu estava vendo ele chorando, aquela hora que ele estava chorando, tava olhando pra ele. Não tava tanto pra legenda. Então, aí você já não fica mais preso à legenda, você já consegue olhar pra outras coisas.

Aí a legenda, no caso ali, pra você foi mais acessória? Você não se apegou a ela?

Não.

E, na última questão, o clímax do filme com cenas encena o resgate do filho de Hassan trazendo uma cena de ação, nesse momento o conteúdo visual se torna mais carregado, desse modo, as legendas eram necessárias pra captura das cenas? Você disse não totalmente. Quando você fala “não totalmente”, quando então que ela era necessária e quando ela realmente não tinha importância pra você?

Por exemplo, na cena de briga dos dois, eu acho não que seria necessário, porque eles não estavam falando nada, não tem nem como não falar nada. Mas, por exemplo, algumas vezes quando ele falava assim: “Mate-o, mate-o e não sei o quê.” Ninguém entendeu o que ele estava falando. Ou então na hora que ele vai conversar com o menino, pedir pro menino largar o estilingue, era necessária uma tradução porque eu não tinha a menor idéia do que ele estava falando com o menino.

Ma aquela cena que ele foge e vai todo mundo atrás. Ali não tem legenda nenhuma e estão falando o tempo todo.

Ah sim, sim. Eu acho que não seria tão necessário naquela parte porque você tem uma idéia, porque pelo contexto você vê que todo mundo tem um propósito ali, pegar o cara, mais ou menos isso que você imagina que eles estão falando.

E uma legenda ali. Você acha que atrapalharia?

Não atrapalharia, mas eu acho que seria desnecessário, seria inútil. De repente poderia ser útil pra quem quisesse entender exatamente o que eles estão falando, mas eu acho que não fez falta.

Ahan. Entendi.

A legenda, então...

Então era isso. Eram essas as minhas dúvidas. Foram esclarecidas, obrigada.

Participante 02 - Júlio

Primeiro assim, eu tive algumas dúvidas em relação ao questionário prévio, aquele questionário sobre as legendas, a sua opinião. A primeira que eu tive foi a de número dez que fala sobre a sua opinião, a legenda permite conferir o conhecimento em relação à língua estrangeira. Você disse que sim, que a legenda permite o espectador a habituar-se com o som das palavras da língua estrangeira. Aí, a minha pergunta: como, assim, eu vi que você tem um inglês básico, mesmo pra quem não tem esse conhecimento do inglês, por exemplo, do idioma do filme, o espectador consegue fazer essa comparação, testar esse conhecimento? Porque, aqui, com o som das palavras você disse que o espectador habitua-se com o som, mesmo pra quem não conhece a língua?

Habitua, acostuma. Você acostuma a ouvir, mas algumas vezes, em vários filmes assim você acostuma com as palavras.

Até mesmo pra que não conhece a língua?

É, tem que ter o básico do inglês.

Na onze, eu também tive aqui mais uma dúvida que é a seguinte: você acredita que a verificação desse conhecimento ajuda ou atrapalha a recepção e a percepção do filme e por quê? Você colocou sim. Sim, o quê? Eu fiquei na dúvida. Ela ajuda ou atrapalha?

Eu não sei também, eu fiquei um pouco na dúvida na resposta. Bem na dúvida, inclusive eu tinha deixado ela, depois eu fiz...

Ta, porque é o seguinte; essa pergunta foi elaborada pra pegar o quê? Quando a pessoa tem o conhecimento da língua, ela tenta de repente, depende de cada um, testar o que ela sabe da língua ouvindo o que está em inglês, por exemplo, na língua estrangeira, conferindo com o que está escrito, traduzido na legenda. Essa pergunta diz o seguinte; se esse processo de você ficar conferindo, se o que você está escutando é o que está sendo escrito, passado na legenda, se isso atrapalha, de alguma forma, ou ajuda, não sei, pode ser que ajude você a entender o filme, a receber o filme? Você acha que ajuda, atrapalha?

Vai depender da situação, do conhecimento da língua. Aí, você consegue acertar essa parte aí de verificar, ouvir o inglês e ver se a tradução está sendo repassada conforme está sendo falado no próprio filme.

Mas, você assim... E porque, mesmo quem não tem o conhecimento, tem certas opiniões em relação a isso. Você acha que isso pode atrapalhar ou pode ajudar a você entender o filme? Você ficar fazendo essa conferência? Que você entende assim, quando você confere, é uma atenção a mais que volta...

- Que você tira do filme. – Que você tira do filme, não é? Mas, quem tem conhecimento da língua, pode ser que isso não atrapalhe.

Realmente, pra quem não tem o conhecimento, aí atrapalha. Inclusive vai perder o tempo entendendo, pra tentar entender e vai acabar perdendo o conteúdo do filme. Eu fiquei em dúvida, um pouco, nessa

questão aí.

Não, agora eu entendi. Então, pra você, se quem não tem o conhecimento atrapalha ficar fazendo essa verificação?

Atrapalha, porque você vai tentar procurar entender e você vai acabar perdendo o conteúdo do filme.

Na doze, a legenda ajuda o espectador a desenvolver ou aperfeiçoar as habilidades em língua estrangeira, de que maneira? Você colocou que sim, que ela ajuda a desenvolver e aperfeiçoar.

É porque essas duas aqui, uma complementa a outra, não é? A dez, a onze...

É, ela tem uma certa sequência.

Aí eu fiquei em dúvida, eu senti uma certa dificuldade na resposta.

Mas é por isso que eu falei que a entrevista era importante, exatamente para esclarecer...

Porque eu sempre voltei nessa questão, porque, eu acho que é a dez, que ela fala...

Que a legenda permite conferir...

Depois aí ela vai servir de complemento da onze, eu acho que da doze...

É, uma foi seqüência da outra.

É, eu senti uma certa dificuldade pra responder essas daí.

Eu imaginei que quem não soubesse a língua muito bem teria mais dificuldade, mas tem uma opinião em relação a isso. Por exemplo, muita gente que não fala a língua, que acha que quem fala não precisa da legenda, em momento algum. Isso não é verdade.

É, porque depende se você tiver dia-a-dia, se você ficar um tempo sem ouvir ou falar inglês, você vai ter dificuldade na hora da interpretação.

É, e às vezes, por exemplo, alguma gíria que você não conhece, às vezes é o som do filme, por exemplo, uma cena de ação é muito barulhenta e você não consegue escutar. Então, a legenda também ajuda, mesmo pra quem sabe.

É, realmente, dependendo do cenário e da situação da cena, realmente atrapalha.

Pois é. Então assim, aí, nessa doze, é isso que eu pergunto; se ajuda o espectador a desenvolver ou aperfeiçoar as habilidades em língua estrangeira. Você falou que sim.

É, eu posso ter confundido nessa situação, aí no caso...

Não, mas até aí tudo bem. Assim, de que maneira? Aí você colocou que depende do nível intelectual do público. Quando maior o conhecimento, melhor a absorção do filme. Aí, eu fiquei na dúvida no que você quis dizer com nível intelectual, se você quis dizer um nível... O que você quis dizer com nível intelectual? Nível de conhecimento da língua?

Nível de conhecimento da língua, porque, como você falou quem tem o conhecimento do inglês torna-se mais fácil, mas desde que ele esteja tendo o contato direto. Senão, também, se ele perder o contato, logo ele vai cair na situação de quem tem pouco conhecimento.

E como você acha assim que, por exemplo, como é que o filme legendado ajuda a desenvolver essas habilidades? A melhorar as habilidades de quem tem essa língua estrangeira?

Pelo menos no som, não é? Ele começa a ouvir e ver a pronúncia. Ouve a pronúncia e começa a

também ver a legenda, ver se ele está certo ou não, se ele entendeu bem, ou se a própria tradução foi feita correta ou não. Porque pode acontecer isso aí, que às vezes, dependendo do tempo, omite alguma situação que pra quem não tem o conhecimento do inglês passa, não é? Acha que a tradução está sendo certa.

Na treze, você acha que o domínio da língua estrangeira, a pessoa que conhece a língua estrangeira, faz com que o espectador dependa ou utilize menos a legenda? Você colocou total. Eu acho que você confundiu a resposta aqui da debaixo. Aí, essa aqui ficou meio que sem resposta. E aí, então, que queria saber o que você acha. Você acha que quem conhece a língua, quem tem o domínio da língua estrangeira, da língua que está passando no filme, depende e usa menos a legenda?

Usa menos, porque ele já tem o conhecimento então ele procura colocar em prática o inglês que ele tem e tenta interpretar.

Mas, usa menos, mas não necessariamente não usa. Não é que ela não use, ele usa menos, ou você acha que ele pode não usar?

Usa menos. Aí depende também da situação do filme, a velocidade do filme, se ele vai pelas cenas, que nem você falou, que depende do som, muito tiro, muito barulho, pode haver o quê? A própria má interpretação, pode também se passar por uma cena do filme e ele não entender, mesmo ele tendo o conhecimento do inglês. Como é no próprio filme, quando ele está lendo a carta, aquele barulho no fundo começa, pode até tirar a atenção de quem está assistindo.

E nesse questionário prévio, tem mais uma que ficou, a quinze. O tempo gasto pra leitura da legenda atrapalha a absorção do conteúdo cinematográfico? Você colocou que conforme informei no item doze, que depende do aspecto intelectual do público, quanto maior o conhecimento, melhor a absorção do filme. E você colocou que, no seu caso, não. Que no seu caso ela não atrapalha, o tempo gasto na leitura, ela não atrapalha você entender o filme.

Não, porque a situação do filme depende da concentração, como eu coloquei. Se você tiver prestando... No meu caso, eu gosto de assistir filme prestando bastante atenção pra você não perder nada do filme. Agora, se você não prestar atenção no filme, pode ser que você perca alguma situação.

Mas, eu falo assim, por exemplo, o tempo que você leva pra ler a legenda.

Não atrapalha a cena não.

Não atrapalha?

Não.

Então, em relação ao questionário prévio, era isso. Aí, ontem a gente fez o questionário específico. Bom, na verdade, todos os questionários eu não tava julgando nenhum nível de conhecimento de ninguém sobre nada, sobre escrita e português, sobre nada. A única coisa que eu queria saber era a sua opinião em relação à legenda. Era isso que eu queria saber. Então, não tem isso: é certo ou é errado, não tinha nada disso.

É porque às vezes eu não sei o que responder, aí tem que analisar mais a cena.

Mas, assim, por que eu quis fazer isso e não voltei várias vezes na cena? Porque quando você está assistindo ao filme, você não tem...

É por isso que eu falei, se você não prestar atenção no filme, às vezes você perde uma parte importante que seria o entendimento no filme. No caso de um filme de suspense, um assassinato, alguma coisa, às vezes você perde quem foi. Se não tiver prestando... Eu, no meu caso, eu gosto de prestar atenção. Se for pra não prestar atenção no filme, eu prefiro não assistir.

É, e eu vi que você colocou aqui que você presta mais atenção quando tem a legenda. Você fica mais...

É, porque você tem aquela preocupação de estar realmente não perdendo nenhum conteúdo do filme, que às vezes, sem a legenda, você, às vezes, está ouvindo o som, você está entendendo, no caso, a língua portuguesa, você, às vezes, tira um pouco da atenção. No caso da legenda, ele prende mais o filme. Eu prefiro a legenda. E pela qualidade do filme também, não é?

É, que não tem alteração que você falou, não é?

Não tem alteração. É o próprio filme.

Bom, a primeira pergunta dessa parte específica foi sobre a palavra jan que sempre utilizava, tanto o amigo quanto depois quando o general apresentou a filha. Aí, eu coloquei aqui, você disse que o significado pra você é como se fosse, assim, amigo.

Eu entendi que poderia ser amigo, mas depois que apareceu no caso da filha do general, eu fiquei em dúvida.

Ah tá. É exatamente por isso que eu fiquei na dúvida, porque você colocou... Aí a próxima pergunta teria sido se o significado era o mesmo e você colocou sim. Aí, eu fiquei: “então ele apresentou a filha como amiga...”

É, e depois que eu...

Entendi. Bom, então era isso que eu queria esclarecer. Então, depois você repensou e viu que realmente tinha ficado na dúvida.

É, realmente fiquei.

E você acha que faltou a tradução disso?

Faltou. É pela situação, às vezes o filme se for traduzir todo o conteúdo, fica longo demais e você perde a própria articulação do autor.

E por que você acha que não foram traduzidas essas palavras como foram traduzidas as outras? Você viu que várias no filme eles tentaram deixar.

Eu não sei. Poderia ser nessa situação de não aumentar muito a legenda. A legenda ficar grande demais e passar daquele momento, do próprio autor estar articulando a voz. Não sei se seria isso.

Pode ser. Pode ser talvez também porque ele queira deixar a característica da cultura afegã, também.

Ele pode mostrar a cultura, o inglês juntamente... É, mas aí pra quem está assistindo fica complicado. Se tivesse no rodapé...

É, porque as escolhas do tradutor, não é? Aí, já é à parte.

Às vezes pra ele, na interpretação dele, ele gostaria que ficassem as duas linguagens, tanto o inglês...

Mas, você leu o livro?

Li.

O livro também não tinha.

Às vezes o livro você... É, às vezes você passa por cima dessas coisas e você acaba não procurando, porque eu não sei, eu não vi no livro se tem no final... Eu acho que eu vi, não sei. Em alguns livros você vê alguma nota em letras menores informando qual o significado daquilo dali. É utilizado muito na região de tal lugar, significa isso aí, ou no final do filme, às vezes, têm aquelas palavras, tipo um vocabulário informando. O livro mesmo, nesse livro, eu não observei, que normalmente...

É, eu também não observei.

Eu já li em outros livros que têm. Tanto uns, na mesma página, logo no finalzinho tem alguma coisa ou no final do livro, né?

Esse eu também não observei não, mas eu sei que no corpo, quando você está lendo, o próprio autor deixa as palavras. Então...

Eu não. Às vezes você não prende essas coisas, você passa, né? Por ele ter deixado nessa linguagem, você acaba passando por cima.

Então, pra você, você acha que deveria ter tido a tradução, ficaria mais claro o entendimento? Ficaria melhor?

Ficaria melhor. Porque se tanto faz pra gente como tem pessoas que têm a facilidade do inglês também fica na...

Mas, como no nesse caso, tanto pra quem sabia inglês quanto pra quem não sabia estava na mesma situação, né? Porque você não sabia o significado porque era em pashto. A outra foi a três, que no caso o que significava a palavra inshallah que tanto aparecia no campeonato de pipa, como aparecia também lá quando o general estava conversando com eles, também falava. Aí eu até coloquei, por que não houve a tradução? Se não houve a tradução, a legenda era necessária, né? E depois, se os significados eram os mesmos? E se a entonação, se você percebeu a entonação? Ou se, de repente, a legenda tratou da mesma forma tanto um quanto o outro? Aí, aqui eu vi que você colocou que você não percebeu a entonação e você também não sabia o que significava a palavra, claro, porque tava em outra língua.

Você não se prende a essa palavra, na verdade, por você não conhecer a própria linguagem, você não se prende... Em situações, vamos supor em cenas diferentes você tem uma tonalidade diferente, mais alto, mais baixo. Então, realmente, pra gente que não... Você não se prende sempre, porque você está tentando acompanhar a legenda, pra ver o que está sendo dito pra você não perder o contexto do filme.

Então pra você, quem sabe, por exemplo, o inglês, nesse caso não é o inglês. Quem soubesse essa língua perceberia diferente?

Perceberia, mas qual a finalidade de ter essa tonalização(sic) diferente?

De eles falarem diferente?

É, por que eles usam uma tonalidade...

É, de repente pode ser que tenha um significado diferente ali, não sei.

*É, mas nessa situação de eles quererem deixar uma linguagem... Já que você está, a partir do momento que você está utilizando a legenda, eu acho que a legenda tem que ser total do filme pra você compreender o que está sendo dito. Se ele deixa a legenda, por devido a colocar... As pessoas se habituarem à linguagem afegã, a gente não tem... Eu acho que já que você tem a tradução do inglês, deveria ter a tradução - **A tradução do outro também?** – Imagina se no próprio inglês eles fizerem isso também, deixar algumas palavras pra você ficar... Agora, você pode, uma palavra chave dessas, você pode perder alguma situação do filme que precisaria da interpretação pra entender o filme, pra você não ficar perdido no filme.*

Então, pra você, a tradução tinha que ser total?

A partir do momento que você utiliza a tradução, eu acho que ela teria que ser na íntegra, não deixar ilhas. Já uma palavra que não tem...Pode ser por isso que ele deixou, às vezes a palavra não atrapalha o contexto do filme. Ele deixou ali mesmo pra ter a própria pronúncia, umas pessoas acostumarem com a pronúncia da língua do filme, né?

Mas, você sabe que na legenda, uma tradução, como você falou na íntegra é complicada até pelo tempo de leitura, né? A fala é muito mais rápida do que você escuta... A fala é muito mais rápida do que a escrita.

Com certeza. Na própria tradução, eles têm que acostumar pras vezes está falando uma voz masculina e a tradução está naquela voz masculina e entrou a própria voz feminina já está a articulação da mulher, por exemplo. Poder ser que aumentando esse tempo atrapalhe a própria tradução.

E você acha que isso pode acontecer com palavras na sua língua mesmo, o português? Por exemplo, tem a legenda, o tradutor insere uma palavra desconhecida, que você nunca ouviu na sua vida. Você acha que isso também atrapalha no entendimento?

Essa palavra, tem que ver se é uma palavra corriqueira, que você, às vezes, não vai atrapalhar o contexto do filme, como aconteceu com essa palavra aí, ela não tinha um significado importante no filme.

É, porque lá eles falam, por exemplo, contenda, que não é uma palavra que muita gente conhece que não é usada muito, né? E ele falou três vezes no filme.

Às vezes é aquela situação, você pra não...

(Ruídos externos interrompem a entrevista- 19min33s)

Então, por exemplo, essa palavra em português “contenda” foi colocada três vezes. Aí, o fato de você ter que ler a palavra, tentar decodificar o que ela significa... Você acha que isso atrapalha? Ou nesse caso foi irrelevante? Nesse momento aqui você entendeu pelo contexto e foi?

Foi, foi. É aquela situação, se também for ficar preocupado com o vocabulário, às vezes, você perde. Depende, é isso o que eu falo; quem tem a capacidade de leitura, de ler, acompanha mais rápido a legenda e quem, talvez, seja em virtude... Muita gente não preferir a tradução em virtude de já estar acostumado com o som, de ouvir e de ler, talvez, as pessoas se perdem, não conseguem assimilar as duas coisas, tanto a visão quanto a própria leitura da legenda. É por isso que eu pus em algumas questões aí que depende um pouco da cultura, que tem muita gente que...

É, agora eu entendi o que você quis dizer nível intelectual. Você quis dizer com essa facilidade mesmo, com o nível de conhecimento tanto da língua, quanto da facilidade, a prática que a pessoa tem de ler.

Porque, o que acontece nessa situação também? Se você enriquecer demais o vocabulário quem tem um nível cultural vai sofrer pra poder entender o filme. Aí, vai o quê? Optar mais pela dublagem.

Na cinco, diz o seguinte; que o significado de salaam, por que nessa cena... Ah ta, foram duas cenas, uma cena anterior tinha a legenda, que não foi traduzida também, foi colocada em afegão, em pashto na verdade, e depois no hospital quando o pessoal chega, eles também falam e não tem legenda. Aí você colocou que não houve necessidade porque já tinha sido dito várias vezes nas cenas anteriores, então, você não sentiu necessidade, né?

É, essa foi a minha interpretação, porque como já tinha informado as situações anteriores, eles acharam necessidade de ficar traduzindo, mas aí aquela situação de que se houvesse uma tradução talvez quem tem o poder de concentração na própria legenda, se tivesse dito isso uma vez na tradução, se tivesse feito essa tradução somente uma vez no início do filme, talvez esses complementos futuros, a pessoa já tinha o conhecimento da tradução dessa palavra.

E aí não precisaria, por exemplo, ter a legenda ou poderia colocar a legenda sem a tradução?

Não. A primeira vez que for falada essa palavra, ela deveria ter uma tradução. Quem tem o poder de concentração se acostumaria com aquela tradução, quando ela fosse dita ali três ou quatro vezes nas outras cenas do filme a pessoa já estaria acostumada e qual seria o significado.

Mas aí entra aquela questão de audição, que você tem que ligar a audição tipo, a palavra dita na língua estrangeira com a tradução embaixo pra depois você fazer essa mesma ligação na frente várias vezes sem a tradução.

Então, mas se você captou na primeira tradução, se for dito futuramente nas outras cenas você já acostumou com aquela tradução. Agora, se for do jeito que foi feito, ele embutiu esse complemento, mas aí você passou, porque você não tem uma... Aonde ele fala o conhecimento da cultura afegã, é o que você falou naquela, num tipo, numa tonalização (sic) que foi feita numa situação e diferente na outra. Então, a gente não sabe se isso vai...

Aí entra a questão de você saber identificar o som da palavra em pashto, que foi nesse caso. Então, aí, você disse assim; se fosse feita uma tradução antes e depois o espectador acostumaria com aquela tradução e depois, talvez, nas outras vezes não precisaria. Mas você concorda que pra das outras vezes ele não precisar ele tem que se acostumar com o som da palavra?

Ele tem que conhecer o som da palavra pra ele poder interpretar a tradução.

E pra quem não conhece a língua estrangeira, será que conseguiria fazer isso? Identificar depois, mais pra frente, o som da palavra pra ligar à tradução? Ou, de repente, teria que ser feita a tradução também porque a pessoa não poderia?

É aquela situação, é o problema de concentração na hora do filme. Se as pessoa, às vezes... Pode ser que nesse momento ele ouviu aquela palavra, ouve a tradução e perdeu, aí na frente, talvez, teria que ter novamente as traduções.

Como o público é muito diversificado o tradutor fica meio...

Perdido. Aí são as situações de nível cultural. Acho que o nível cultural da pessoa. Dificulta quem tem uma cultura simples. Então, é aquela situação, tanto quem assisti, quem tem a noção do inglês que torna mais fácil pra ele. Mas mesmo assim, ele precisa ter audição, porque pode ficar perdido em virtude, também, do regionalismo, né? Você tem alguns sotaques e pode ter num determinado filme tem e em outro não tem e pode mesmo quem tem a noção do inglês, pode ficar perdido.

Bom, na seis, quando ele retorna ao Paquistão e ele começa a conversar com o amigo dele, eu pergunto se você observou as línguas que estavam sendo usadas na conversa e se de algum modo isso interferiu na sua compreensão. Você disse que a língua utilizada era a língua utilizada no Afeganistão, no caso o pashto. Você reconheceu só essa língua?

É, realmente fica difícil de você, não tendo a noção, a pronúncia do inglês você pode até generalizar, achar que o som é a mesma coisa porque eu realmente não percebi diferença disso. Se ele tava falando na língua inglesa ou na do Afeganistão. Realmente não...

Certo, deixa eu ver o que mais. Se o filme fosse dublado, você acha que você perceberia uma diferença ou não?

Não sei, porque realmente eu não gosto de filme dublado, então, eu acredito que não, né? Acredito que não, que vai ser a mesma coisa. Você não tem como, vai está dublado, né?

Vai estar dublado na sua língua?

Sim, eu acho que não, que vai ser a mesma coisa, que não tem como você... Aí vai aquela situação também, porque às vezes você não está... em que situação você está assistindo o filme. Você está assistindo um filme técnico, pra através dos estudos que você está fazendo você tirar algumas perguntas ou o filme que você está assistindo uma ficção, aí você não vai ficar às vezes se prendendo em alguns detalhes da cultura, de som, de... Então, realmente você... Acredito que no filme que você assista você que ver o contexto do filme e diversão. Você não vai ficar preocupado muito se ele está falando em inglês, se está falando na língua do Afeganistão, ou se...

E você acha que a legenda não tem nada haver com isso? Assim, no sentido de percepção. A legenda em algum momento te atrapalha, você perceber isso? O que atrapalha mesmo é o seu não conhecimento na língua?

Realmente, aquela situação que você falou, você tem o conhecimento da audição, então, o seu ouvido está preparado pra você: “Opa, pera aí.” Igual ao som, o som, você ouvindo uma música, um mais

agudo, a tonalidade você consegue diferenciar. Acredito que na língua inglesa também é a mesma situação. Você está ouvindo o inglês, aí vem a linguagem do Afeganistão, aí você: “Pera aí, isso aqui está diferente.” Nessa situação, eu acredito que sim.

E nessa mesma pergunta, não, desculpa, na pergunta debaixo, na sete, eu pergunto quantos idiomas, tanto pelo canal auditivo que você ouviu, ou pelo canal visual que você estava vendo, você percebeu nessa cena. Você colocou dois. Quais foram esses dois? Naquela parte da carta, lembra?

Na carta, a visão, pela escrita, você verifica que ali não é o inglês e pelo formato da escrita você verifica que, a princípio, teria que ser na própria linguagem deles, porque ele mesmo fala que aprende o inglês mas está muito difícil poder escrever uma carta em inglês pra ele. Mas ali, pelo formato na carta, você verifica que não é o inglês.

Então, essa seria uma. Seria o pashto na carta. E o outro? Porque você colocou que você percebeu dois idiomas ali.

É, mas aí aquela situação eu disse, mas eu expliquei pra você anteriormente. Ali não tem como você verificar... Pode ser pelo local que ele estava também, pela língua... Apesar que ali era o Paquistão, ele estava no Paquistão, né? Não é no Afeganistão, ou é a mesma linguagem ali?

Mas, a língua que ele estava falando era o pashto do Afeganistão, ele é afegão. No Paquistão eles falam a mesma língua, se eu não me engano, porque eles são muito próximos, a cultura...

E, às vezes, você verifica o próprio local, você verifica que eles estão falando realmente uma outra linguagem a não ser o inglês. Mas, assim, o som, às vezes, fica meio difícil você não conhecer só o básico do inglês.

Então, assim, você conseguiu identificar que a carta, pela escrita, era outra? Era do pashto. Ele estava lendo a carta, você conseguiu identificar em que língua ele estava lendo a carta? Se era o pashto ou se era o inglês?

Ele estava lendo e já falando o próprio inglês. Eu falei ali, mas aí você fica difícil... É porque é aquilo que eu te falei, se você for prender muito ao filme você perde. Será que ele está falando em inglês, será que ele está falando...? Aí, você perde.

É porque assim, é uma característica muito marcante nesse filme a utilização das duas linguagens e eu o escolhi exatamente por isso. Porque eu queria ver se a legenda, de alguma maneira, te atrapalhava ou te ajudava a perceber essas coisas de som, de língua, de cena, de não sei o quê, entendeu? Por trás da legenda, o filme todo.

É, mas dá pra... A situação dá pra você notar, devido ao local, né? Você vai ver que pelo filme ser no Afeganistão quem está, não na cena, vamos supor, no fundo, você vê que é o pessoal do local.

Mas, agora, mesmo quem tem um conhecimento básico do inglês reconhece o som do inglês, não reconhece?

Reconhece.

Você reconhece o som do inglês?

Reconheço.

Então, quando é falado em pashto, que é, por exemplo, o começo do filme. Porque é como você falou, é porque quem está assistindo ao filme não repara nisso.

Você não preocupa, isso que eu estou falando. Se você for preocupar.... Isso que eu falei, o nível de leitura, de conhecimento pra você poder tirar um pouco da sua atenção da legenda e ver naquela situação que está acontecendo. Porque, senão, você acaba... Se você for prestar atenção muito numa coisa, você acaba perdendo a legenda. Talvez, quem está assistindo o filme pra diversão não se preocupa muito em ver esses detalhes da parte da linguagem, né?

Ótimo, eram essas perguntas que fiquei mais na dúvida. Obrigada por você ter participado.

Foi um prazer poder te ajudar e que você tenha sucesso nessa pesquisa sua, que você está tendo muito empenho e dedicação. E realmente é um prazer poder te ajudar. **Obrigada.**

Participante 03 - Cassiana

[...] a primeira dúvida que eu tive foi nesse questionário prévio, na terceira pergunta, que foi: “A legenda capta ou é coerente com o estilo das falas dos filmes originais?” e aí você colocou que a legenda geralmente empobrece o filme por não ser tão fiel às falas dos personagens; em muitos casos os diálogos são modificados para a melhor compreensão do filme pelos espectadores, porém prejudicando a cultura apresentada no filme. Então assim, o que eu entendi é que para você então é que a legenda não capta o estilo e a cultura do filme?

Na maioria das vezes não. Eu acho que geralmente é raro porque quando você está lendo a legenda e, por exemplo, entende a língua que está sendo falada e lê a legenda simultaneamente você percebe que algumas palavras foram modificadas; tanto para uma maior compreensão do público ou...

Então, realmente na maioria das vezes para você que tem o conhecimento. Então, por exemplo, um filme que nem o que a gente viu que, por exemplo, a primeira parte você não tinha o conhecimento da língua; você, de alguma maneira, só conseguiu perceber pelas imagens e não pela legenda? A legenda não te passou?

Não.

Na (questão) sete, também tive aqui uma dúvida: é possível aliar imagens, som e legenda sem que haja perda da percepção de algum deles nos filmes? Você respondeu que é possível que haja uma perda da imagem enquanto se lê a legenda devido à velocidade com que as cenas ocorrem. Mas isso de alguma maneira atrapalha a sua compreensão do filme?

Depende do filme. No caso, por exemplo, quando tem uma cena de ação, um filme a lá James Bond da vida que tem muita ação e você perde o que o cara falou, por exemplo, e compreendeu... aí eu acho que a compreensão do filme continua sendo a mesma por ter toda a encenação. Mas no caso, por exemplo, do seu filme, que ele trata muito as pessoas com uma cultura realmente diferente, você pode perder um pouco da história se você não entender como que ele tratou aquela pessoa antes de começar a lutar ou qualquer coisa do gênero.

Antes de começar a lutar?

É quando ele vai salvar o menino.

Na parte mais específica do filme. Bem, na nove, na onze e na quinze eu falo sobre questões da legenda mesmo como incentivo à leitura, se a questão de você conhecer a língua, de você ficar conferindo a língua com a legenda, o que foi dito com a legenda e... aí na nove, na onze e na quinze você colocou aqui palavras novas. A legenda incentiva a leitura porque ela integra palavras novas ao vocabulário. Incentiva a leitura além de acrescentar palavras novas ao vocabulário. Aí, esse vocabulário que você quis dizer é o vocabulário nacional ou estrangeiro?

Eu acho que ambos, porque, por exemplo, você aprende inglês na escola, a professora vai lá e te dá uma tradução da palavra, mas aí no filme está outra e aí você começa a usar a palavra tanto no português como na língua estrangeira.

Mas aí o filme, por exemplo, como você falou na escola, você aprende um significado e no filme, de repente, você amplia o seu vocabulário com outro significado, isso não causa dúvida? Um conflito do que é certo e do que é errado?

Pode causar, mas eu acho que, por exemplo, se você sabe o significado da palavra, na legenda, lendo você entendeu e aí escutando você pode falar: “Ah não, mas tinha um outro significado quando eu aprendi ” e você faz o duplo sentido, se for o caso da frase, ou então mesmo uma outra palavra.

Porque o que muitas vezes acontece é que a legenda corta o que acontece não, sempre acontece, de cortar, até por uma questão de espaço e tempo que o espectador tem para ler. Então, muitas vezes Ana, o que você escuta e o que você compara não são as mesmas coisas. Realmente não têm correspondência. Pode até então, de repente, nesses casos de você testar o seu conhecimento, em algum momento você ter, como se fala, errado. Você fala: “não essa palavra não significa isso.” Você pode aprender errado, entendeu? E quem teria no caso esse tipo de percepção é quem entende. Você acha que essas palavras novas que são colocadas na legenda, no caso, palavras novas em português ou mesmo deixando alguma palavra estrangeira na legenda, isso atrapalha o seu tempo de leitura da legenda?

Atrapalha porque você pára para raciocinar em cima da palavra, pra tentar entender o que aconteceu e aí você acaba perdendo a próxima fala ou então a cena do filme, o que aconteceu e pode prejudicar um pouco a compreensão do filme.

Essas eram as minhas perguntas sobre o questionário prévio com que eu fiquei mais, achei que a gente pudesse comentar um pouco mais e dessa parte específica que a gente viu, são poucas também. Na dois, que era aquela questão da palavra contenda e que você colocou que , no seu entender, contenda quer dizer competição no filme, que você acertou, uma das poucas pessoas. E você disse que a escolha da palavra, porém deixa dúvida. Aí, minha pergunta é: Se essa escolha da palavra deixa dúvida, você acha que substituir essa palavra contenda por outra facilitaria o seu entendimento?

Com certeza, eu acho que se colocasse competição evitaria esse raciocínio em cima da palavra e não é o caso de ser uma palavra mais curta porque contenda tem mais ou menos a mesma extensão.

Então, eu acho que acaba prejudicando o telespectador.

Mas, por exemplo, no caso a palavra contenda apareceu três vezes, você acha que era uma informação importante para o filme? Ou de repente a palavra contenda estava lá, mas também não fez muita diferença?

Não, eu acho que fez porque era justamente a questão do, eu esqueci o nome dele agora, - Amir?- do Amir conseguir superar o trauma dele, que o pai dele falava que ele era tímido, que ele não tinha coragem. Então, eu acho que é uma competição com si mesmo que ele tem que conseguir superar. Assim, a primeira vez que ele fala em contenda você fica na dúvida, mas aí, com a repetição, também dá o entender de que vira uma competição realmente. Na hora, na parte do campeonato de pipas? Aí fica mais esclarecedor depois.

Na três, na palavra inshallah eu fiz várias perguntas, não é? Você acredita que mantendo as palavras estrangeiras mantêm-se a característica da língua, foi o que você colocou aqui. Inclusive que talvez não tenha sido traduzido. No entanto, quando ela é desconhecida exige mais tempo de leitura como você falou, fica mais lento e prejudica então o conhecimento das cenas, não é isso?

Prejudica, mas, por exemplo, pelos filmes que eu já assisti, se você tem uma cultura prévia sobre... A questão, por exemplo, que lê o livro já sabe que inshallah é uma palavra característica da cultura mesmo e no decorrer do livro você pega mais ou menos o sentido da palavra, então para mim não foi tão estranho ver inclusive a palavra lá pela leitura prévia e também porque eu tenho duas amigas árabes. Então, tipo (palavra árabe – 09min06seg) e essas coisas assim eu não posso dizer que eu sei traduzir ao pé da letra, mas eu tenho noção do que é.

-Do contexto assim?- É. – Então, o fato de você já ter um certo contato já te facilita ? – Com certeza. Agora quem não tem, você acha que fica perdido?

Eu acho que fica. (risos) É difícil de falar, mas eu acho que sim.

E a última seria naquela cena que ele está lendo a carta e aí eu pergunto como é que é na imagem da carta, você diz que você percebeu que ela estava escrita em pashto, mas você colocou que ela estava o quê? Apresentada no alfabeto árabe, e a legenda atrapalhou um pouco nessa cena. Só que se você conseguiu perceber, eu não vi assim no que a legenda te atrapalhou ou foi outro aspecto que ela te atrapalhou?

Eu acho que ela atrapalha justamente porque ele lê em inglês a carta e a carta está em pashto, então por eu entender inglês, eu queria escutar ele falando, mas ao mesmo tempo eu queria ler a legenda justamente para fazer a comparação, porque eu estudo, então a gente, querendo ou não, fica mais atento. Aí eu fiquei um pouco perdida justamente porque ele também muda várias palavras, ele não faz a tradução ao pé da letra, digamos assim, então acho que atrapalhou um pouco. - A leitura de três línguas envolvidas ficou meio complicado? - É complexo.

Então era isso Ana. Obrigada por ter participado da minha pesquisa e eu vou deixar esses resultados depois.

Participante 04 – Carlos

Na primeira pergunta no questionário prévio, eu pergunto qual é a sua preferência de modalidade e você disse que é legendado. Você disse que é porque ela propicia uma melhor percepção da obra, conservando a fala e as vozes originais, com isso não se perde o teor da mensagem transmitida. A minha pergunta é, como é que você garante que não há perda da mensagem na dublagem? Se normalmente é na legenda que tem, por exemplo, supressão de palavras, que tem redução do que é traduzido pra caber exatamente no tamanho da legenda?

Eu não diria que não há redução, mas que a redução é mínima porque na legenda você traduz mais ou menos o que a pessoa está falando e na dublagem você passa por uma segunda interpretação, que vai ser o dublador. Então ele vai fazer, vai traduzir, melhor traduzir não, vai colocar a entonação da voz dele de acordo com o que ele acha que deve ser colocado enquanto na legendagem(sic) você percebe a versão original, você não tem uma segunda interpretação.

Então, quando você fala que há uma perda da mensagem transmitida na dublagem você quer dizer nessa característica? Característica do ator, característica de como é falado, não a mensagem em si? - Exatamente – O conteúdo da mensagem?

Bom, eu diria que parte do conteúdo da mensagem porque a mensagem não é só o texto, só a fala, mas sim todo o contexto da obra. Então, entre reações do ator, a força de expressão dele, a entonação de voz, tudo isso conta. E você pode perder uma parte disso com a dublagem.

Entendi. Na pergunta dois, eu pergunto como você encara as legendas e se elas esclarecem ou atrapalham o entendimento dos filmes e por quê. Você disse que as legendas, você deu uma resposta grande aqui, são um subterfúgio utilizado pelas empresas cinematográficas para ampliar a quantidade de espectadores a serem atingidos não só numa simples amplitude global. Parece que a legendagem(sic) tem um aspecto mais econômico que social, não obstante isso, ela se mostra como um excelente instrumento propagador de culturas proporcionando o acesso de qualquer pessoa do mundo a qualquer filme do mundo fazendo com que se globalize as obras cinematográficas. Continuando, a depender da velocidade da leitura e capacidade cognitiva do espectador, a legendagem(sic) pode facilitar ou dificultar o entendimento do filme. É exatamente isso, capacidade cognitiva na língua estrangeira que você quis dizer aqui?

Não, capacidade da pessoa, capacidade de leitura mesmo e de interpretação do texto que ele está lendo. Não da língua estrangeira porque, senão, não faria sentido a legenda.

Mas o que mais depende então da legenda? Assim que diga, além dessa capacidade cognitiva de leitura que você colocou. Você disse nessa pergunta que dependendo da velocidade, da capacidade cognitiva do espectador melhor será o entendimento dele do filme. Você disse que isso quer dizer que quanto maior forem essas características, melhor será o entendimento do filme, certo?

Certo.

Agora eu pergunto: você quer dizer então que quem mais necessita dessas legendas que não

tenham, digamos, essa capacidade cognitiva maior, por exemplo, na língua estrangeira? Isso de alguma forma interfere na compreensão da legenda ou não?

Não, da legenda não. Talvez possa melhorar o seu entendimento do filme, da legenda em si não. O que eu quero dizer é o seguinte, uma pessoa que tem um grau de instrução maior ela vai perceber aquela legenda, também possa surgir uma leitura mais rápida, aquela legenda pra ela vai ser mais tranqüila, ela não vai ficar só focada na legenda, vai poder perceber toda a obra do filme.

Porque ele lê mais rápido a legenda? Porque percebe melhor a legenda?

Porque percebe melhor a legenda, enquanto que o outro que tem um grau social menor, ou seja, uma capacidade cognitiva menor, ele pode se fixar muito na legenda e perder a questão das imagens.

E isso você acha que pode, por exemplo, influenciar na preferência de modalidade de tradução?

Sim, sim, sim.

Provavelmente então quem tem mais...

Sim, se você verificar as pessoas analfabetas, por óbvio, elas não vão preferir a legendagem(sic) e a partir daí quanto maior você for aumentando o grau de instrução, pelo menos em regra, não vou dizer que todo mundo, mas em regra quanto maior o grau de instrução da pessoa mais tendente à legendagem(sic) ela é. A pessoa, por exemplo, você em sua primeira, segunda, terceira, quarta série provavelmente vai querer a dublagem e não a legendagem(sic), se não tiver uma leitura muito boa. Ela vai perder o conteúdo da obra, ela vai sentir muita dificuldade.

Não pode ser que alguém prefira a dublagem mesmo com um grau de instrução maior pra poder acompanhar melhor a cena?

Pode, por isso que eu estou falando em regra. Se a pessoa possuir uma leitura boa e conseguir ter uma interpretação boa do texto, da legenda, com certeza, ela vai preferir a legendagem(sic). Por isso que eu falei em regra. Pode ser que uma pessoa tenha um grau social menor e tenha uma leitura também muito boa.

Outras questões foram na onze e na doze, pergunto se você acredita que a verificação desse conhecimento, assim do conhecimento de ficar testando o seu conhecimento da língua estrangeira comparando com a legenda. Se essa verificação ajuda ou atrapalha a recepção e a percepção dos filmes e se a legenda ajuda o espectador a desenvolver ou aperfeiçoar as habilidades em língua estrangeira. Você tinha colocado que ajuda nessa verificação e você acha também que a legenda ajuda o espectador a desenvolver habilidades na língua estrangeira. Aí minha pergunta, mas você acha que essa verificação pode desligar o espectador do filme?

Não, não creio que desligue não.

A atenção não pode ficar mais voltada para o conhecimento da língua, para essa verificação de conhecimento, do que para o conteúdo do filme?

Não, porque essa percepção é rápida. Você não vai ficar, quando você está assistindo um filme, não vai ficar procurando vocabulários. Se você ouve a fala e consegue perceber, ao mesmo tempo que

você está lendo a legenda, que é uma palavra que você já conhece é interessante. Ou, se você não conhece, mas é uma palavra isolada no contexto e aparece na legenda, você automaticamente já passa a conhecer o significado dela e inclusive a pronúncia; mas você não fica procurando. Então eu acho que não atrapalha o entendimento do filme de forma alguma.

E, pra você, verificar esse conhecimento, a pessoa que não tem o conhecimento da língua do filme, não conseguiria?

Pode até conseguir, mas ela vai conseguir em algumas cenas que são mais isoladas. Na fala mais fluente, em várias cenas que há um acúmulo de palavras, dificilmente ela vai perceber isso; mas se a fala for mais solta e espaçada e também diante da situação e com a legenda, ela percebe melhor aquela palavra. Aí sim ela começa a adquirir vocabulário, partindo do pressuposto que ela não tem nenhum. Agora, uma pessoa que já tem um certo conhecimento de inglês, mesmo naquela fluência de fala, naquele acúmulo de vocabulário, do que uma outra iria, ela consegue perceber uma outra que ela vai identificar, que ela reconhece.

Na quinze, eu pergunto se o tempo gasto para a leitura da legenda atrapalha a absorção do conteúdo cinematográfico. Você disse que não. Nem mesmo quando as legenda são muito compridas e rápidas?

Sim, aí pode atrapalhar. Mas você também tem que conjugar o aspecto subjetivo do espectador.

Como assim?

Que nem eu coloquei na outra pergunta, se ele possui uma boa capacidade de leitura e de interpretação do texto. Quanto menor for essa capacidade, obviamente uma legenda muito grande, muito rápida, principalmente numa cena de ação assim, você vai perder um pouco desse conteúdo.

No questionário específico que foi feito, também fiquei com alguma dúvida. Na questão dois, em relação àquela palavra contenda, eu perguntei se a escolha lexical influenciou no seu entendimento da cena. Você disse que sim e você disse que a palavra contenda significa competição, briga, o que você entendeu pelo contexto e realmente é isso que significa. Então, a minha pergunta é: de que maneira que a escolha lexical influenciou no seu entendimento? Porque você disse que ela influenciou, de que maneira? Ajudou, atrapalhou?

*A palavra contenda, pra você entender, às vezes você não tem um significado dela tão rápido pra perceber, você tem que parar e analisar, eu mesmo tive que parar e analisar depois quando foi feita a pergunta. Porque você não pára e analisa assim, aqui nessa cena tem tal significado, em tal cena tem tal significado. Tem uma palavra que tem, vamos dizer, pura e significativa, dependendo do contexto ela pode apresentar um ou outro significado. Eu falei competição, normalmente ele está soltando a pipa, no filme, ao que parece, ao menos pelas cenas que mostra o filme que eles estão assistindo, seria uma briga também – **É, uma luta.** - uma luta e no caso dele já seria uma competição, por isso que eu coloquei competição/briga. Então, realmente a palavra contenda por não, talvez por não ser um vocabulário popular, comum, influencia no entendimento.*

E você acha que, por exemplo, essa palavra, essa expressão que eles colocaram tem alguma

relevância para o filme ou não? Por isso que de repente foi colocada, porque as pessoas não iriam... Não é uma coisa tão relevante, então poderia ser usado?

Não, tem relevância sim. Eu vejo que ela tem relevância porque no contexto em que ela foi utilizada foi uma transcrição da fala de um filme que eles estavam assistindo. Então assim, quando crianças se espelhavam naquele filme, a amizade dos dois e eles gostavam muito daquela cena. Então assim, ao meu entender, já admiravam uma boa briga, então por isso que eles repetiram aquela fala, para demonstrar esse vínculo e a situação deles.

E por que de relevância pro filme? Você acha que de repente o melhor seria ter usado uma palavra mais comum, de fácil entendimento, que não levasse?

Não nesse caso porque ele é a transcrição do filme que eles estavam vendo. Se você pega aquela transcrição do filme que eles estavam vendo e coloca outra coisa você não vai perceber que aquela fala que ele colocou era exatamente a transcrição do filme.

Não, mas eu digo nos dois momentos, tanto no filme quanto lá, usar uma palavra em inglês, contenda, competição, por exemplo, luta.

Talvez. Eu creio que o tradutor tentou se aproximar o máximo do significado real da palavra no vocabulário estrangeiro. Então quando ele traduziu, ele procurou talvez um vocabulário um pouco mais vasto, menos visual, mas porque no filme também estivesse dessa forma. Assim que isso também na tradução deve ser relevante, não só a simplificação do vocabulário.

Mesmo que isso vá facilitar, por exemplo, o entendimento do espectador?

É, assim, a legendagem(sic) não é uma tarefa fácil, parece não ser uma tarefa fácil. Então, eu acho que o tradutor quando ela faz isso, ele tem que ter em mente todos os aspectos, tanto a interpretação do espectador, como a originalidade da obra que ele está traduzindo. Então ele não pode pegar simplesmente e simplificar o vocabulário e empobrecer a fidelidade que teria a obra. Então, tem que manter os dois, tem que procurar passar pro espectador a obra, ao mesmo tempo em que ele tem que procurar manter as características do filme.

Então, você acha que a legenda consegue manter?

Em alguns aspectos sim, outros se tornam mais difíceis ou até impossíveis de serem mantidos. Vai chegar uma hora que você vai ter que optar ou pelo aspecto do filme ou optar pela interpretação do espectador, pelo entendimento do espectador.

Uma outra questão seria na questão três o significado da palavra inshallah que é muito usada e eu pergunto se não houve a tradução, porque em vários casos, em todos os momentos eles colocam a legenda mas não colocam a tradução. Eu pergunto se não houve a tradução, se a legenda era necessária? Você disse que sim.

Sim porque, às vezes, no áudio não se torna perceptível que palavra que ele está querendo colocar. Então você coloca a legenda e lê e ouve ele falando e percebe: “Ah! É isso que ele está falando.”

Para identificar melhor o som da palavra?

Exatamente, identificação do som.

Na questão seis, no trecho em que o Amir volta para o Paquistão e reencontra o amigo e eles estão conversando, e eu pergunto quais as línguas que foram observadas nesse trecho. Você identificou o inglês apenas. Logo em seguida eu pergunto se você conseguiu perceber o inglês com sotaque afegão e você disse também que conseguiu perceber. Aí eu te pergunto: lá no momento do filme tinha, eles alternavam muito entre o inglês e pashto, a língua afegã, misturavam. Falavam parte em inglês, parte em pashto. Esse sotaque afegão que você percebeu pode ter sido, em algum momento, confundido com o próprio pashto?

Creio que sim, em algum momento sim. Porque, por essa proximidade, e também por eu não conhecer bem o vocabulário, a língua inglesa, é claro que em algum momento você pode ter, haver uma confusão entre uma língua e outra. Ainda mais porque eles estavam procurando aquela característica, o inglês com sotaque. Então, em algum momento realmente pode ter havido a confusão.

E isso aconteceu em todo o filme ou você conseguiu identificar momentos de pashto e momentos em inglês?

Não, não, não. Há momentos que dá para você identificar as duas línguas. Têm momentos que realmente você identifica, não dá para confundir.

Quando é bem separado, não é? Quando os dois começam a misturar o inglês com o pashto já fica mais difícil?

Por exemplo, quando está nos Estados Unidos, as cenas mostradas nos Estados Unidos, parece mais óbvio eles conversando em inglês. Agora já nas cenas em Kabul, não é? Que se passam em Kabul você consegue perceber também algumas partes em inglês e algumas partes em pashto, não é?

No começo do filme é só pashto.

Certo, exatamente.

Agora, assim, apesar deles estarem nos Estados Unidos e parecer, é óbvio, que eles fariam inglês, entre eles, já que todos são afegãos, não cabia, por exemplo, falar em pashto?

Sim, sim, mas aí como a maioria das cenas são em inglês, uma fala diferente você já consegue perceber mais.

Na questão sete eu pergunto sobre a carta não é? Você identificou que eram caracteres estrangeiros. Caracteres estrangeiros em qual língua?

Não sei, isso realmente... – Mas você consegue identificar? – Não é a inglesa. – Não é a inglesa? – Não é a língua inglesa, dá pra ver que não é a língua inglesa. Aí é oriental, com caracteres estranhos ao que a gente conhece; aos ocidentais.

Mas, por exemplo, pelo contexto, já que é uma carta de Hassan pro Amir, pelo contexto você conseguiria identificar mesmo não conhecendo a escrita. Você não consegue identificar qual é a língua?

Bom, eu não identifiquei a língua porque não me ative qual língua que era. Sabia que não era o inglês. Não conheço bem quais são as línguas utilizadas em Kabul, mas sabia que não era inglês, mas

língua da região, que era a que eles estavam conversando no início do filme.

Certo, e eu pergunto também quantos idiomas você percebeu. Você disse que percebeu dois idiomas.

Sim.

Quais seriam esses dois idiomas?

O inglês, que é a tradução da carta, do pensamento do Amir, que parece que ele pensa em inglês e a carta em si, a leitura da carta que é feita na língua local.

Então, você não considerou aí a legenda?

Não, não considerei a legenda porque eu considero a legenda como um elemento estranho ao filme. Ela é feita para o espectador. Assim, não, tudo bem que o filme também é feito para o espectador, mas ela é um elemento estranho, ela é inserida depois da realização da obra.

Mas ela está ali?

Ela está ali, mas ela não faz parte da obra em si. Ela é utilizada como um meio, como se fosse um óculos, vamos dizer assim, um meio pra você poder conhecer a obra, interpretar a obra e não parte da obra. Por isso que eu coloquei só dois, que dois fazem parte da obra.

Certo. E a última pergunta sobre o resgate do filho de Hassan, eu pergunto se as legendas eram necessárias para você entender a cena. Você disse que na primeira parte sim. Qual seria a primeira parte?

Quando os dois estão sentados conversando, porque se não tiver a legenda você realmente fica alheio, não tem como você perceber aquilo lá. Porque a cena são diálogos, então não tem como você interpretar por outros meios. Você está vendo que eles estão conversando, mas nada mais do que isso. Agora, nas cenas de ação, já se torna mais fácil você perceber o que está acontecendo ainda que você não entenda o que eles estão falando, mas se um vira, pelos gestos, você entende mais ou menos o que estão falando.

É, e você disse que as legendas, elas não atrapalharam no entendimento da cena.

Não.

Ali, pra você, o mais importante era a imagem do que a fala deles?

Sim. Sim, porque a fala em si não transmitiu um conhecimento necessário para o entendimento assim. Era secundário, era feita de forma secundária. Pra mim, parece mais importante, nas cenas de ação em geral, é a própria cena e as são falas secundárias. Pelo menos, nesse filme, foram secundárias. Nesse filme foram secundárias.

Obrigada por ter participado da minha pesquisa.

Por nada.

Participante 05 – Laís

[...] no questionário prévio, na questão número oito, eu perguntei quais eram as maiores barreiras que você encontrava na legenda. Você me disse que era o número de caracteres porque para o espectador conseguir ler algumas partes do diálogo e da narração tinham que ser cortadas. Mas aí eu pergunto o seguinte: se mesmo assim você acredita que não há perda da percepção da imagem, do som e da própria legenda, porque foi o que você me respondeu no item sete, que era possível aliar imagem, som e legenda sem que houvesse perda da recepção. Agora, mesmo quando têm esses cortes de diálogo, de narração, você acha que não tem perda da percepção?

Não (risos).

Por quê?

É que mesmo quando você corta, você corta normalmente a parte mais superficial ou que já foi falada anteriormente, que você já tem um conhecimento sobre aquele significado ou alguma coisa assim. Então, se você corta o essencial, a parte mais importante do filme está lá e com essa redução de informação você consegue perceber, escutar também e perceber o visual, a maioria das vezes.

Na questão dez, eu pergunto se a legenda permite conferir o conhecimento em relação à língua estrangeira, ou seja, você está com a legenda e você consegue acompanhar, fazer aquela ligação e de repente com isso você verificar o que você conhece da língua que está no filme. Você colocou que, na maioria das vezes, sim, mas depende... E aí a resposta ficou incompleta.

Pera aí. Deixa eu ver aqui. A pergunta dez?

Isso eu queria ver o que, na verdade, depende.

Depende também se você tem ou não conhecimento da língua, por exemplo, se você já tem conhecimento da língua ele pode ajudar, pode aumentar o seu vocabulário ou não e se você não conhece a língua pode acabar conhecendo um vocabulário, uma palavra ou outra, mas você não vai ter conhecimento geral da língua, não vai adicionar.

Mesmo que não conheça nada da língua consegue aprender alguma coisa?

Consegue aprender uma palavra ou outra, por exemplo, uma palavra mesmo, não expressões nem nada. Por exemplo, pega uma palavra, que até teve no filme, tipo salaam, então pela repetição e pela colocação da palavra você acaba entendendo o significado dela.

Mas agora assim, você acha que mesmo quem, novamente, quem não tem o conhecimento da língua consegue perceber, fazer essa ligação de som, perceber o som e o que está sendo dito ou a pessoa se prende mais à legenda e nem mesmo percebe assim?

Quando ela não conhece a língua, ela se prende muito mais à legenda, então, é por isso que a captação e a aprendizagem dela são só mais com palavras mesmos. – Curtas? - É, são curtas e mais repetidas.

Certo. Na onze, eu perguntei se você acredita que a verificação desse conhecimento da língua ajuda

ou atrapalha a recepção e a percepção do filme e por quê? Você me disse que ajuda porque muitas vezes os filmes mostram expressões e um linguajar informal que na maioria das vezes a gente não aprende em curso de inglês, enfim, e aí permite então o aprendizado e a compreensão disso aí. E você acha que esse aprendizado, de qualquer forma, ele ajuda ou ele atrapalha na recepção e na percepção, ou seja, você consegue captar o filme mesmo fazendo essa verificação?

*Consegue, porque isso daí é automático sabe? Você não pára para analisar. Tal palavra é assim e tal palavra significa assim, você meio que automaticamente já faz isso. - **Como se você fosse absorvendo o conhecimento da língua?** - Não chega assim, você acaba de ver o filme e fala tal expressão, você já sabe que tal expressão significa alguma coisa, mas quando alguém fala para você, você já entende essa expressão. - **Já passa a ser familiar?** - É.*

No outro item também, quando a língua original do filme é totalmente desconhecida eu perguntei qual era o seu grau de dependência em relação à legenda, total ou parcial. Você me respondeu total. Mas você acha assim, que mesmo você dependendo totalmente da legenda outros aspectos do filme como a imagem, o som, eles não fazem com que você dependa menos da legenda e dessa forma entenda o filme por esses outros meios?

*Também, principalmente o visual e, por exemplo, tem até uma parte de ação no filme “O Clima” que você não põe legenda e você acaba entendendo o filme mesmo você não entendendo muito as palavras, você acaba identificando mais ou menos o significado, a ação daquilo entendeu? Então você acaba não dependendo totalmente da legenda e também, por exemplo, a entonação do ator, você acaba modificando, a legenda acaba modificando o significado. Por exemplo, ele pode colocar um significado, ele está falado de forma sarcástica e o significado está normal. - **Mas, assim, é porque a legenda em algumas vezes não consegue, acho que é mais ou menos isso que você está querendo dizer, passar essas características da língua ou às vezes até da cultura.** – Não seria mais da cultura, mas mais da parte emocional. Então eles põem então a informação básica, mas a interpretação daquela informação pode ser modificada a partir da sua percepção da tonalidade da voz do ator.*

E você acha que isso faz diferença pra quem conhece o idioma ou não? No caso ali, ele falou em pashto e mesmo assim você conseguiu entender a entonação.

*É, eu acho que qualquer língua que você for falar tem entonação e elas são praticamente parecidas, mesmo diferente da língua, então, se você não sabe a língua não tem muito assim não, mas você acaba se prendendo um pouco mais na interpretação de quem fez a legenda. Só algumas partes que você consegue fazer essa... - **Consegue perceber essa diferença de entonação.** –*

Certo. No questionário das partes específicas a primeira pergunta era a respeito do significado de jan, se o significado era o mesmo nas duas cenas e aí você me disse que você não percebeu e que você não sabia o significado. Você acha que o fato de você não saber o significado e não ter percebido o uso dessa expressão afegã atrapalhou o seu entendimento?

Não, porque é uma coisa superficial, só um complemento sabe? Era mais, depois eu prestei atenção, e era mais no jeito de relacionar, de falar do filho, alguma coisa assim. Então, a mensagem central não

foi alterada, então não tem.

Você acha que precisava ser traduzido? Se fosse traduzido ia ser melhor pra você entender?

Não, porque até soaria meio estranho e desse jeito eu acho que acabou dando um aspecto mais cultural, mostrando mais a cultura do país se você não tem aquela tradução.

Então você acha também que o tradutor acabou por escolher manter algumas no afegão para manter a característica cultural?

É, e para também não passar despercebido, porque como você não tem o conhecimento da língua, às vezes, se você colocar a tradução a pessoa não vai perceber a palavra e vai deixar passar. – Vai achar que é uma língua só que está falando o filme todo? - É, não assim, as palavras mais marcantes, que ele colocou, não traduziu essas palavras mais culturais, que mostra a cultura dele, eu acho que ele não traduziu para a pessoa poder ver esse aspecto cultural mais facilmente.

Entendi. E na questão seguinte em que o Amir e o Hassan estão assistindo ao filme e aí tem a palavra contenda, aparece duas vezes. “Admiro a sua noção de uma contenda justa”. Aí eu perguntava o que queria dizer e se essa escolha lexical, a escolha dessa palavra em si influenciou no seu entendimento da cena. Aí você me disse que você acha que o significado era justo e que a escolha não influenciou muito porque você leu rapidamente e teve uma idéia geral do que estava se tratando ali. E aí, eu até entro mais ou menos na questão da anterior só que voltado para o português. Quando o tradutor escolheu uma palavra que é pouco utilizada, que não é muito conhecida, isso você acha que atrapalha a sua compreensão de alguma forma na leitura da legenda, na velocidade mesmo que você lê a legenda, porque é uma palavra que você não conhece, então, você tem que tentar decifrar. É o primeiro contato que você tem com a palavra, então você tenta decifrar o que está escrito na palavra e aí você acha que isso atrapalha tanto na leitura da legenda como o entendimento do filme nessa parte?

Ela dá um, trava um pouquinho mais, mas não chega a atrapalhar totalmente porque você acaba entendendo pelo contexto mesmo. E como você faz uma leitura rápida e essas mensagens são muito diretas então é mais fácil. A captação também chega a ser mais fácil. Então, fica mais ou menos, não atrapalha muito assim.

Mas uma palavra mais fácil facilitaria?

Sim.

Numa outra questão, quando eu pergunto sobre o que contêm na placa atrás do Amir e do pai dele, se a legenda atrapalhou a observação da cena e se era necessária aquela informação? Você disse que você não viu a placa e ela não atrapalhou porque você também não viu nem quando tava dublado, nem quando tava legendado, então você acha que a tradução, você colocou: “eu não sei se a tradução era necessária”, você colocou porque você não viu a placa, então você não sabe se o que tinha na placa era importante ou não. Agora, você acredita que, em alguns momentos, a legenda pode atrapalhar na observação das cenas como essa? Bom, nesse caso a gente colocou dublado não, mas você acredita que em outros momentos essa legenda pode atrapalhar alguma cena que

está passando e aí o telespectador se concentra na legenda e perde a cena?

Eu acho que não, porque eu não estava concentrada na legenda, eu estava concentrada nas pessoas, nas falas dos personagens, entendeu? Então, eu não olhei muito para o plano de fundo, e não foi por causa da legenda.

É, nesse caso não, mas em outros filmes, em outros momentos? Você já percebeu que a legenda era mais um intruso que um ajudante?

*Eu acho que não, porque não tem como você captar toda a imagem da cena, então você olha e você mesma acaba excluindo algumas coisas que você acha importante ou não e você olha a tela como geral. - **A tela dublada?** - É, a tela dublada, entendeu? Então não atrapalha mesmo, é mais para o que você considera importante ou não, não tem nada haver com a legenda.*

E normalmente o que você considera importante bate com o que o tradutor considera importante?

Como assim?

Porque, às vezes, ele não traduz alguma coisa porque ele acredita que aquilo é irrelevante.

*Eu acho que sim, por exemplo, a placa depois eu fui ver falando de coisas antigas e não sei o quê e já dava pra ver na própria imagem, então era uma repetição. - **Entendi. Então não era necessário?** -*

Uma última perguntinha, quando o Amir está lendo a carta que aí eu perguntei sobre a carta e se a legenda atrapalhou nessa percepção e quanto digamos você conseguiu captar na cena. Você me disse que a legenda não atrapalhou porque a letra estava muito pequena, mas você conseguiu identificar qual era a língua o idioma da carta?

Eu nem prestei muita atenção. Eu estava lendo muito o conteúdo da carta pela legenda. Aí eu acho que foi, pelo o que eu escutei, não foi o inglês, e também pelo conteúdo mais ou menos da carta ele falava que tava tentando aprender o inglês, mas era uma língua muito complicada e aí eu deduzi que era do Afeganistão.

Agora, pelo som, você acha que qual era a língua?

*Eu acho que era, não sei. Juro, eu peguei mais pela carta mesmo, pelo conteúdo da carta, eu me prendi pela legenda. - **E não muito pelo som?** - É, e também eu não entendi essa língua.*

Mas o engraçado é que a carta estava escrita em pashto, ele estava lendo em inglês e a tradução em português. Então, no final das contas, a gente tinha três idiomas e, no caso, você captou um. Então você acha que a legenda teve interferência nisso ou porque a mensagem da legenda, digamos assim, o conteúdo da carta era um conteúdo mais pesado, que exigia mais concentração aí você se focou na legenda e esqueceu um pouco da imagem e do som?

*Eu acho que foi mais pelo conteúdo mesmo, porque é até bem emocionante mesmo ele falando, contando da vida dele, então é uma coisa que você começa analisar e remete todo o filme, entendeu? Tipo, como estava a situação, como foi a, até tem uma parte que ele fala: “Não é mais a nossa terra. Não é mais como era.” Então você acaba lembrando de todo o filme praticamente pra poder chegar lá, eu meio que desprendi dos outros pra poder analisar a mensagem mesmo. Porque durante o filme eu não, a captação de inglês ou a língua afegã era bem clara. - **Você conseguia separar,***

dividir? Agora eles estão falando afegão, agora eles estão falando... Você acha que se fosse dublado você ia conseguir captar melhor, por exemplo, essa questão de algumas mensagens? Você ia conseguir captar a imagem dessa carta? -

Não sei. Porque eu não gosto muito de dublagem, porque você acaba meio que... Eu acabo nem prestando muita atenção no que ele fala, então, eu acabo tendo que prestar atenção no que ele fala.

Não sei.

Ta certo. Obrigada por ter participado da pesquisa e você depois fica sabendo o resultado, se você quiser.

Participante 06 - Antônio

[...] eu tenho aqui algumas perguntas sobre o questionário prévio pra gente começar. Na questão dois, eu perguntava como você encarava a legenda, aí você me disse na resposta que elas são úteis. Teria algum momento, as legendas pra você, em algum momento, não são úteis, elas seriam dispensáveis, por exemplo?

Em alguns momentos não, por exemplo, algumas expressões que são praticamente de um domínio quase que de público, sejam elas em inglês ou um outro idioma, nesses momentos eu achei que ela era dispensável.

Certo. Então, assim, em alguns momentos elas são dispensáveis?

Em alguns momentos sim.

Foi mais ou menos isso que você quis dizer quando elas eram úteis?

Exato, exatamente.

Ta, na questão quatro, eu perguntei se a legenda ela acompanha o ritmo das falas no filme original. Aí, você respondeu que ela varia de acordo com o filme. Quando que ela acompanha e quando que ela não acompanha o ritmo? Quando você acha assim que é mais; “não a legenda não está legal”? Em que momento?

Quando a fala dos personagens é um pouco mais acelerada, nos diálogos eu acredito que a legenda não acompanhou. Ela é um pouco retardada. Quando as falas são mais pausadas e menos aceleradas ela acompanha.

E você acha que prejudica?

Prejudica, sem nenhuma dúvida.

Na sete, eu perguntei se era possível você aliar imagem, som e legenda sem que tivesse perda de alguma dessas características e você me disse que é possível dependendo da qualidade da legenda. Então assim, a legenda pode determinar a sua forma de perceber a imagem e o som?

Pode, pode sim.

Como?

O entendimento do contexto do filme, ele depende de forma substancial da legenda. Se a legenda, ela não conseguir se adequar ao contexto, o entendimento do filme fica distorcido.

Esse contexto que você fala é tudo? É imagem e som?

Tudo, tudo. Exatamente imagem e som, toda essa parte.

Então, a legenda não está só ligada com a fala dos personagens?

Não, não. Não está só ligada com a fala, com a imagem e com o som também, porque ela completa o entendimento do que está sendo passado através da imagem e do som.

Na nove, eu perguntei assim; se a legenda podia ser incentivadora da leitura, porque você assiste ao filme e também, ao mesmo tempo, você está promovendo um hábito de ler. Perguntei se você achava que isso acontecia. Aí você disse que não, que você não acreditava que a legenda incentivava a

leitura, por que não?

Porque eu acredito que, no caso do filme, ocorre uma compreensão quase que simultânea. Ela não tem aquela busca do entendimento do filme pela legenda, pelo o que está escrito. O entendimento pode ser simultâneo pelas imagens, como eu havia dito, pelo som e pela legenda, que pode se referir principalmente à fala. Mas você não busca o sentido do filme só na legenda, então, por isso eu acho que ela não estimula essa questão da leitura. A leitura é automática.

Entendi. Então, quando você está assistindo ao filme, você não está muito preocupado em ler a legenda. É como se a leitura viesse naturalmente?

Perfeitamente, é exatamente isso.

Na onze, eu pergunto assim: se você acredita que a verificação do conhecimento da língua estrangeira por meio da legenda, que muita gente faz isso, né? Fica meio que comparando o que está na legenda e o que está sendo dito e dessa forma a gente testa o conhecimento que a gente tem da língua estrangeira. Aí, eu perguntei se você acreditava que essa verificação, se ela ajudava ou se ela atrapalhava na recepção e percepção do filme. Aí, você me disse que ela ajuda, porque ela facilita o entendimento. Mas aí eu te pergunto; de que maneira você acha que a legenda facilita isso?

Eu acredito que ela ajuda você a aferir o seu nível de informação em relação àquele idioma do filme que passa. Ela serve, mais ou menos, como um medidor de conhecimento e, ao mesmo tempo, estimula você a buscar mais conhecimento naquele idioma, na medida em que você vê que não está conseguindo compreender muito ou que está conseguindo compreender mais.

Entendi. Uhum (sic). Mas você acha que isso acontece mesmo pra quem não tem o conhecimento do idioma?

É, fica difícil fazer uma abstração dessa pra mim, mas eu acredito que mesmo quem não tenha um conhecimento, mas que se interesse por aprender, ela ajuda sim.

É, você me disse aqui em uma outra questão que ela ajuda pela associação, né?

Exatamente, pela associação. É exatamente.

Numa outra questão, eu perguntava assim; quando a língua original do filme é totalmente desconhecida, qual era o seu grau de dependência em relação à legenda, se era total ou se era parcial? Você me disse que total. Aí, eu pergunto assim: que outros aspectos do filme, por exemplo, a imagem e tal, esses outros aspectos não fazem com que você use menos a legenda, mesmo quando você não tem conhecimento do idioma?

Sim, sem dúvida. O filme todo é uma associação de informações. Então, pela imagem você faz direto associações pelo som, pela música que está passando, você interpreta o contexto emocional do filme e o contexto cultural... Você pode ver essas alterações. A legenda é mais um elemento.

É mais um elemento, mas assim, você depende totalmente dela quando você não conhece a língua?

Quando você tem o desconhecimento absoluto do idioma em que se passa o filme, sem dúvida

nenhuma. Mas alguns termos que você conhece, em algum momento, você se torna até independente, você tem uma certa autonomia.

E a imagem ajuda. A imagem, o som ajudam você a se desprender da legenda?

Ajuda sim, é determinante.

Eu perguntei se a dublagem, ela poderia ser considerada democrática, socialmente falando, porque ela alcança um público maior, né? Mais diversificado, digamos assim. E perguntei também se você achava que a dublagem tinha esse aspecto ou se ela negava o acesso ao espectador do som original do filme. Aí, você me disse que a dublagem nega o acesso à língua estrangeira, que ela não era democrática. Mas aí a gente entra naquela questão, por exemplo, de pessoas que não sabem ler. Você acha que elas não ficariam à margem dessa cultura que é transmitida?

É, esse público, em especial dos analfabetos, seria um caso mais complexo. Mas, de forma geral, eu acho que ela desestimula a busca pelo aprendizado do novo idioma e ao mesmo tempo ela facilita uma manipulação, porque, nem sempre, nem em todos os casos, a dublagem é fiel ao contexto do filme, aos termos através dos quais as pessoas se comunicam, as informações que são passadas. Então, eu acho que ela é mais um fator de manipulação do que um fator de democratização.

Entendi, mas a legenda também. A legenda também tem essa característica de não ser fiel ao que está sendo dito. Fiel, no sentido assim, porque, como a gente até já tinha comentado algumas vezes, a legenda pra poder caber no espaço, número de caracteres, velocidade, tudo isso interfere.

Sem dúvida, porém, ainda assim, você tem acesso às falas originais dos filmes. Você tem essa possibilidade de tentar captar as informações pelo que está sendo dito na forma verbal e na dublagem essa questão da informação original através da comunicação verbal é totalmente suprimida.

Aí assim, eu fiquei muito curiosa em saber, eu perguntei isso pra quase todos. O que levou você a concluir que o caçador de pipas era o Amir?

Muito bem. Uma das cenas mais importantes, que me induziram a essa conclusão foi o final em que ele fica soltando uma pipa junto com o sobrinho, com filho do...

Com o sobrinho.

Com o sobrinho e a pipa é cortada e ele vai buscar e se pareça até no beco. Eu particularmente interpretei que a questão do caçador de pipas é uma questão metafórica, no sentido metafórico e que essa questão da pipa rompida, na minha interpretação, ela significa uma linha de continuidade da vida dele que foi rompida, tanto pela guerra quanto por outras circunstâncias, pela covardia dele também de ter feito aquelas manipulações que levaram à demissão do pai do amigo dele, que afastaram os rumos da vida dele dos rumos da vida do amigo dele e a fuga dele da guerra, ele rompeu com a seqüência da vida dele, ele rompeu totalmente com isso e deixou a vida dele se distanciar como se fosse pipa que tivesse sido cortada. E quando ele voltou pra lá pra tentar refazer esses laços, ele, na verdade, estava em busca da pipa dele que tinha sido perdida. E eu interpretei com se ele fosse, nesse contexto, nessa minha abstração aí, o caçador de pipas. Na verdade, ele atrás do garoto, ele estava em busca de um passado, de resgatar... *(interrupção da gravação - parte I)*

Bom, a respeito dos questionários da parte específica que foi o último questionário que a gente fez. Na primeira pergunta, eu pergunta pra você o significado de jan, né? E se o significado permanecia igual nos dois trechos, porque eu passava dois trechos, você lembra? Eu passei um e depois outro. Aí, me você que a palavra significava afinidade, né? E nos dois momentos você percebeu essa mesma...

Ligação, né? Da palavra com o significado.

Isso. Você acredita que a tradução do termo, porque assim, tinha lá na legenda jan, mas não era traduzido. Você acredita que a tradução do termo era necessária para o seu entendimento?

Não, não era necessária porque, como eu havia lhe dito o entendimento do filme, ele não passa só pelas falas e pela legenda, ela compreende todo o contexto da parte visual, de toda a parte sonora, do posicionamento dos personagens, da relação de uma personagem com a outra, exatamente... Então, se você observar todo esse contexto, isso permite ter o entendimento sem que haja legenda, uma tradução do termo.

Certo. Numa outra questão, já não envolvendo termo afegão, mas uma palavra em português mesmo, contenda, inclusive também em dois trechos que apareceu, eu perguntava o que significava, né? Você me disse que significava disputa.

Certo, correto.

Exatamente, realmente isso que significa. E se a escolha lexical, a escolha dessa palavra influenciou o seu entendimento das cenas. Você disse que influenciou. Então, assim, de que maneira essa escolha influenciou no seu entendimento? Você acha que, de repente, uma palavra mais comum, de domínio público talvez seria mais apropriada nesse contexto?

Exatamente por isso que você colocou a escolha de uma palavra, ela vai além do significado. Têm várias palavras com o mesmo significado, sendo que algumas palavras são mais fortes, mais impactantes e outras palavras são mais suavizadas e eu acredito que devido a esse potencial que a palavra tem, devido a sua escolha de ter um certo impacto, ele é determinante no entendimento das cenas no contexto em que se passa o filme, na relação entre os personagens e qual a vinculação afetiva que esses personagens possuem com aquela passagem do filme que eles assistiram que eles gostavam de brincar com essa passagem.

Então, foi dessa maneira que influenciou assim?

Sem dúvida.

Não influenciou o seu entendimento do filme? Na verdade, bom, influenciou o entendimento nesse sentido, mas não prejudicou o seu entendimento? Na verdade, a escolha da palavra acrescentou...

Reforçou, reforçou o meu entendimento.

Certo. Numa outra questão, eu perguntava novamente sobre uma palavra afegã inshallah em dois momentos também. Só que também, novamente, não houve a tradução, né? E em um momento era falada de uma maneira e no outro momento inshallah era pronunciado com uma outra entonação.

Sim.

Eu perguntava se essa entonação era percebida por você e você me disse que você conseguiu perceber a entonação, né?

Perfeito.

Certo. Você acha que a legenda não prejudicou então, portanto, nessa sua percepção da entonação? Diferenciar?

Não prejudicou, porque além da escolha da palavra, a entonação também é muito importante pra fazer essa referência ao significado. Então, na mesma palavra, ela pode ser dita com entonação diferente e a partir da entonação ela adquirir um significado mais sutil, mais...

Irônico até?

Capcioso, eu poderia dizer, ou mais objetivo. Então, a entonação é determinante e não prejudicou de forma alguma.

A legenda?

Não, não. A legenda não prejudicou o entendimento. De forma nenhuma.

Certo.

Porque, desculpe só fazer mais uma parte, voltando no que eu havia dito, o espectador, na maioria dos casos, ele não está preso só à legenda. Então, ele vai analisar tudo. Então, dessa forma, a legenda não prejudicou a percepção da entonação.

Com você disse também aquela questão se uma palavra já também mais conhecida, mesmo apesar de ser afegã.

Isso, mais recorrente. Por ela ser uma palavra recorrente, então o entendimento é quase que automático também quando ela é...

Então, você não fica tão preso à legenda?

Não, pra poder traduzir o significado, pra você conseguir ter um acesso ao significado você não precisa ficar preso à legenda não. De forma nenhuma.

Certo. Outra questão; aquela que havia colocado primeiro a cena em dublado, depois legendado...

Eu perguntava se você conseguia perceber a cena que passava por trás, no caso uma placa, né? Eu perguntava se você percebeu, se era importante aquela informação e por que não havia sido legendada. Você disse que não observou a legenda não atrapalhou você observar essa questão exatamente porque ela não era necessária. Mas você acredita que, em alguns momentos, a legenda, não necessariamente nesse filme, ela pode prejudicar a observação de algumas cenas?

Pode, pode prejudicar, mas como a gente pode ver isso depende muito da afinidade que o espectador possui com o idioma no qual se passa o filme e da capacidade dinâmica de leitura do espectador. Se o espectador tem bastante afinidade com o idioma em que se passa o filme, ele tem uma interpretação quase que automática das informações passadas, ou se não possui essa afinidade com o idioma, mas possui uma capacidade de leitura dinâmica muito boa, a legenda também não vai prejudicar. Agora, se ele não possui nem afinidade, nem uma capacidade de leitura dinâmica ele vai estar totalmente preso à legenda e, além disso, vai ter dificuldade de fazer a leitura da legenda, de forma que ele vai

perder a parte de imagens do filme e todo o contexto de relacionamento dos personagens. Isso pode levar a uma interpretação equivocada do filme ou a nenhum entendimento.

Você acha que talvez por isso que algumas pessoas preferam a dublagem?

Algumas pessoas preferem sem dúvida nenhuma. Isso é um fator determinante pra escolha de filmes dublados, mas conforme eu já havia dito, eu acho que é um fator prejudicial, mas vamos tratar disso adiante.

A dublagem é um fator prejudicial?

Prejudicial, sem dúvida nenhuma.

Como a gente até comentou na outra questão.

Exatamente, já passamos na outra questão.

Já passamos.

Já resolvemos.

(risos) Numa outra questão eu perguntava o significado de salaam e também eu mostrei duas cenas pra você, uma tinha a legenda em afegão mesmo e na outra cena eles falam, as personagens falavam salaam ao cumprimentar as pessoas, mas não tinha a legenda, aí já tinha mais nenhuma tradução... Enfim, não tinha nenhuma legenda de apoio. Aí, eu perguntava se você achava que era necessário essa tradução... Desculpa, se a legenda fez falta pra você. No caso, você disse que não, que não era necessário. A legenda necessária nesse momento da cena. Aí, eu pergunto por que você achava que era desnecessário então?

Exatamente pelo fato do termo já ter sido absorvido em outros contextos do filme. A partir daí quando ele é citado, uma vez que ele já está assimilado, você entende de forma automática. A legenda se torna desnecessária.

Aí entra aquela questão da legenda ser um a mais que talvez pudesse até prejudicar?

Exatamente, poderia carregar demais, a legenda poderia prejudicar, se tornar cansativo. Eu acho que a legenda, a finalidade dela, é auxiliar no entendimento. Os termos que os espectadores já têm capacidade de assimilar de forma automática devido ao contexto do filme, eu acho que se torna desnecessária a legenda.

Ótimo. Numa outra questão, quando o Amir retorna ao Paquistão e encontra aquele amigo dele e eu perguntava quais línguas foram observadas nas conversas, né? Se você reparou o inglês com sotaque afegão, que era bem marcante nas falas? E se isso trouxe algum estranhamento ou alguma dificuldade no seu entendimento. Você me disse que você não percebeu mais de uma língua, né? Mas também não interferiu na sua compreensão. No entanto, você conseguiu captar o inglês com sotaque afegão, mas também não trouxe dificuldade por conta disso no seu entendimento do filme.

Perfeito.

Você acredita que o fato de você não ter percebido mais de uma língua nessa conversa, essa mistura que uma hora era o inglês, outra hora era o Paquistão foi de alguma maneira influenciada pela legenda?

Não, não é que ela tenha sido influenciada pela legenda. O inglês com sotaque afegão, por mais que se trate de termos normalmente compreensivos ou dos quais você é capaz de entender o significado, às vezes, devido ao sotaque, você não compreende o significado e aí rompe aquele vínculo de compreensão, de associação. Nesses momentos, você acaba se prendendo um pouquinho mais à legenda e, às vezes, você perde até a capacidade de identificar os momentos em que é inserido um outro idioma, porque o inglês com sotaque afegão, ele se torna o idioma praticamente alienígena. Então, o ouvinte não consegue perceber com muita clareza o que está sendo tido, por mais que, como eu disse, se ele está dentro do que você conhece. Aí, rompeu esse vínculo de compreensão, facilmente se muda pra um outro idioma e você não é capaz de perceber.

Por que você está mais focado na legenda?

Exatamente. Nos momentos em que rompe esse vínculo de compreensão pela parte verbal, pelos diálogos, você se prende à legenda, não tenha dúvida disso.

Certo. E a última questão é naquela cena da carta, que ele está lendo a carta, que a gente tem lá a carta escrita e ele tá lendo, né?

Correto, pode continuar.

Então, nesse momento, eu perguntava se... Deixa eu ver da carta. Quantos idiomas, tanto pelo auditivo quanto visual você percebeu? Aí, você me disse que você percebeu dois idiomas, o inglês e o pashto . Aí, o seguinte: quando é que você percebeu o inglês e quando é que você percebeu o pashto?

Perfeito. Pelo o auditivo eu percebi o inglês, que era o idioma através do qual eram processadas as informações do leitor, e pelo visual eu percebi o pashto, que era o idioma no qual era escrita a carta. Deu pra ver que eram caracteres que não correspondiam a nenhum outro idioma conhecido. Então, logo eu associei ao pashto, que é um dos idiomas do filme.

E no caso você não considerou o português, né? Você não considerou o português da legenda como um dos idiomas?

Não, não considerei.

Por quê?

Eu acredito que naquele momento eu tive uma boa compreensão do inglês, consegui ter uma compreensão mais clara, então, eu não considerei. Eu me prendi pouco à legenda naquele momento.

Mas a legenda tava lá?

Estava, mas...

Mas você não se deu conta porque você não estava muito...

Exatamente. Nos momentos em que você tem uma compreensão mais clara das falas dos filmes, como eu havia lhe dito, você não recorre à legenda, então, apesar de estar lá, ela se torna praticamente imperceptível.

Não, e, além disso, a legenda, com você já até tinha dito, é mais assim... Você não fica muito preso naquela questão da leitura que a gente tinha comentado.

É mais um recurso de compreensão, um acessório.

Isso e é natural. A legenda está ali naturalmente. Então, às vezes, as pessoas não consideraram aqui, por exemplo, o português como um dos idiomas porque, na verdade, a legenda...

Ela é automática.

É, você não se dá conta da legenda, se a legenda está ali.

Ela te prende só, na verdade, ao canal visual onde você processa as imagens e o canal auditivo que são aquelas informações das reflexões do...

É, a legenda se torna tão natural que às vezes ela é esquecida, né?

Exatamente.

Ta certo. Obrigada [...] por ter participado da pesquisa toda.

Por nada.

Participante 07 – Olívia

[...] no primeiro questionário que eu passei, foi aquele questionário prévio, eu tenho aqui algumas perguntas que eu queria conversar mais pra poder esclarecer um pouco. O primeiro que eu fiquei meio assim e queria mais informações é na três que eu perguntava se a legenda capta e é coerente com o estilo das falas nos filmes originais, né? E aí você me disse que certamente, que um exemplo é quando você tem o inglês britânico, diferentemente do americano, que você diz, por exemplo, que as legendas são muito mais formais, né? - É - Você consegue perceber essa diferença só por meio da legenda ou pelas vozes dos personagens, por exemplo?

Pela voz.

Também?

Pela voz também.

E a legenda você disse que ela é mais formal, mas em que sentido? Digamos gírias...

Gíria.

Você acha que o britânico, por exemplo, tem menos que o americano?

Com certeza.

E a maneira de falar também influencia. Em uma outra questão, na cinco, eu perguntava se o filme legendado, ele muda o efeito dos filmes originais causado no espectador. Você disse que com certeza sim, que o filme legendado é muito mais fiel ao original, porque ela consegue transmitir com muito mais facilidade os sentimentos e as impressões que os criadores tiveram, tinham vontade, né? Aí eu pergunto se o filme legendado ele muda com certeza o efeito dos filmes originais? E você me disse que ele é muito mais fiel à obra, quando é que você percebe essas mudanças? Que mudanças você quis dizer?

Na verdade, eu consigo perceber isso quando... Por entender um pouco da língua do filme, no caso o filme que é em inglês, então quando a gente está na legenda é mais fiel ao que está sendo falado do que quando o filme é dublado. O filme dublado é mais adaptado, né? Então, têm coisas...

Até porque o filme dublado você não tem essa comparação, você não tem como comparar, porque não é te dada essa opção de você estar com o original. O original é como se o original estivesse apagado, pelo menos a questão da fala, porque você coloca outra fala dublada. Então, na verdade, não tem nem como comparar, né, se é mais original ou não? Eu acredito pelo menos. Agora assim, claro, o filme legendado, ele com certeza te dá essa opção de verificar quando é mais original ou não, mas claro que, não sei se você concorda, o filme legendado, por exemplo, também sofre adaptações, pelo menos as legendas não são totalmente fiéis à fala.

Isso. Uma coisa que eu acho que é um exemplo, a palavra saudade também...

É, a palavra saudade em inglês, por exemplo, não tem o significado que tem aqui.

(interrupção da gravação – parte I)

Isso.

Bom, a terceira questão eu perguntava se a legenda captava e se era coerente com o estilo das falas. Aí, você me disse que sim, que, por exemplo, o filme americano e o britânico, que você consegue ver bem a diferença. A minha pergunta; mesmo pra quem não tem o conhecimento do idioma, você acha que consegue perceber essa diferença?

Diferença do quê? Do inglês no caso?

É, a diferença do estilo da fala, das características mesmo do filme, assim... Você consegue, você acha que mesmo quem não tem o conhecimento da língua estrangeira consegue captar, por exemplo, vozes de personagens, sotaque, enfim...

Consegue, consegue. Até pela, no caso do inglês britânico mais formal dá pra perceber. Até quem não conhece, só ouvindo já dá pra ver a diferença.

E a questão da leitura, você acha que a legenda é um meio incentivador à leitura? Você me disse que sim, porque a tradução... Não, pera aí... Não, não era essa questão da leitura não, era a questão sobre o conhecimento, pra conferir o conhecimento. Foi aí que a gente parou. A questão do conhecimento dá para conferir, né? Que quando a gente compara a legenda com o que está sendo dito, a gente acaba que confere a nossa noção de língua estrangeira. Pra quem não tem o conhecimento da língua estrangeira do filme que está sendo passado, você acha que consegue conferir esse conhecimento ou adquirir conhecimento?

Consegue adquirir conhecimento com o tempo e com a prática, né? Com a prática de ver filme sempre legendado você consegue.

Assim, consegue pegar uma noção geral ou assim com esse aprofundamento, ela bem aprofundada mesmo?

Não, noção geral mesmo.

Uma outra questão é se exatamente essa verificação desse conhecimento ajudaria ou atrapalharia na recepção e na percepção do filme. Você me disse que ajuda, ajuda a perceber, a receber...

Bom, então você disse que a verificação do conhecimento ajuda você a perceber o filme, enfim...

Não legendado, mas o filme também. Porque você colocou aqui que essa promoção do conhecimento acaba por favorecer uma curiosidade no aprendizado de outras línguas. A minha pergunta é assim, de que forma que a verificação do conhecimento em relação à língua estrangeira, ela ajudaria na recepção? De que forma você acha, assim? Porque você disse que ela ajuda, de que forma?

É, eu não entendi a sua pergunta. (risos)

*Assim, porque quando você faz essa verificação, você está lendo a legenda e você está ligando ao som, você disse que isso com certeza ajuda na recepção do filme, no entendimento do filme. De que maneira que você verificar o conhecimento da língua ajuda você a entender o filme? **(interrupção da gravação – parte II)***

Bom, você me disse que verificando o conhecimento da língua estrangeira em relação ao filme por meio da legenda, você me disse que isso ajuda você a compreender, ou melhor, receber o filme e eu

queria entender o por quê? Por que você acha isso e como?

É porque, por exemplo, no meu caso, eu tenho o inglês básico de (*trecho incompreensível – entrevista III – 0.39 seg.*). Básico.

Certo.

Então a legenda vem a complementar alguma coisa que às vezes eu não pego, que eu não consigo entender porque ta muito rápido, alguma coisa assim, a legenda vem a complementar. Até mesmo traduzir palavras que eu não saiba o significado.

Certo, mas você acha que se você se prende a tentar entender o idioma você acaba prejudicando você a entender o filme? Às vezes você fica muito preso por entender o idioma inglês e aí você perde o filme ou não?

Não, não chego a perder, não dá pra perder o filme não.

Você acha que isso é feito de maneira assim mais inconsciente do que consciente?

Mais inconsciente, até porque se fosse de maneira mais consciente, aí sim, você perderia. Mas inconsciente não.

Outra pergunta; quando a língua original é totalmente desconhecida eu perguntava o seu grau de dependência. Aí você me disse que era total, não é? E eu perguntava, enfim, nem perguntava, mas você complementou que é uma oportunidade, uma porta pra desenvolver o desejo do aprendizado da língua. Achei isso daqui muito legal, às vezes isso acontece mesmo, às vezes a pessoa se interessa mais exatamente por causa de filme que quer entender, enfim. Mas eu penso, que outros aspectos do filme, por exemplo, como a imagem, se elas não fazem com que você utilize menos a legenda? Porque às vezes você tem, assim, uma dependência total do filme quando você não conhece o idioma, por exemplo, aquele que a gente tava assistindo mesmo, que é pashto. Mas você acha que, por exemplo, outros aspectos do filme te ajudam a entender o filme, que não só a legenda? Por exemplo, a imagem, o som?

Com certeza, justamente a imagem, o som ajudam sim. Às vezes nem tem que recorrer à legenda.

Você acha que às vezes a legenda atrapalha?

Não, não atrapalha.

Ela sempre é um facilitador? Ela nunca atrapalharia?

Até porque se, por exemplo, eu não precisar dessa facilitação, eu simplesmente ignoro a legenda. Eu consigo entender o negócio sem ter que ler a legenda.

Então, nem sempre você é totalmente dependente da legenda?

É, não, mas depende também. Tem que ser uma coisa bem clara no filme, nas imagens mesmo.

Então, além da legenda têm as imagens que te ajudam, o que mais?

O som também.

E você acha que, às vezes, o contexto, por exemplo, quando você já está acompanhando o filme digamos, lá pro meio do filme, essa legenda já é desnecessária porque você já entendeu o que estava vindo antes? Você acha isso que também ajuda?

Ajuda, acontece.

Acontece?

Uhum. (sic)

Na questão dezessete, que eu perguntava se a dublagem poderia ser considerada assim mais democrática porque ela alcançava um público maior por ter a necessidade de uma leitura pra, por exemplo, a legenda. Ou se a dublagem na verdade não, ela negava, por exemplo, você ter acesso à língua estrangeira, né? Você me disse que você acha que a dublagem não era mais democrática porque ela não favorecia o aprendizado da língua estrangeira e acabava impedindo também o interesse da pessoa em ler. Mas, assim, e aqueles que não sabem ler ou que têm alguma dificuldade na leitura, não sei... Você acha que elas não ficariam à margem, por exemplo, da cultura que é transmitida pelo filme?

É, não, realmente olhando por esse aspecto sim. Nesse caso a dublagem é fundamental pra essas pessoas.

Aí, você considera ela mais democrática nesse sentido?

Nesse sentido sim, nem tinha me atentado nesse detalhe, mas é verdade.

Porque, às vezes, acaba que a pessoa não tem o conhecimento, não sabe ler ou tem alguma dificuldade, às vezes, não consegue acompanhar a legenda e, às vezes, a dublagem é... Agora, é claro que tem esse outro aspecto, não sei se você concorda, porque você não tem acesso à língua estrangeira mesmo, você priva a pessoa disso.

É, e priva a pessoa também de desenvolver um interesse, porque, às vezes, mesmo a pessoa tendo ali... Ela consegue ler, ela consegue acompanhar a legenda perfeitamente, ela sempre prefere selecionar logo a dublagem, o filme dublado do que o legendado, até por preguiça.

Por preguiça?

Por preguiça.

É, pode acontecer mesmo.

Acontece com várias pessoas.

Você acha, assim, que então a legenda, ela exige mais do espectador porque é, digamos, um objeto estranho que está lá e que não faz parte do filme e foi inserida, é estranho ao filme; você acha que isso pode dificultar e acaba que exige mais do espectador?

Exige, exige mais.

Porque tem que assistir ao filme?

Porque tem que assistir ao filme, tem que ler, tem aquela questão de acompanhar a legenda, acompanhar o filme e tem que fazer isso rapidamente pra não perder.

Certo. Agora uma pergunta, que assim, é super interessante. O que levou você a concluir que o caçador de pipas era o Amir?

Deixa eu tentar lembrar o porquê.

Não sei se você lembra do filme direitinho ou não...

Eu lembro do filme.

O Amir é o principal, é o protagonista. Por que você acha que ele que é o caçador de pipas?

(interrupção da gravação – parte III)

Eu acho que ele é o caçador de pipas até mesmo porque o filme fala sobre ele, mas porque ele está sempre em busca de alguma coisa que ele não sabe o que é na vida dele e vai embora. Então, eu acho que ele está sempre em busca de outra coisa que nem mesmo ele sabe o que é.

É como se ele tivesse sempre caçando?

Sempre caçando alguma coisa. Alguma coisa que ele perdeu ou até mesmo não perdeu.

Entendi.

Ele está sempre buscando alguma coisa. Eu acho que no final ele devia ir a um psicólogo. (risos)

Bom, no questionário da parte específica, que foi aquele que eu ia passando e que tinha as perguntinhas, na primeira eu perguntava o significado de jan e se o significado permanecia o mesmo nos dois momentos, naquelas duas cenas que eu coloquei. Aí você me disse que talvez era uma palavra carinhosa, né? Não tinha um significado específico, mas transmitia um carinho. Você acredita que a tradução do termo jan era necessário para o seu entendimento do filme, desse trecho? Porque não foi traduzido, foi colocada a legenda, mas sem a tradução.

Isso. Eu acho não era necessário, mas seria interessante se tivesse.

Por quê?

Porque a gente fica curioso. Eu acho que é algo que está transmitindo sentimento, alguma coisa assim, mas eu queria ter certeza se eu estou certa ou não. Acho mais interessante.

Mas você essa certeza que você queria ter foi porque eu perguntei ou porque o filme mesmo, você sentiu falta ou não na hora do filme você nem...?

Porque você perguntou. (risos)

Porque eu perguntei, aí você se ligou da palavra. (risos)

Até então, porque eu acho que a gente tá sempre buscando não perder o sentido.

Aí, nesse caso, você acha era necessário porque eu perguntei se você queria saber o significado?

Mas na hora do filme você achou que era necessário?

Não, não. No filme não. Eu senti...

Você conseguiu entender, mesmo que não fosse assim: “É esse o significado”?

Uhum(sic), mesmo.

E você acha assim, por que você acha que o tradutor optou em não legendar? Não traduzir?

Não sei, talvez não tenhamos o significado. Eu acho.

Talvez, assim, tenha alguma coisa muito específica da cultura?

É, que ele também achou desnecessário ou, então, talvez ele nem sabia. (risos)

É, não sei... Assim, você não acha que talvez por ele querer manter uma característica cultural da fala?

Pode ser. É, é verdade, ele quis manter aquilo ali.

É, né? Já que eles eram afegãos, de repente manter a cultura.

Até porque se ele tirasse ia descaracterizar totalmente a cultura, a língua.

Certo. Na outra cena que eu mostrei, logo em seguida, aparecia a palavra contenda e aí eu perguntava o significado e se essa escolha dessa palavra influenciou no seu entendimento. Aí, você me disse que acreditava que significava disputa, né? E realmente acredita mesmo. Oh, acredita. (risos) É isso mesmo, é disputa. E você me disse que influenciou no seu entendimento essa escolha, de que maneira ela influenciou, assim, o seu entendimento?

Você que, de repente, se fosse uma palavra mais comum, de domínio público, você acha que seria mais apropriado pra essa tradução?

Não, não acho. Seria interessante também se fosse uma palavra mais comum, seria mais democrático. Mas essa inserção de palavras mais, não tão utilizadas no cotidiano, eu acho interessante que até desperta você a ampliar o seu vocabulário.

Mas por que, você acha, o tradutor escolheu contenda ou invés de disputa? Por que ele não pôs disputa? Por que será que ele foi por uma palavra mais sofisticada, digamos?

Eu acho que exatamente por isso, para sofisticar o filme. (risos)

Pra sofisticar o filme?

Pra causar mais impacto só.

Entendi. Certo. Na outra pergunta, na três, eu perguntava inshallah, o que significava e aí depois eu perguntava por que não houve tradução de novo. Se não houve tradução, então, a legenda era necessária? Porque ele colocou simplesmente a legenda sem traduzir, né? E depois vinha uma outra cena que eu coloquei, que também tinha inshallah que aí já era com uma outra entonação. Eu perguntava se você tinha percebido essa entonação. Aí você disse que provavelmente significaria “se Deus quiser”, alguma coisa assim. Você achava que não era necessário ter a legenda nesse caso não, porque deu pra entender o significado da expressão. E na outra cena, você percebeu a entonação meio irônica de quando o personagem falava. Então, assim, se você percebeu a entonação, significa que a legenda não prejudicou o seu auditivo, é isso?

Isso.

E isso pode ocorrer sempre? A legenda não prejudicar o som do filme?

Acredito que sim, porque quando você está concentrado em ver o filme, eu acho... Não precisa ser claro não.

Mas, enfim, a legenda ela não, por exemplo, quando você está lendo a legenda você consegue ler a legenda e presta atenção no... Nesse caso aqui você percebeu a entonação - Ahan (sic) – Agora, por exemplo, em outros filmes legendados, você está lendo a legenda e ao mesmo tempo você tem que escutar o que está sendo dito. Você acha que em algum momento a legenda te prejudica?

Se me prejudicou até hoje eu não percebi, porque eu consigo acompanhar, ouvir e ler a legenda. Até porque eu não paro pra isso, o que significa essa palavra. É como a gente falou, é inconsciente, você já anima, foi pra outra...

Aí você já escuta, você já vê a imagem? A legenda ali está pra você, assim, de maneira... Sei lá. Você lê a legenda naturalmente, você não está preocupada em ler a legenda... Você leu, é natural. É, é muito natural, é uma coisa... É porque uma complementa a outra; a imagem complementa o som, que complementa a legenda, a legenda complementa tudo, então...

Você acha que nada atrapalha?

Não, não.

Tem harmonia?

Tem.

A outra colocava... Eu primeiro coloquei a cena dublada e depois legendada pra ver se você reparava o que tava ali no fundo. (risos) Aí eu perguntava o que estava escrito na placa e se de alguma maneira a legenda tinha atrapalhado na percepção dessa cena. Aí você disse que não conseguiu visualizar a placa.

Não.

E que, na verdade... Como é que você colocou? “Na verdade eu nem estava muito atenta à legenda em si, eu ficava mais voltada para as expressões dos personagens.” Certo. Aí a minha pergunta é a seguinte: a sua atenção estava voltada pras expressões teve alguma influência dessa pesquisa, por exemplo, você se concentrar nas expressões... Você estava concentrada porque você estava participando da pesquisa ou porque não, você realmente, tipo, seleciona quando que você se concentra na legenda e quando você se concentra nas expressões dos personagens? Na verdade, quando você disse as expressões, você quis dizer expressões de palavras, assim ditas, ou expressões faciais?

As duas.

As duas?

Isso.

Então, quando você fala das expressões, eram as expressões que estavam na legenda que ele também era dublado e legendado, na verdade eram os dois. Aí você estava mais preocupada com as expressões que eu estava perguntando, que antes eu já tinha perguntado sobre jan, sobre inshallah. Aí, você se focou nisso. - Na legenda do nome? - Nessas expressões, e aí, por isso que você não prestou atenção na legenda... Como é que aconteceu isso? Por que você se focou nessas expressões? Eu acho que o que eu quis dizer, o que os personagens estavam passando, o rosto, gestos. E na legenda também, que eu queria meio que ver e comparar. Aí, por isso que eu não reparei o restante, o que tava... Porque era secundário, a placa é secundária. Até hoje eu não sei que placa é essa. (risos) Você ainda vai ver. Se quiser eu te mostro. (risos) Entendi, então, realmente não era importante?

Não.

Você acha que isso acontece em outros filmes? Às vezes, assim, alguma coisa que passa atrás, ou alguma cena, não necessariamente atrás, acaba que você não presta atenção por conta da legenda? Você acha que isso pode acontecer ou já aconteceu?

Eu acho que pode acontecer, já aconteceu. Mas depende se você está concentrado naquela parte principal do personagem, da narração, que realmente o que tá passando atrás, você passa batido mesmo.

A outra eu perguntava o significado de salaam e aí em uma cena tinha a legenda, aí passava uma outra cena que era no hospital e que não tinha a legenda. Eles chegavam, falavam e não tinha legenda nenhuma. Aí, eu perguntava por que não tinha essa legenda e você me disse que acha que não era importante na segunda cena a legenda, talvez porque o enfoque era em outra situação, né? Se você acha que, em alguns momentos, por que o tradutor optou em não legendar, em alguns momentos?

Talvez seja porque essa mesma expressão já apareceu em cenas anteriores.

E aí, você acha que fica claro pro receptor?

Isso.

Você acha que isso prejudica o seu entendimento em algum momento? A falta da legenda? Não necessariamente nessa cena, mas assim em alguma outra, você acha que quando o tradutor não legenda, você sente falta? Você acha que te prejudica?

Em algumas situações, mas não em todas também.

Em que situações, assim?

No caso do filme, o jan.

O jan?

O jan. Aquilo ali seria interessante ter uma tradução, até pra matar a curiosidade, pra saber o que é, o que significa. (risos)

Mas aí é porque você ficou preocupada com a pesquisa, né? Mas outros filmes mesmo, não necessariamente esse. Outros filmes, às vezes, o tradutor não legenda. Por exemplo, a gente até viu aqui, vamos então voltar pra esse filme, naquela cena que tem vários, uma cena de ação, que ele está fugindo com o menino... Ali começam a falar e não tem legenda nenhuma, né? Você acha que ali é necessário?

Não, não mesmo.

Por quê?

Porque a cena é muito dinâmica e mesmo sem legenda você consegue entender tudo o que tá acontecendo, aquela situação de briga, de desentendimento, de dor, de término.

Você, mais ou menos, adivinha o que está acontecendo ali?

É.

Você acha que se tivesse a legenda te prejudicaria?

Eu acho que não prejudicaria, até porque eu não iria recorrer à legenda. Eu ia só acompanhar o filme e a legenda ia passar batido.

Talvez, por isso, o tradutor não tenha colocado.

É, isso. Tá certo. Brigada por ter participado.